

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE HISTÓRIA**

Salomão Caique Dal Ri Ignacio

**TRABALHADORES EM FLAGRANTE: O COTIDIANO DOS PROFISSIONAIS  
DAS RUAS CARIOCAS SOB O TRAÇO E A LENTE DA *FON-FON!* (1907-1909)**

**UBERLÂNDIA**

**2023**

Salomão Caique Dal Ri Ignacio

**TRABALHADORES EM FLAGRANTE: O COTIDIANO DOS PROFISSIONAIS DAS  
RUAS CARIOCAS SOB O TRAÇO E A LENTE DA *FON-FON!* (1907-1909)**

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como pré-requisito para conclusão do curso de graduação em Licenciatura, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniela Magalhães da Silveira.

**UBERLÂNDIA**

**2023**

SALOMÃO CAIQUE DAL RI IGNACIO

**TRABALHADORES EM FLAGRANTE: O COTIDIANO DOS PROFISSIONAIS DAS  
RUAS CARIOCAS SOB O TRAÇO E A LENTE DA *FON-FON!* (1907-1909)**

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como pré-requisito para conclusão do curso de graduação em Licenciatura, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniela Magalhães da Silveira.

Uberlândia, 1 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniela Magalhães da Silveira

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Flávia Cernic Ramos

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Spini

## AGRADECIMENTOS

Dulcila Joana Dal Ri Ignacio e Rogério da Silva Ignacio, os meus pais. Cada linha desta monografia foi escrita por nós. Em cada passo da minha vida pude contar com apoio e segurança de saber que tenho vocês sempre ao meu lado. Na verdade, este trabalho também é sobre vocês. Descobri, depois de um bom tempo em minha pequena trajetória de pesquisa, que estudar o dia a dia de trabalhadoras e trabalhadores não foi uma escolha aleatória. Na lida diária desde a infância, com poucas oportunidades de estudos, vocês proporcionaram o mundo para mim.

Meu pai, uma criança de 6 anos, sem mais ir para a escola, ganhou as ruas de Ribeirão Preto para se tornar um vendedor ambulante de biju (um doce). O mais velho de 4 irmãos, encarou toda dificuldade de passar parte da infância nas ruas, lidando com todo tipo de situação, com certeza não foi nada fácil. Você me ensinou tudo que tenho a saber a respeito delas. Sempre me orientou a não ser um tipo valentão e briguento. Nada disso, ele sempre citou Racionais Mc's para mim: "Quem não é visto, não é lembrado". Ao mesmo tempo, sempre foi um homem muito conhecido e admirado nas ruas, aprendi um pouco com ele.

Minha mãe, a mais nova de 6 irmãos, aos 24 anos saiu de sua cidade natal para encarar Ribeirão Preto junto de uma de suas irmãs. Buscando trabalho, foi vendedora em diversas lojas de departamento na cidade. Trabalhava e fazia cursinho. Ingressou, com 29 anos, no curso de Biomedicina em uma faculdade da cidade. Trabalhava e fazia faculdade. Formada, já chegou a 3 empregos simultâneos pelos laboratórios da cidade – a categoria dos biomédicos ganha muito mal! Imagina como era esse cotidiano, uma mulher caminhando por toda cidade, passando por tudo e mais um pouco. Minha mãe sempre foi a pessoa mais próxima que tive durante minha vida. Dividimos tudo um com o outro. Sempre cuidamos um do outro e, assim, será!

Ambos se encontraram, firmaram casamento e em 2001 eu nasci. Por conta de toda essa trajetória, ambos só pediam uma coisa para mim: estude! Eles sempre me proporcionaram liberdade de escolha sobre meu futuro: hoje estou me formando em História. Por eles, graças a eles. Hoje minha mãe é aposentada, mas não parou de trabalhar. Meu pai até hoje trabalha, quase sempre trabalhou sem carteira assinada. Espero poder retribuir cada vez mais com eles. No curso de História sempre busquei fazer tudo bem-feito e com muita seriedade. Minhas pesquisas, provas, apresentações e relações. Isso tudo foi e será por vocês! Hoje, só tenho a agradecer por tudo e entrego essa monografia em suas mãos. Estudar sobre o cotidiano do trabalho e não contar a história de vocês seria incoerente de minha parte. Eu amo vocês!

Daniela Magalhães da Silveira, minha orientadora. Junto de meus pais e amigos mais próximos, a Dani é uma das pessoas que mais sinto vontade em estar junto. Seja em reunião, presencial ou *online*, em sua casa ou em restaurantes comendo deliciosas comidas, a leveza e alegria proporcionada por ela é instigante. Nossos encontros são sempre rodeados de risadas e muita falação. Daniela me acolheu durante o caos da pandemia. Fui enxerido mandando mensagens no Instagram pedindo para participar de seu grupo de estudos. Sempre nos incentivando a pesquisar, começamos nosso primeiro trabalho juntos, tudo pela tela do computador. Com muita paciência, pois sou um orientando muito complicado, foi me ensinando a beleza da pesquisa em História. Nunca desistiu de mim. É um tipo de orientadora que sempre está ao lado de seus alunos, disposta a marcar reuniões e com atenção redobrada nas correções – ela tem bons olhos nas correções rrsrsr.....!

Passamos por duas iniciações científicas, ganhamos um prêmio destaque na UFU por uma delas, e agora essa monografia. Que trajetória! Mas, nada disto se compara a tudo que você me proporcionou enquanto pessoa e historiador em formação. Eu aprendo a cada segundo, seja nas aulas, reuniões e, claro, em suas produções acadêmicas. Excelente pesquisadora, a toda nova produção publicada fico pronto para mais uma leitura do que tem a nos dizer. Eu só tenho agradecer o acolhimento, ensinamentos e a leveza em todos os momentos que estamos juntos. Hoje, além de professora e orientadora, te levo para vida como amiga!

Os amigos são tantos, que se for citar esquecerei muitos. Entretanto, para aqueles que estão em meu dia a dia, compartilhando alegrias e tristezas, biblioteca e restaurantes, bares e academia, saibam que estes agradecimentos são para vocês. Dos de Ribeirão Preto aos de Uberlândia, vocês fazem minha vida melhor e mais alegre. Eu amo rir ao lado de cada um de vocês, assim como, ouvir e fazer parte da trajetória de suas trajetórias de vida da mesma forma que fazem da minha. Muito obrigado por tudo!

Ana Flávia Cernic Ramos e Ana Paula Spini, a banca desta monografia. Duas professoras e pesquisadoras do Instituto que tive o prazer de estar junto ao longo desses anos. Com a Spini, passei por duas disciplinas e com a Flávia por uma. Com a Ana Paula, pude conhecer um pouco mais da história da América Colonial e Independente e realizar, com muita liberdade, produções de fôlego nos quais ela sempre esteve presente a nos orientar da melhor forma. Com Ana Flávia, além das repetidas vezes em que fui às oficinas que a professora ministrou para nós, tive o prazer de ser seu aluno em Métodos e Técnicas de Pesquisa em História. A forma de deixar tudo tão simples foi encantadora, pude olhar para a pesquisa e a

escrita em História com outros olhos a partir das leituras atentas que fez de meus trabalhos. Muito obrigado, professoras, ter vocês ao meu lado nesse de término do curso é primordial!

Não posso deixar de agradecer ao corpo técnico da Universidade, principalmente aqueles que compõe os serviços essenciais no Instituto de História e na biblioteca do Santa Mônica. Aos professores do INHIS/UFU e do colégio que fiz todo meu ensino básico, em especial ao Vítor Queiroz Santos, sem ele não estaria me formando em História, o meu muito obrigado!

## RESUMO

Esta monografia tem como objetivo central a análise, por meio da revista ilustrada *Fon-Fon!*, do cotidiano da categoria de trabalhadores de rua da cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1907 e 1909. Em um recorte imediatamente posterior às reformas urbanas de Pereira Passos, partimos de uma investigação minuciosa do periódico, que aqui é considerado fonte e objeto de pesquisa, para elencar textos escritos e imagéticos que faziam referência a essa cidade recém-reformada e, por meio delas, identificar quais locais da cidade e os sujeitos sociais que os redatores da *Fon-Fon!* escolhiam privilegiar em suas páginas. Dessa forma, propomos uma série a partir da coluna de fotografias “Rio em flagrante: os nossos instantaneos”, na qual identificamos, nas margens dos registros, a presença dos trabalhadores de rua que o semanário buscava esconder. Levando em consideração esses levantamos, propõe-se, também, considerações acerca de um Ensino de História que fuja das abordagens tradicionais sobre o passado a partir de recortes da *Fon-Fon!*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalhadores de Rua; revista *Fon-Fon!*, Rio de Janeiro, Reformas Urbanas.

## ABSTRACT

The central aim of this monograph is to analyze, through the illustrated magazine *Fon-Fon!*, the daily life of street workers in the city of Rio de Janeiro between 1907 and 1909. In a section immediately after Pereira Passos' urban reforms, we started with a thorough investigation of the periodical, which is here considered a source and object of research, to list written texts and images that referred to this newly reformed city and, through them, to identify which places in the city and the social subjects that the editors of *Fon-Fon!* chose to focus on in their pages. In this way, we proposed a series based on the photo column "Rio em flagrante: os nossos instantaneos", in which we identified, in the margins of the records, the presence of the street workers that the weekly tried to hide. Taking these findings into account, we also propose considerations about teaching history that escapes traditional approaches to the past, based on clippings from *Fon-Fon!*.

**KEYWORDS:** Street Workers; *Fon-Fon!* magazine, Rio de Janeiro, Urban Reforms.

## SUMÁRIO

---

<b>Introdução</b> .....	9
<b>Capítulo 1 – Entre a historiografia e a imprensa: como reverberaram as reformas urbanas de Pereira Passos?</b> .....	30
I) Retrospecto e cuidados acerca da historiografia do período das reformas urbanas do Rio de Janeiro do início do século XX.....	30
II) Uma cidade “melhorada” é uma cidade vazia? Melhoramentos urbanos cariocas sob a ótica e a pena da Fon-Fon! .....	38
<b>Capítulo 2: Os trabalhadores de rua nas margens da <i>Fon-Fon!</i></b> .....	54
I) “Rio em Flagrante: Os nossos instantaneos”: o ordinário como ponto de partida .....	54
II) Os pontos de distribuição: a primeira parada dos trabalhadores de rua] .....	66
III) Ganhando a cidade: trabalhadores nas ruas em busca da sobrevivência diária .....	79
<b>Capítulo 3 – Ensino de História e Imprensa: contribuições teórico-práticas para o estudo do cotidiano dos trabalhadores em sala de aula</b> .....	91
I) Levantamento temático: fonte e bases teóricas para confecção de uma aula sobre as festividades do 1º e 13 de maio .....	91
II) Festividades, Trabalho e Abolição na Fon-Fon!: considerações para aplicação de uma aula sobre Brasil republicano .....	98
<b>Considerações finais</b> .....	103



## Introdução

Periódico que alcançou importante relevância nacional em seu período de produção, dentre anos de 1907 e 1958, a revista *Fon-Fon!* é fonte e objeto de pesquisa do presente trabalho. Com o objetivo de observar os desdobramentos das reformas urbanas do início do século XX na cidade do Rio de Janeiro, até então capital federal e vitrine do Brasil para o mundo, a presente investigação toma como base material os gêneros de textos veiculados na revista estudada. Em específico, buscaremos atribuir maior atenção ao tipo textual que, para a época, era visto como um traço de modernidade e se apresentava como grande novidade, quando observamos a história da grande imprensa no Brasil: os textos imagéticos. Por isso, a escolha da *Fon-Fon!* e, sobretudo, das fotos da cidade do Rio de Janeiro difundidas pela revista, como objetos de estudo, está firmada em seu potencial de evidenciar o projeto moralizador e excludente de sociedade urbana requerida pela elite brasileira do período de estudo.

De maneira mais precisa, a pesquisa restringe sua investigação aos dois anos iniciais de publicação da *Fon-Fon!*, de 1907 a 1909, momento imediatamente posterior às grandes interferências de remodelação urbana comandadas pelo prefeito Pereira Passos – o governante assumiu tal função executiva na cidade entre dezembro de 1902 a novembro de 1906. Com isso, o período pretendido para estudo inicia-se 5 meses após as reformas de Passos, o que contribuiu para uma observação rica acerca da maneira como aquele movimento de remodelação urbana reverberou, sobretudo, através das fotografias da cidade. Este momento da História do Brasil que a presente monografia buscará investigar é conceituado pela historiografia como *Belle Époque* brasileira, um espaço temporal definido a partir dos primeiros anos republicanos até a eclosão, na Europa, da Primeira Guerra Mundial.

Por isso, conjugar transformações urbanas no Rio de Janeiro, República e Imprensa será a base analítica deste trabalho e, com esse fim, colocaremos em discussão algumas produções no campo da História e de outras áreas que propuseram estudos com tais categorias de investigação, em especial, que tomaram a revista ilustrada *Fon-Fon!* como fonte principal de pesquisa. Dos trabalhos aqui elencados, iremos destacar seus objetivos e considerações principais, para que, em paralelo, seja possível traçar aproximações e distanciamentos em relação às pretensões desta monografia. Por utilizarmos um veículo da imprensa como meio de estudo do passado, mostra-se indispensável começarmos esta discussão bibliográfica entendendo o contexto da história da imprensa no qual a *Fon-Fon!* está inserida.

Para tal, levaremos em consideração o que foi proposto pela historiadora Maria de Lourdes Eleutério, na parte dois do livro *História da Imprensa no Brasil*, organizado pelas historiadoras Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca. Eleutério intitula suas reflexões no livro como “Imprensa a serviço do progresso” e traça uma importante relação entre as mudanças políticas e urbanas que vinham ocorrendo no país desde o final do século XIX com o surgimento da necessidade de uma nova dinâmica na imprensa.<sup>1</sup> Esta inovação no procedimento levou em consideração o aprimoramento da comunicação em massa, abaixando os custos e aumentando a produção dos periódicos, fazendo uso mais intenso e diverso de imagens, tais como: charges, caricaturas e fotografias.<sup>2</sup>

É justamente neste momento de expansão e pluralização dos periódicos no Brasil que a revista ilustrada *Fon-Fon!* surgiu. Ainda em seu texto, Maria de Lourdes Eleutério, ao segmentar sua escrita, propõe o subitem “A *Belle Époque* nas revistas”, o qual trata, em grande medida, das revistas *Kosmos* e *Fon-Fon!*. Sobre a última, a historiadora afirma que

Suas capas e páginas espelhavam a autoimagem que a elite e as classes médias em formação faziam do progresso: fotografias de modernos edifícios, a amplitude da avenida Central, flagrantes de transeuntes nas movimentadas ruas de comércio no centro da cidade, figurações do urbanismo, tudo isso impresso em papel couchê de alta gramatura, veiculando os textos entre guirlandas *art nouveaux*.<sup>3</sup>

A autora expôs acima dois dos pontos que terão destaque neste trabalho, que serão: a análise da forma como aparecem na revista as “fotografias de modernos edifícios” e os “flagrantes de transeuntes nas movimentadas ruas de comércio no centro da cidade”. A preocupação que guiará as investigações estará firmada em observar quais e de que maneira os sujeitos daquela sociedade carioca estavam presentes nas imagens publicadas na revista. Para isso, será proposta uma espécie de geografia das fotografias do espaço urbano do Rio de Janeiro, a partir da qual, iremos relacionar os espaços da cidade (embelezados/elitizados ou não) com os sujeitos que neles circulavam (em especial, a classe trabalhadora que labutava nas ruas do Rio de Janeiro e aqueles sujeitos que compunham a elite carioca, seja a intelectual, a política ou econômica).

---

<sup>1</sup> ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. “Imprensa a Serviço do Progresso”. In: LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (organizadoras). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. pp.83-102.

<sup>2</sup> *Ibidem*, pp.83-84. Os grandes veículos da imprensa passam, a partir dessa virada, a atender como empresa editorial, movimento sustentado pelo seguinte tripé: aprimoramento técnico da imprensa, aumento nos índices de alfabetização e o estímulo da produção nacional de papel (matéria prima principal da imprensa). Esta nova imprensa tornou o periodismo um segmento polivalente por passar a influenciar outros setores do mercado, tais como: a lavoura, comércio, indústria, finanças etc.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p.90.

Eleutério comunica, então, que o uso corrente de ilustrações e fotografias nas revistas desse contexto atendia, para além de uma elite letrada, “uma população com alto índice de analfabetismo, para a qual imagens comunicavam mais que texto.” Esta comunicação mostrava aos leitores uma nova cidade, em partes reformada, as quais serviam como “matriz ideal para percepção do propalado progresso”<sup>4</sup> que, supostamente, a cidade vinha passando naquele período. Eleutério instiga a minha pesquisa ao oferecer caminhos para entender a relação entre as características principais da revista estudada e de seu contexto de surgimento, em uma cidade do Rio de Janeiro que ansiava, por parte das elites intelectuais e endinheiradas, em se tornar uma cidade aos moldes europeus. Entretanto, somaremos a historiografia do tema ao identificar, na e por meio da *Fon-Fon!*, uma cidade habitada por imigrantes pobres e sujeitos que descendiam diretamente do período do cativo brasileiro. A análise das margens das fotografias da cidade, que tinham a intenção de evidenciar a elite transeunte na cidade reformada, nos ajudou a chegar a este objetivo.

Caminhando nesse sentido, Maria Cecília Zanon contribui para o estudo na medida em que propõe ponderações introdutórias acerca de alguns pontos centrais desta monografia: a revista *Fon-Fon!* e a *Belle Époque* brasileira. Em seu artigo intitulado de “A sociedade carioca da *Belle Époque* nas páginas do *Fon-Fon!*”<sup>5</sup>, Zanon evidencia as potencialidades de se tomar a revista aqui estudada como objeto de análise para buscar entender os “comportamentos, as atitudes e as idiossincrasias” dos sujeitos que compunham a sociedade daquele recorte temporal.<sup>6</sup> Observar tais fatores é de suma importância pois os tomaremos como base para compreender, posteriormente, o desejo de parte deste meio social em afastar as classes pobres de seu convívio cotidiano e de ter controle sobre elas, sobretudo da classe trabalhadora.

A autora inicia seu texto ponderando ser a *Fon-Fon!* um “importante documento sobre a vida sociocultural do Brasil” de um momento imediatamente posterior a dois processos de grandes tensões internas no país: a abolição da escravidão e a instauração da república.<sup>7</sup> Ter como base de estudo um veículo da imprensa voltado para a elite e que se insere em um período, sobretudo, pós-abolicionista, ajudará a compreender e evidenciar os apagamentos e os destaques presentes nas páginas dessa revista em relação a assuntos que envolvam diretamente os sujeitos subalternizados daquela cidade. Não à toa, a pesquisa irá direcionar parte de seus esforços em

---

<sup>4</sup> *Ibidem*, p.91.

<sup>5</sup> ZANON, M. C.. “A sociedade carioca da *Belle Époque* nas páginas do *Fon-Fon!*” Patrimônio e Memória (UNESP), v. 4, p. 217-235, 2009.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p.234.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p.217.

examinar a maneira como a *Fon-Fon!* tratou as comemorações do 1º e do 13 de maio (Dia do Operário e as solenidades ao Dia da Abolição) e, assim, propondo reflexões a partir da ótica do Ensino de História.

A revista, ainda, era uma grande difusora do modo de vida moderno para aquele momento, trazendo em suas publicações “as últimas novidades de Paris, o maior centro de elegância do mundo, em matéria de modas femininas e infantis”<sup>8</sup>, a replicação de costumes sociais adequados para aquele novo cenário urbano e publicações, em grande medida imagéticas, da cidade do Rio de Janeiro recém-reformada. Em paralelo aquela bela época que se dizia haver na cidade, o progresso e o moderno incutidos naquele espaço e que apareciam nos tipos textuais da *Fon-Fon!*, reprimiram, desde a virada do século, os “grupos populares e costumes tradicionais”, buscando transformar o Rio de Janeiro na Paris dos trópicos.<sup>9</sup> Levar em consideração, então, que na fonte de análise há a presença de uma série de códigos de conduta do que se pretendia moderno, da forma de se vestir ao comportamento em público, corrobora com a metodologia de identificar os sujeitos de classes distintas nas publicações da revista, ponto chave durante o desdobramento do trabalho.

A historiadora Fabiana Lopes da Cunha, em sua tese de doutorado defendida em 2008 e intitulada de *Caricaturas carnavalescas: carnaval e humor no Rio de Janeiro através da ótica das revistas ilustradas Fon-Fon! e Careta (1908-1921)*, propõe uma investigação, por meio das revistas ilustradas *Fon-Fon!* e *Careta*, da relação entre carnaval e humor, a partir da perspectiva de intelectuais que se ocupavam desses periódicos.<sup>10</sup> A autora defende que estudar as manifestações carnavalescas por meio dos textos satíricos publicados nesses periódicos vai além do esforço de escrever uma história do carnaval, indo ao encontro, então, de evidenciar o “contexto do período, os problemas políticos, a moda, as inovações e mudanças na vida da população carioca”, assim como, primordialmente, o papel político do humor naquela sociedade.<sup>11</sup>

Fabiana Cunha expõe ainda a maneira satírica como canções populares e publicações das revistas estudadas se referiam às reformas no Rio de Janeiro – vale lembrar, que essas reformas iam para além dos “melhoramentos urbanos”, criticavam-se as mudanças na educação,

---

<sup>8</sup> ZANON, M. C.. “A sociedade carioca da Belle Époque nas páginas do *Fon-Fon!*” *Patrimônio e Memória (UNESP)*, v. 4, 2009, p.219.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p.223.

<sup>10</sup> CUNHA, Fabiana Lopes da. *Caricaturas carnavalescas: carnaval e humor no Rio de Janeiro através da ótica das revistas ilustradas Fon-Fon! e Careta (1908-1921)*. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p.51.

as formas estapafúrdias de manter a salubridade da cidade, as mudanças mal planejadas da guarda civil etc. Essas manifestações críticas, durante o período carnavalesco, eram feitas tomando como pano de fundo elementos dessa festividade: usava-se, para além do conteúdo musical, ilustrações de blocos e carros carnavalescos.<sup>12</sup> Para além dessas críticas às políticas públicas municipais e federais aplicadas na cidade do Rio de Janeiro, a autora conjuga carnaval e as reformas para compreender as formas pelas quais as elites cariocas tentavam controlar as folias de fevereiro.

Neste sentido, a premissa utilizada pela autora vai ao encontro com a base teórica desta monografia: o desejo das altas classes em reformar, sobretudo, os grandes centros populacionais do país iam além das mudanças estruturais urbanas. Buscaram interferir nos hábitos tradicionais, fazer esquecer (ou esconder) elementos da cultura popular junto do deslocamento forçado dos pobres das áreas centrais e a incorporação desmedida de hábitos europeus ao cotidiano brasileiro. A partir desse pressuposto, Cunha infere que comemorações públicas como o carnaval também passariam por tentativas de remodelações forçadas, com isso, a criação de desfiles ao longo da cidade veio como uma estratégia de controlar e instaurar uma maneira “civilizada” de ocupar as ruas durante as comemorações – uma das práticas que a elite utilizava para demonstrar seu poder.<sup>13</sup> Os tipos de vestimentas, a forma de se comportar e, até mesmo, quais instrumentos deveriam ser usados ou não são elementos que passaram a ser controlados, a partir dessa interferência das elites cariocas no carnaval.

Uma fração dessa aristocracia, o segmento dito intelectual, que se ocupava, por exemplo, de produzir o conteúdo de parte da imprensa que circulava no país, fazia sua parte nesse controle por meio de publicações em periódicos. De tantas que Cunha traz a sua tese, chama atenção a uma que fora veiculada na *Fon-Fon!*, uma ilustração seguida de um pequeno diálogo exposta na coluna “Diário das Ruas”, com o título *Igualdade Carnavalesca*.<sup>14</sup> Tal publicação, utiliza-se do humor e sarcasmo para criticar a presença de sujeitos de classes sociais distintas (ricos e pobres) em uma mesma comemoração carnavalesca, fato que gerava medo e estranheza na elite, fazendo, até,

exigir que todos os mascarados tivessem que sair portando uma licença, e quem não a possuísse, caso fosse interpelado por alguma autoridade policial, deveria ser detido. Esta foi uma das formas de se controlar e evitar a sensação

---

<sup>12</sup> Para observar as publicações escritas e imagéticas analisadas pela autora e, em partes, expostas aqui, conferir *Ibidem*. pp. 232-245.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p.247.

<sup>14</sup> Cf. *Ibidem*, p.251.

de insegurança que os mascarados, transitando ou dançando pelas ruas, transmitiam a parte da sociedade.<sup>15</sup>

De maneira mais específica, Cunha traz uma importante contribuição à mediada que leva as revistas de seu estudo como objeto de pesquisa e, com isso, oferece à historiografia importantes apontamentos sobre as características das suas fontes, o que foi de grande valia para esta monografia. Nos anexos de sua tese, a historiadora disponibiliza uma tabela com apontamentos caros acerca dos colaboradores da *Fon-Fon!* e *Careta*, a qual serviu como base consultiva de informações sobre a fonte e objeto desta pesquisa. Para além desse fator, Fabiana Cunha, ao traçar o perfil da revista a partir de suas análises, sobretudo das ilustrações, oferece base teórica para os objetivos do presente trabalho no que se refere os embates cotidianos entre os abastados e empobrecidos. Por fim, estudar e interpretar formas de humor e sarcasmos fora de nosso tempo presente é extremamente complicado, por isso, sempre que preciso, a tese de Cunha foi acionada como referência primordial dentro dessa perspectiva de conhecimento histórico.<sup>16</sup>

Os estudos se distanciam, à medida que analisaremos com maior frequência as fotografias da cidade do Rio de Janeiro, buscando nelas elementos daquele cotidiano excludente que as câmeras da *Fon-Fon!* flagraram, mesmo que sem intenção. Ainda nesse sentido, mesmo que os sujeitos da análise da autora tangenciam a classe trabalhadora, trataremos especificamente de tais sujeitos e de que maneira os trabalhadores das ruas cariocas vivenciaram o projeto reformista urbano e moral do Rio de Janeiro. Porém, todo levantamento e metodologia do estudo iconográfico feito pela autora, seu esforço em expor o perfil da revista e seus colaboradores, assim como, a apresentação de parte da perspectiva da *Fon-Fon!* acerca das reformas urbanas se mostram presentes neste trabalho.

Outra historiadora que produziu um estudo acerca do passado levando em consideração a revista *Fon-Fon!* foi Fabiana Francisca Macena, autora da dissertação de mestrado intitulada de *Madames, mademoiselles, melindrosas: "feminino" e modernidade na revista Fon-Fon (1907-1914)*, a qual fora publicada em 2010<sup>17</sup>. A grande temática do estudo da autora conjuga quatro pontos principais, modernidade, gênero, feminino e a *Fon-Fon!*, resultando em um

---

<sup>15</sup> *Idem.*

<sup>16</sup> Para além da pesquisa de Fabiana Cunha aqui citada, obra importante e clássica no que concerne o estudo do humor a partir dos métodos da História, conferir: SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

<sup>17</sup> MACENA, Fabiana Francisca. *Madames, mademoiselles, melindrosas: "feminino" e modernidade na revista Fon-Fon (1907-1914)*. 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

trabalho que pretendeu “investigar como se construiu a modernidade e o feminino na análise das imagens, representações e significações veiculadas pela *Fon-Fon*” no contexto da *Belle Époque* brasileira.<sup>18</sup> Ao lidar com a conceituação de representação de modernidade e feminino, Macena evidencia como a *Fon-Fon!*, entendida pela dissertação como tecnologia de gênero, contribuiu para a construção discursiva do gênero, atribuindo, então, uma função pedagógica ao periódico.

Com isso, a historiadora buscou encontrar em sua fonte, ideias, valores, papéis, imagens e significações que informassem acerca das “técnicas discursivas e não discursivas que possibilitaram produzir/reproduzir o gênero, ou seja, os efeitos de sentido que são produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais”.<sup>19</sup> Dessa maneira, apesar dos distanciamentos teóricos entre o trabalho de Fabiana Macena e a presente monografia, ambos os trabalhos, de maneira geral, levam em consideração as consequências daquilo que se pretendia moderno na virada do século XIX para o XX. A dissertação de Macena observa tais efeitos identificando, por meio da *Fon-Fon!*, elementos que contribuíram diretamente para construções, alterações e a reprodução de uma lógica de comportamento dos gêneros. Em contrapartida, observaremos os resultados desta instituição forçada do ser moderno através de uma análise, não das representações, mas experiência cotidiana de sujeitos das classes baixas da capital federal, os quais, dia após dia, tinham de arrumar formas de defesa das perseguições políticas, policiais e dos ricos daquela cidade.

Entretanto, vale ressaltar, que esta monografia compreende que a maneira como os homens trabalhadores sofriam as opressões das reformas cariocas eram distintas do modo como as mulheres trabalhadoras as vivenciavam, por isso, não entendemos os sujeitos de nosso trabalho de forma homogênea. Por essa razão, mesmo que a partir de perspectivas diferentes, serão levadas em consideração, quando necessário, as análises da autora acerca da presença de mulheres nas páginas da revista. Seguindo uma perspectiva de análise parecida a do trabalho de Fabiana Macena, a historiadora Vívian Marcelo Ferreira Caetano defende, no ano de 2016, sua dissertação de mestrado intitulada de *Moda e condição feminina nas páginas da revista Fon-Fon (1910-1920)*.<sup>20</sup> A autora associou a revista *Fon-Fon!*, relações de gênero, padrões de beleza e moda para “investigar como se construiu a modernidade e o feminino a partir da análise

---

<sup>18</sup> *Ibidem*, p.07.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p.12.

<sup>20</sup> CAETANO, Vívian Marcello Ferreira. *Moda e condição feminina nas páginas da revista Fon-Fon (1910-1920)*. 2016. 145 f. Dissertação (Mestrado em História Social do Território) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2016.

da revista com imagens, representações e significações”, buscando destacar “comportamentos exigidos das mulheres pelo discurso de modernidade e o quanto este representa em termos de dominação de gênero e exclusão social.”<sup>21</sup>

Vívian Caetano compreende ser a *Fon-Fon!* um meio que construía e propagava discursos, principalmente acerca dos papéis de gênero desejados por aquele padrão moderno de estilo de vida. Com isso, havia, segundo ela, uma relação dialética entre o periódico e a sociedade, sendo a revista consumida por homens e mulheres, majoritariamente, das classes dominantes. Em confluência a este fator, Caetano nos informa que grande parte dos conteúdos do periódico era voltado para moldar o comportamento feminino, sendo, então, a mulher rica o foco de análise da historiadora. A moda e os padrões de beleza, difundidos pela *Fon-Fon!*, são entendidos pela dissertação como “normas sociais de conduta” e “códigos hierárquicos” os quais influenciam diretamente no “papel social da mulher” e na “construção de uma ordem burguesa no Brasil.”<sup>22</sup> A historiadora vai colocar em questão quais elementos as mulheres deviam deter para receber a caracterização de “modernas”, assimilando, segundo a visão dos homens que confeccionavam a *Fon-Fon!*, qual classe, etnia, condições de vida, valores, dentre os outros fatores, compreendiam o padrão feminino para o início do século XX.

Em seu capítulo 1, intitulado de “*Fon-Fon: A construção da modernidade no Rio de Janeiro e as relações de gênero*”, a autora traz um ponto caro a presente pesquisa, a forma de distinção de classe por meio do vestuário. Tal discriminação, por meio das roupas, “carregava indícios a partir dos quais um observador mais atento conseguiria distinguir classes”, sendo, com isso, um fator de hierarquização de classes entre dominantes e dominados.<sup>23</sup> Esta ideia de moda como elemento de marcação social, observada por Vívian Caetano na *Fon-Fon!*, vai ao encontro com um dos processos metodológicos desta pesquisa, que é o de rastrear, nas fotos da cidade inseridas na revista, o encontro entre trabalhadores de rua<sup>24</sup> e os endinheirados do Rio de Janeiro – ficará evidente, na análise que iremos fazer, a diferença entre as vestes dessas classes sociais.

Portanto, a partir dos trabalhos aqui expostos, é possível perceber uma lacuna no que se refere aos estudos históricos por meio da *Fon-Fon!*: a relação direta entre as reformas urbanas no Rio de Janeiro, junto da expectativa de mudança dos hábitos sociais do país, e os

---

<sup>21</sup> *Ibidem*, p.09.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p.10

<sup>23</sup> *Ibidem*, pp.28-29.

<sup>24</sup> Em grande medida, como aponta Caetano, esses sujeitos são os “[...] egressos da escravidão, imigrantes estrangeiros e aqueles que vinham do campo para a cidade.” Cf. *Ibidem*, p.46.



trabalhadores da capital federal. As pesquisas elencadas acima podem, de alguma maneira, tangenciar as consequências excludentes das mudanças urbanas impostas pelas classes política e endinheirada, porém nenhuma observou como tal negativa influenciou diretamente no cotidiano da classe trabalhadora urbana que ocupava as ruas do Rio de Janeiro. Outro ponto que a presente monografia apresentará como contribuição para a historiografia que leva a *Fon-Fon!* como fonte e/ou objeto, é o uso acentuado das fotografias presentes no semanário, sobretudo da capital federal, como meio de análise. Ademais, buscaremos diálogo constante com essas e outras produções que estudaram a revista, as quais irão compor parte primordial da bibliografia desta pesquisa.

Levantada essa discussão bibliográfica inicial, vale entendermos, também, como a revista se apresentou ao público. Tendo sua redação e oficina localizada à Rua da Assembleia 62, no centro do Rio de Janeiro, a primeira publicação da revista *Fon-Fon!* ganhou as ruas da capital federal no dia 13 de abril de 1907. Com publicações semanais, sempre aos sábados, a primeira edição da revista contou com 30 páginas, repletas de ilustrações, fotografias, cores e textos escritos. O caminho que os leitores desse primeiro volume fizeram ao folhear as páginas do periódico é semelhante à composição interna dos demais, com uma capa bem chamativa, colorida, ilustrada e assinada por Raul Pederneiras, importante ilustrador daquele contexto.<sup>25</sup> Um anúncio de página interna, na maioria dos casos, integrava a segunda página da *Fon-Fon!*, uma posição privilegiada dentro da revista tendo em vista ser um dos primeiros conteúdos que o leitor irá se deparar folheando o semanário. Na terceira página se encontrava o primeiro texto escrito do semanário, quase sempre um editorial, assinado por “Fon-Fon” ou personagens fictícios criados pela revista – formas como muitas vezes os editores-chefes da revista identificavam seus textos.

Como de costume, os volumes de estreia de periódicos contam com elementos de apresentação ao seu público, uma espécie de carta de intenções construída de acordo com as especificidades de cada veículo de imprensa e com a *Fon-Fon!* não foi diferente. É possível observar componentes dessa apresentação já nas páginas 3 e 4, com textos descontraídos e rodeados por ilustrações, indo ao encontro a maneira como a *Fon-Fon!* se referia a ela mesma em seus subtítulos, como um “semanário alegre, político, crítico e esfuziante”. Ainda levando em conta esse princípio, nas páginas 6 e 21, é possível encontrar outros dois momentos em que

---

<sup>25</sup> Para ter acesso ao trabalho que auxiliou a pesquisa na identificação das assinaturas dos ilustradores da *Fon-Fon!*, conferir: PAES, R.L. *Uma eleição caricatural: Raul Pederneiras, a charge e as eleições presidenciais de 1910*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), 2007.

o semanário emite textos sobre si mesmo e seu contexto de criação. Com isso, para que possamos apresentar aos leitores desta monografia a fonte e objeto aqui estudados, analisaremos a forma como a *Fon-Fon!* fez seus primeiros contatos com o público almejado tomando como base esses 3 textos recortados pela pesquisa.

Os dois primeiros textos que serão examinados foram alocados um após o outro, ocupando a totalidade das páginas 3 e 4, como demonstram as figuras abaixo:

**Imagem 1:** “Freguezia”, *Revista Fon-Fon!*, 13 de abril de 1907, p.3.



**FON-FON!**

SEMANARIO ALEGRE, POLITICO, CRITICO E ESTUSIANTE.

*Noticiario Avariado, Telegraphia sem Arame, Chronica Epilemica*

Tiragem: 100.000 Kilometros, por ora.

Collaboração de graça, isto é, de Espirito.

AVULSO	ASSIGNATURA ANNUAL
Capital . . . . . rs. 400	Capital . . . . . 20\$000
Estados . . . . . rs. 500	Estados . . . . . 22\$000

☒ ☒ ☒ ☒ ☒ ☒

**FREGUEZIA:**

guiata dos velhos habitos e dos velhos costumes, com o commentario leve ás cousas de actualidade.

Em todo o caso, isto já é um programma, felizmente, facil de cumprir, muito mais facil do que qualquer outro, com considerações a attender e preconceitos a respeitar.

Para os graves problemas da vida, para a mascarada Politica, para a sisudez conselheiral das Finanças e da intrincada complicação dos Principios Sociaes, cá temos a resposta propria: aperta-se a «sirène» e... «Fon-Fon!», «Fon-Fon!».

Se a cousa for grave de mais, com feições de Philosophia, com dogmas de ensinamentos, aperta-se demoradamente a «sirène», e ella responderá por nós, profunda e lamentosamente; «Fô... ôh. Fô... ôh. Fô... ôh. Fô... ôh».

E prompto. Não haverá assumpto mais sobrecasaca preta, mais cartola, mais Instituto Historico, que resista á ferina expressão desta «sirène» bohemia.

Assim, leitor amigo, cá estamos nós promptos para o successo e... para a gloria.

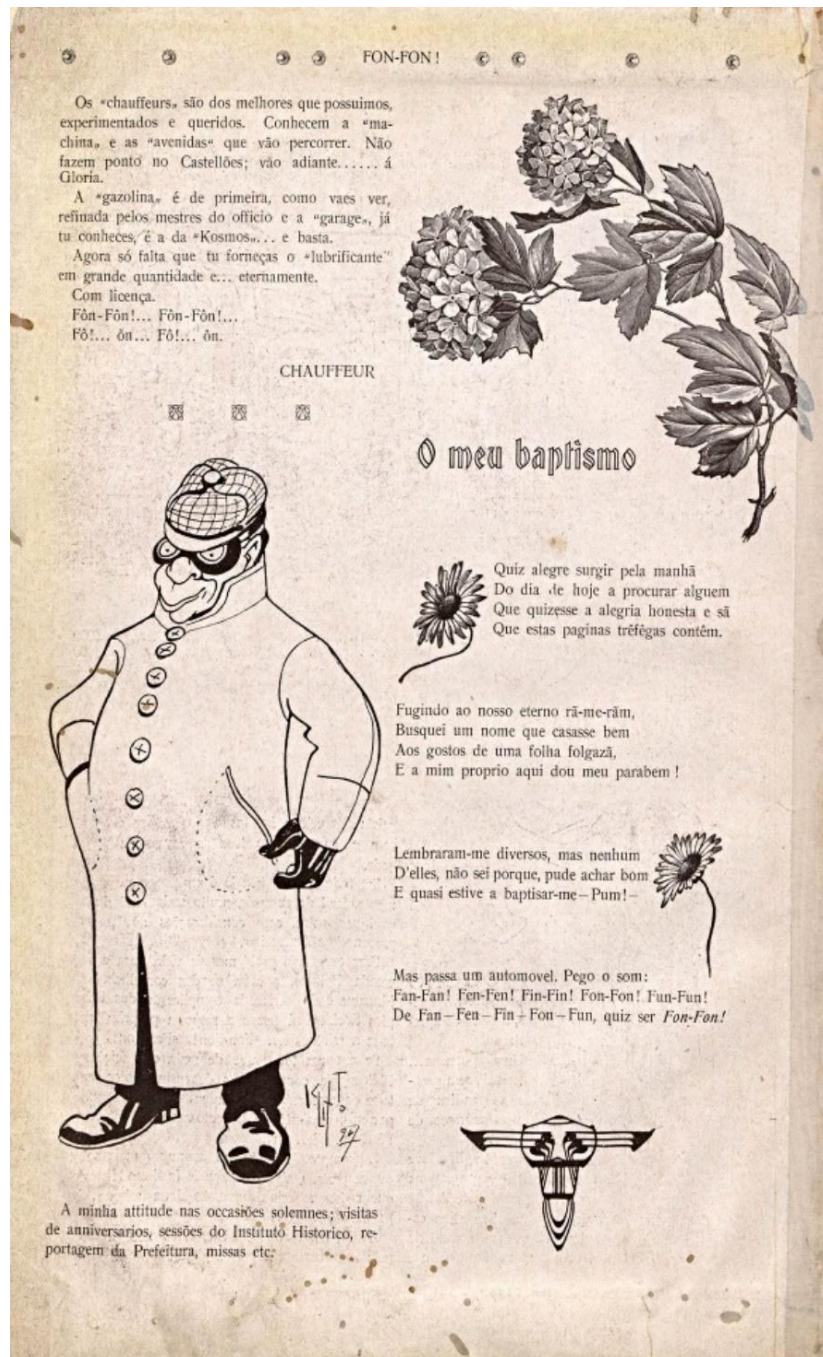
**poucas**  
palavras apenas, á guiza de apresentação.

Uma pequena... «corrida», sem grandes dispendios de «gizolina», nem excessos de velocidade.

Para um jornal agil e leve como o FON-FON!, não pôde haver programma determinado (deviamos dizer distancia marcada).

Queremos fazer rir, alegrar a tua boa alma carinhosa, amado povo brasileiro, com a pilheria fina e a troça educada, com a gloza inoffensiva e

**Imagem 2:** Final do texto “Freguezia” e a íntegra do texto “O meu baptismo”, *Revista Fon-Fon!*, 13 de abril de 1907, p.4.



De início, não podemos deixar de destacar a importância da escolha, seja ela qual for, acerca dos conteúdos iniciais de qualquer periódico – a localização das matérias dentro de um veículo da imprensa não é à toa, são escolhas editoriais que guardam intenções de destacar ou não determinado assunto. Este ponto se torna ainda mais relevante pelo fato de ser a publicação

de estreia da *Fon-Fon!*, ou seja, as páginas destacadas acima são os primeiros conteúdos da primeira edição do semanário. Além disso, outro ponto a ser levado em consideração. A partir da observação das páginas por inteiro, é relevante dimensionar qual a quantidade de espaço o corpo editorial reservou para determinada exposição – fator que revela os propósitos da maneira como se dá a organização interna de alguma edição. É nítido observar que ambas as publicações, ao ocuparem duas páginas e contarem com recursos imagéticos de fôlego, foram seleções editoriais voltadas para ganhar maior atenção do público.

O primeiro conjunto de textos, que compõe a página 3 e parte da 4, fora dirigido para futura freguesia da *Fon-Fon!*, e explicita, de maneira descontraída, quais vão ser as formas de atuação e o programa e a ser seguido pela revista. Abaixo, segue o texto na íntegra:

**Freguesia:**

POUCAS palavras apenas, à guisa de apresentação.

Uma pequena... “corrida”, sem grandes dispêndios de “gasolina”, nem excessos de velocidade.

Para um jornal ágil e leve como o FON-FON!, não pode haver programa determinado (devíamos dizer distancia marcada).

Queremos fazer rir, alegrar a tua boa alma carinhosa, amado povo brasileiro, com a pilheria fina e a troça educada, com a glosa inofensiva e gaiata dos velhos hábitos e dos velhos costumes, com o comentário leve as coisas de atualidade.

Em todo o caso, isto já é um programa, felizmente, fácil de cumprir, muito mais fácil do que qualquer outro, com considerações a atender e preconceitos a respeitar.

Para os graves problemas da vida, para a mascarada Política, para a sisudez conselheiral [*sic*] das Finanças e da intrincada complicação dos Princípios Sociais, cá temos a resposta própria; aperta-se a “sirene,, e... “Fon-Fon!,, “Fon-Fon!,,

Se a coisa for grave demais, com feições de Filosofia, com dogmas de ensinamentos, aperta-se demoradamente a “sirene,, e ela responderá por nós, profunda e lamentosamente; “Fô... ôn. Fô... ôn. Fo... ôn”.

E pronto. Não haverá assunto mais sobrecasaca preta, mais cartola, mais Instituto Histórico, que resista à ferina expressão desta sirene, boêmia.

Assim, leitor amigo, cá estamos nós prontos para o sucesso e... para a gloria.

Os “choferes,, são dos melhores que possuímos, experimentados e queridos. Conhecem a máquina, e as “avenidas,, que vão percorrer. Não fazem ponto no Castelões; vão adiante..... à Gloria.

A “gasolina,, é de primeira, como vais ver, refinada pelos mestres do ofício e a “garage,, já tu conheces, é a da “Kosmos,,.... e basta.

Agora só falta que tu forneças o “lubrificante,, em grande quantidade e... eternamente.

Com licença.

Fôn-Fôn!... Fôn-Fôn!...

Fô!... ôn... Fô... ôn.<sup>26</sup>

É buzinando que o primeiro texto da primeira edição da *Fon-Fon!* é finalizado. Isso não é à toa, além deste elemento de referência a um carro, o texto cita “corrida”, “gasolina”, “velocidade”, “choferes”, “maquina” e “lubrificante”.<sup>27</sup> Para além desses componentes integrarem a narrativa que o texto construiu, é possível relacioná-los com o contexto de aparente modernidade, intitulado de *Belle Époque* brasileira, no qual o semanário queria se inserir. A partir disso, os elementos com os quais o conselho editorial buscou relacionar a figura da revista estão completamente associados com as mudanças desejadas e propagadas pelas elites cariocas daquele início de século XX – dentre elas, vale lembrar, está a temática geral desta monografia: as reformas urbanas.

O caráter de agilidade, símbolo deste contexto, se mostra inserido logo na primeira frase, indicando que serão usadas “POUCAS palavras”<sup>28</sup> para apresentar a revista ao público. Para corroborar a relação aqui posto entre carro e periódico, por usar poucas palavras não será necessário “grande dispêndio de gasolina”<sup>29</sup> – instituindo uma conexão direta entre palavras (escritos no semanário) e o uso de gasolina (matéria que permite o carro funcionar e andar). O autor do texto, Chofer, aquele que guia o carro, logo o direcionador da revista, afirma ser a *Fon-Fon!* um “jornal ágil e leve” que irá fazer rir e alegrar o povo brasileiro “com a pilheria fina e a troça educada, com a glosa inofensiva e gaiata dos velhos hábitos e dos velhos costumes, com o comentário leve as coisas de atualidade.”<sup>30</sup>

Em seguida, para os assuntos da “mascada Política”, da “sisudez [...] das Finanças”, da “intrincada complicação dos Princípios Sociais” e das “feições de Filosofia”, o Chofer assume que a maneira de lidar com eles é apertando a sirene/buzina boemia da *Fon-Fon!* e seguindo em direção para “gloria”.<sup>31</sup> A revista *Fon-Fon!* se apresenta ao mercado como uma alternativa leve e descontraída para o trato de assuntos sérios e difíceis do cotidiano, um periódico que estaria sempre atento ao que os tempos atuais estavam a oferecer. Novamente citando aqueles que guiavam o carro, o texto diz que os choferes “são dos melhores que possuímos,

<sup>26</sup> CHAUFFEUR, “Freguezia”, *Revista Fon-Fon!*, 13 de abril de 1907, pp.03-04 (destaque da revista).

<sup>27</sup> *Ibidem*, p.03.

<sup>28</sup> *Idem*.

<sup>29</sup> *Idem*.

<sup>30</sup> *Idem*.

<sup>31</sup> *Idem*.



experimentados e queridos”. Além disso, conheciam “a máquina, e as “avenidas, que vão percorrer. Não fazem ponto no Castelões; vão adiante..... à Gloria.”<sup>32</sup>.

Ao tratar de choferes, o que transparece é que a *Fon-Fon!* teria em seu quadro de colaboradores, importantes, experientes e conhecidos jornalistas, os quais, ao conhecerem a “máquina”, teriam domínio total do ofício e, por isso, andariam pelas avenidas do Rio de Janeiro para realizarem seus serviços. Este trecho apresenta relação direta com os melhoramentos urbanos da capital federal e com seletividade geográfica de atuação do semanário. A referência de que o carro da *Fon-Fon!* irá andar nas avenidas, espaço recém-construído ou alargado na cidade, é um indicativo de um desses novos lugares na cidade que passaram por interferências estruturais. A seletividade de atuação do periódico é possível encontrar no final do trecho, quando a *Fon-Fon!* não irá agir nas ruas do Castelões (região não reformada e não voltada à elite), mas sim na região do Glória (bairro remodelado aos moldes francês reservado aos endinheirados do Rio de Janeiro). Com isso, já em sua apresentação, a *Fon-Fon!* informa que veiculará em suas páginas elementos que se referem a sujeitos e regiões ricas da capital federal – a pergunta que fica é: será possível encontrar brechas nessa proposta do periódico?

Ao final da apresentação, o Chofer pede para que o futuro público da revista fosse o “lubrificante” fazendo com que houvesse um bom funcionamento do carro. Fica nítido nesta parte que a revista está solicitando ao público que consomem a *Fon-Fon!*, já que sem a venda não há empresa que sobreviva. Voltando novamente às figuras postas acima, é possível associar as ilustrações dos homens ao redor dos textos com a figura que guia o carro da *Fon-Fon!* – o chofer. Já com as flores podem sugerir o florescer de algo novo, como era o caso do semanário. Com isso, temos a carta de apresentação da revista ao seu público tendo como base de sustentação o novo e moderno, distinguindo-se totalmente do passado pré-republicano.

Logo imediatamente a esse texto, há na página 4 uma outra publicação de introdução e aceno da *Fon-Fon!* ao seu público, intitulada de “O meu batismo” (**Imagem 2**), o qual segue abaixo na íntegra:

---

<sup>32</sup> CHAUFFEUR, “Freguezia”, *Revista Fon-Fon!*, 13 de abril de 1907, p.04.

Neste trecho da apresentação da revista há uma relação com as reformas urbanas, sendo Castelões, considera, “no início do século XX [...] uma região já ultrapassada, fora de moda, com seus casarões antigos e cortiços, próprios do passado colonial e imperial”, e a Glória, “um dos bairros mais elegantes e valorizados do Rio de Janeiro remodelado, com suas praças e casas inspiradas nos modelos arquitetônicos franceses.” Cf. MACENA, Fabiana Francisca. *Op. Cit.* p.47.

### **O meu batismo**

Quis alegre surgir pela manhã  
Do dia de hoje a procurar alguém  
Que quisesse a alegria honesta e sã  
Que estas páginas trêfegas contêm.

Fugindo ao nosso eterno rã-me-rãm,  
Busquei um nome que casasse bem  
Aos gostos de uma folha folgazã,  
E a mim próprio aqui dou meu parabéns!

Lembraram-me diversos, mas nenhum  
Deles, não sei por que, pude achar bom  
E quase estive a batizar-me – Pum! –

Mas passa um automóvel. Pego o som:  
Fan-Fan! Fen-Fen! Fin-Fin! Fon-Fon! Fun-Fun!  
De Fan – Fen – Fin – Fon – Fun, quis ser Fon-Fon!<sup>33</sup>

O texto acima, dessa vez mais leve e em forma de poesia, apresenta uma narrativa de como teria sido o processo de escolha do nome da revista, ou seja, o seu batismo. Antes de tudo, na primeira estrofe, o texto propagandeia ser as páginas “trêfegas” da revista repleta de “alegria honesta e sã.” Buscando fugir da tendência “rã-me-rãm” dos nomes dos periódicos da época, provável expressão que caracteriza generalidade, o texto nos expõe que se procurou por um bom nome dar aquele periódico com folhas “folgazã”, caracterizando-as como brincalhona e leve. O nome do semanário quase passou a ser “Pum”, segundo a narrativa, mas ao ouvir o barulho dos carros passando, atributo de modernidade a criação do periódico, o que se sobressaiu foi o “Fan-Fan! Fen-Fen! Fin-Fin! Fon-Fon! Fun-Fun!”, para no final o batismo ser realizado com “Fon-Fon!”.<sup>34</sup>

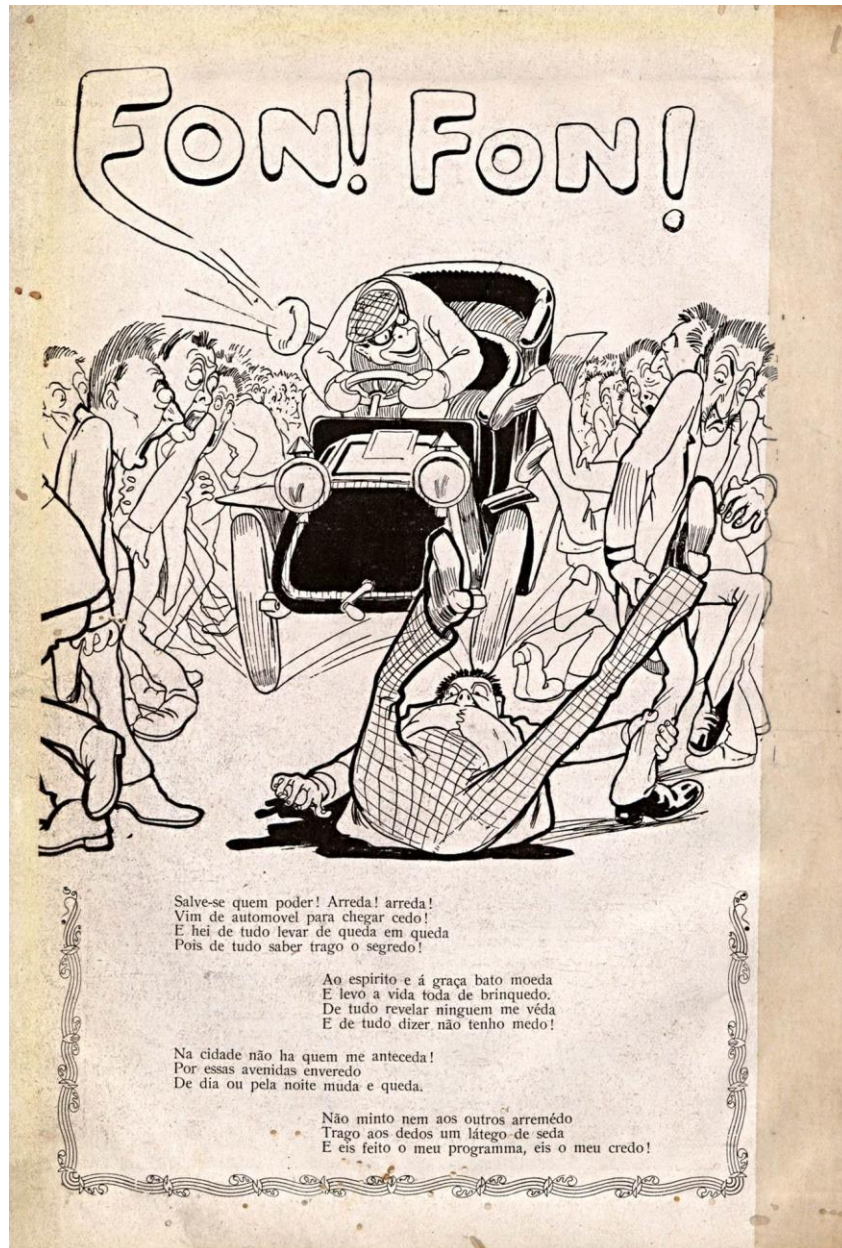
Outra vez, a revista associa sua identidade a uma das maiores novidades daquele período, o automóvel recém-chegado ao Brasil, que se relaciona diretamente com o aspecto de

<sup>33</sup> “O meu baptismo”, *Revista Fon-Fon!*, 13 de abril de 1907, p.04 (destaque da revista).

<sup>34</sup> *Idem.*

periódico moderno e ligado nas atualidades que a *Fon-Fon!* queria transparecer. Essa ligação entre o semanário e o carro a qual fora feita nos dois primeiros textos do periódico, ficará escancarada na próxima publicação, que conjuga texto e imagem. Segue o recorte abaixo:

**Imagem 4:** Publicação sem título, *Revista Fon-Fon!*, 13 de abril de 1907, p.6.



Uma cena completamente caótica, com transeuntes assustados e um acidentado no chão – quem chega com rapidez no meio do caos? O chofer, já conhecido nosso, dirigindo um automóvel, que também já foi apresentado pela revista nas publicações anteriores, apertando a buzina do carro que emite um som “Fon! Fon!”. De antemão, mesmo sem analisarmos o texto escrito junto da ilustração, o que tal imagem sugere? A *Fon-Fon!*, ágil e leve, chegando



rapidamente no local que lhe renderá uma notícia na publicação da semana seguinte? Sigamos com a leitura para descobrir:

Salve-se quem puder! Arreda! arreda!  
 Vim de automóvel para chegar cedo!  
 E ei de tudo levar de queda em queda  
 Pois de tudo saber trago o segredo!

Ao espirito e à graça bato moeda  
 E levo a vida toda de brinquedo.  
 De tudo revelar ninguém me veda  
 E de tudo dizer não tenho medo!

Na cidade não há quem me anteceda!  
 Por essas avenidas enveredo  
 De dia ou pela noite muda e queda.

Não minto nem aos outros arremedo  
 Trago aos dedos um látigo de seda  
 E eis feito o meu programa, eis o meu credo!<sup>35</sup>

O anúncio para sair da frente (“Arreda! arreda!”), seguido do aviso que “Vim de automóvel para chegar cedo!”, é do chofer que faz, como uma espécie de brincadeira, revelações de qualquer segredo que estiver à sua frente. Como está sempre tão rápido por conta de seu automóvel, nosso personagem infere que “Na cidade não há quem me anteceda!”, nem de dia ou a noite, pois sempre nas “avenidas enveredo” para chegar de forma ágil nos locais. No mais, diz que não mente e nem é cópia dos demais, sendo esse seu “programa” e seu “credo”.<sup>36</sup> Mais uma vez, o texto se relaciona com a imagem, e a figura do chofer eficiente se interliga com a imagem que a *Fon-Fon!* quer vender a seu futuro público: uma revista que estará presente, com os melhores e mais rápidos profissionais, imbuídos de aparelhos tecnológicos diversos, para noticiar, antes que qualquer outro periódico, o acontecimento em questão.

---

<sup>35</sup> *Revista Fon-Fon!*, 13 de abril de 1907, p.06

<sup>36</sup> *Idem.*

É nítido, então, que os dirigentes da *Fon-Fon!* conseguiram delimitar muito bem o seu lugar frente aos demais periódicos que circulavam no país naquele momento, assim como, qual seria o seu público-alvo: elites brasileiras. Entretanto, apesar de tangenciarmos as ações dos ricos na cidade do Rio de Janeiro, os sujeitos principais dessa análise são aqueles que labutavam nas ruas cariocas. A pergunta que fica é: como é possível estudar o cotidiano de um segmento social, majoritariamente pobre e negro, em uma revista voltada para a elite branca? Falemos, então, um pouco sobre metodologia e História Social. A monografia buscará trabalhar, em grande parte do tempo, da seguinte maneira: identificar o que a *Fon-Fon!* quis expor ao seu público ao veicular determinada publicação em suas páginas em contraposição àquilo que o semanário tentou esconder e/ou não quis priorizar em sua abordagem jornalística.

Por isso, entender a dinâmica e as escolhas da nossa fonte colabora para a discussão acerca daquilo que estava ocorrendo e daqueles que atuavam trabalhando nas ruas cariocas. O conjunto de métodos e objetivos que serão aplicados neste trabalho são significativos para termos noção de alguns dos traços de opressão e do cotidiano desses trabalhadores, principalmente levando em consideração as categorias de classe e raça, em uma cidade projetada para os desejos burgueses em um momento quase imediatamente após a abolição da escravidão no Brasil. Fundamentado, então, neste olhar metucioso acerca da presença da classe trabalhadora nas páginas da *Fon-Fon!*, atrelado a um suporte bibliográfico que dê base aos problemas aqui propostos, parte desta monografia buscará nos estudos da História Social do Trabalho, principalmente a partir das renovações teórico metodológicas que se deram neste campo de estudos, a partir da década de 1990, formas de observar nossa fonte e objeto.

Estas mudanças foram contrárias a uma historiografia que por muito tempo não levou em consideração o negro escravizado como trabalhador detentor de agências (ideário de escravizado enquanto coisa) e, posteriormente, pouco inseriu a categoria de raça e gênero em seus estudos as sobre classes trabalhadoras após 1888 (privilegiando trabalhadores brancos e imigrantes). Os caminhos que a História Social do Trabalho busca seguir desde o final do século passado se pautam a partir de uma revisão do passado histórico dos mundos do trabalho do país em busca dessas e outras questões silenciadas por décadas. “Milhares de trabalhadores que, durante séculos, tocaram a produção e geraram a riqueza no Brasil ficam ocultos, desaparecem num piscar de olhos”<sup>37</sup>, como, por exemplo, as labutas diárias de mulheres, força de trabalho

---

<sup>37</sup> LARA, S. “Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil.” *Projeto História*, São Paulo, n. 16, 1998, p.26.

indígenas e outros tantos sujeitos históricos que demoraram a ganhar espaço nas produções da História do Trabalho brasileira.

Mostra-se, com isso, a importância da “adoção de perspectivas de gênero e de raça” para eliminação da “invisibilidade das mulheres e das diferenças raciais nos estudos sobre as vivências cotidianas, os modos de inserção e relações no trabalho”, promovendo, cada vez mais, “uma inflexão metodológica e uma significativa ampliação temática.”<sup>38</sup> Junto a isso, driblar o eurocentrismo ainda presente na forma de estudar o movimento dos operários no Brasil, o qual toma como referência o passo a passo europeu das lutas trabalhistas, abre novas perspectivas e alcança outros tantos sujeitos que, não necessariamente, frequentavam as fábricas brasileiras do início do período republicano. Isso fica evidente, quando apenas se procura por

greves, criação de sindicatos, imprensa operária, a origem do movimento operário etc., [...] Mantemo-nos eurocêtricos, partindo dos paradigmas de implantação da industrialização e do capitalismo na Europa, para trabalharmos o movimento operário e o surgimento da classe aqui, quando a realidade de países que experimentaram a escravidão moderna ou viveram dentro de hierarquias raciais, étnicas e de gênero complexas exigia e exige muito mais reflexões a partir de diálogos interseccionais que aqueles imaginados enquanto essencialmente brancos e europeus.<sup>39</sup>

Fugir também do eurocentrismo em nossas análises, como este trabalho almeja, infere em não cairmos no erro da História Única<sup>40</sup> e na alimentação do paradigma da ausência em nossos estudos. Avanços importantes foram dados, tanto em pesquisas de forma individual quanto de maneira geral, quando se observa os encontros nacionais e regionais no campo da História, assim como, no aumento da criação de Grupos de Trabalhos que estudam essas “novas” questões.<sup>41</sup> Esta pesquisa como um todo tenta inserir suas questões em uma ótica que corrobore com essas mudanças no campo da História Social do Trabalho. Indo às ruas cariocas recém-reformadas, através da *Fon-Fon!*, em busca de sujeitos do comércio ambulante, carroceiros, carregadores etc., buscando interpelar as fontes de modo a encontrar o cotidiano do trabalho no Rio de Janeiro é o que se pretenderá nas páginas seguintes.

---

<sup>38</sup> CHALHOUB, S.; SILVA, F. T. . “Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980.” *Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth* (UNICAMP), v. 14, 2009, p.41.

<sup>39</sup> NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. “Trabalhadores negros e o 'paradigma da ausência': contribuições à História Social do Trabalho no Brasil.” *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), v. 29, 2016, p.615.

<sup>40</sup> Importante conteúdo para discussões iniciais acerca do problema da História Única, consultar o vídeo: ADICHIE, Chimamanda. – O Perigo da História Única. Vídeo da palestra da escritora nigeriana no evento *Technology, Entertainment and Design* (TED Global 2009). Disponível em: [http://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt](http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt). Acesso em: 6 de junho de 2023.

<sup>41</sup> TERRA, P. C.; POPINIGIS, F. . “Classe, raça e a história social do trabalho no Brasil (2001-2016).” *Estudos Históricos*, v. 32, p. 307, 2019.

E como será estruturada a monografia? Sendo elemento basilar do início do projeto republicano brasileiro, no **Capítulo 1**, tomaremos como ponto de partida as reformas urbanas que ocorreram no Rio de Janeiro no início do século XX. Não iremos, de fato, estudar os embelezamentos da cidade, mas será proposta uma análise que levará em consideração as reverberações das interferências urbanas em dois sentidos: na historiografia e na imprensa. Partindo da produção de nossos pares, o capítulo levantou como trabalhos que compõe a produção historiográfica das reformas urbanas e da História Social do Trabalho analisaram as consequências na estrutura da cidade e na vida daqueles que compunham os mundos do trabalho carioca durante a primeira década do século XX. Ademais, investigamos como os dirigentes da *Fon-Fon!* escolheram repercutir, através de fotografias e textos escritos, a situação da capital federal entre os anos de 1907 e 1909.

Privilegiando prédios e avenidas e demonstrando aversão às trabalhadoras e aos trabalhadores que circulavam nas áreas centrais da cidade, o ideal de cidade republicana fica estampado nas páginas do periódico. O passeio pelo Rio de Janeiro continua e, no **Capítulo 2**, foi tomado como base de análise a coluna de fotografias “Rio em Flagrante: os nossos instantaneos”. Local central da aparição de mulheres e homens da elite na revista, a coluna veicula fotos, ditas instantâneas, que flagram os ricos da cidade circulando nos principais pontos embelezados do Rio de Janeiro. Entretanto, por esta monografia não estudar o cotidiano dos abastados, propomos e analisamos uma série fotográfica em que sujeitos que trabalhavam nas ruas foram flagrados, despretensiosamente, nas margens dos registros que eram de ocupação exclusiva dos endinheirados. A partir desse levantamento buscamos entender, então, como a *Fon-Fon!*, reprodutora do projeto republicano, repercutiu em suas páginas momentos do dia a dia de jornaleiros, carregadores, carroceiros etc.

Identificado como nossa fonte e objeto de pesquisa reverberou em suas páginas aspectos de uma cidade recém-formada e a presença dos sujeitos trabalhadores nesse espaço de repressão contra a classe trabalhadora, voltamos nossa atenção para colaborar com a demanda urgente de um Ensino de História cada vez menos tradicional. Com isso, no **Capítulo 3**, levantamos apontamentos iniciais que colaborassem para a construção de uma aula sobre o Brasil República. Adequando a proposta temática de acordo com os parâmetros da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), indicamos para aplicação nas salas de nono ano, a possibilidade de uma aula que leve em consideração aspectos de duas comemorações que foram veiculadas na *Fon-Fon!* – o 1º de maio (Dia do Operário) e o 13 de maio (Abolição da Escravidão). Entre

análise da fonte e apoio bibliográfico, apontamos a viabilidade da realização de uma aula para além dos parâmetros conteudistas que ainda são privilegiados no Brasil.

## **Capítulo 1 – Entre a historiografia e a imprensa: como reverberaram as reformas urbanas de Pereira Passos?**

### **I) Retrospecto e cuidados acerca da historiografia do período das reformas urbanas do Rio de Janeiro do início do século XX**

“Quanto ao Snr. General Prefeito o que Fon-Fon mais deseja é que a meia-noite de 31 esteja bem acordado e ordenando não só a conservação dos melhoramentos feitos pelo seu antecessor, como, além disso, providenciando sobre outros muitos novos e com urgência...”<sup>42</sup> E foi assim, cobrando diretamente o prefeito carioca Francisco Marcelino de Sousa Aguiar a respeito dos melhoramentos urbanos, que a *Fon-Fon!* inicia o primeiro volume da revista do ano de 1909. Este trecho, veiculado na coluna “Pelos sete dias”, uma espécie de editorial do semanário, compunha um texto maior no qual foi feita uma série de desejos para o ano que se iniciava. O “antecessor”, Francisco Pereira Passos, teve sua atuação no executivo municipal do Rio de Janeiro de dezembro de 1902 até novembro de 1906, período amplamente compreendido pela historiografia como “bota-abaixo”, em que o prefeito não mediu esforços, dinheiro e nem as consequências sociais para colocar em ação os planos da reforma urbana na capital federal.

É de chamar atenção de nós, historiadores que tomam a imprensa como fonte e objeto de pesquisa, a escolha do editorial da revista em veicular determinado assunto logo na primeira página de conteúdo da primeira edição do semanário do ano, levando a constatação de que os dirigentes da revista tinham o desejo de que a maioria de seus leitores lesse aquele conteúdo, afinal, por que não ler os votos da *Fon-Fon!* para o ano que se iniciara? Por qual razão os feitos de Passos geraram saudades mesmo anos depois de realizados? Como nossos pares avaliaram e discutiram este momento da história do país? Ao proporem uma história revisitada acerca das reformas urbanas cariocas do início do século XX, as historiadoras Suelem Demuner Teixeira e Moema de Rezende Vergara confeccionaram, recentemente, um balanço historiográfico acerca do tema, bastante pertinente para as considerações desta pesquisa, principalmente em relação aos cuidados que análises a respeito deste assunto devem ter.<sup>43</sup>

As historiadoras colocaram em perspectiva de análise dois momentos da produção historiografia sobre as reformas urbanas cariocas do início do século XX: aquela produzida na

---

<sup>42</sup> *Revista Fon-Fon!*, 1 de janeiro de 1909, p.09.

<sup>43</sup> TEIXEIRA, S. D.; VERGARA, M. R. “Considerações sobre a historiografia das reformas urbanas do Rio de Janeiro no começo do século XX.” *ORÉ – Revista Discente de Estudos Históricos da UNIRIO*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 184- 209, ago. 2022.

década de 1980, majoritariamente marxista; e outra que fora produzida nas décadas de 1990 e 2000, momento em que questões e metodologias acerca da temática foram revisitadas. Neste sentido, Teixeira e Vergara não deixaram de associar as produções ao período político em que o Brasil estava passando durante a confecção delas. Com isso, aquelas da década de 1980 surgiam em meio a um período de redemocratização política, greves e fortalecimento de organizações de trabalhadores, momento em que as ruas das cidades estavam sendo ocupadas por grande parte da população em busca de seus direitos políticos, sociais e trabalhistas – os usos da cidade e a cidadania estavam sendo discutidos amplamente. Dessa maneira, olhar para meio urbano do Rio de Janeiro no período das reformas urbanas que lá ocorriam décadas antes, sob a ótica marxista, visou “denunciar a exclusão das camadas populares em decorrência dos novos usos do espaço urbano, utilizado em prol dos interesses do capital e do poder público.”<sup>44</sup>

Oswaldo Porta Rocha e Lia de Aquino Carvalho são importantes nomes na historiografia que produziram obras clássicas, quando o grande tema são as reformas urbanas cariocas.<sup>45</sup> Ambos tiveram como importante base teórica as contribuições de Friedrich Engels, principalmente a partir de *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845), no que diz respeito à interferência nos costumes e na maneira como a população iria fazer uso do meio urbano. Setores diretamente ligados ao capital, como, a construção civil, o ramo dos transportes e o grande comércio foram alguns daqueles que mais obtiveram benefício com as remodelações do período compreendido por esta monografia. O historiador Jaime Larry Benchimol e o geógrafo Maurício de Abreu colocaram em suas principais obras sobre o tema que a classe pobre fora expulsa da área central do município, a qual estaria, então, destinada aos abastados da cidade.<sup>46</sup> Dessa maneira, segundo esses autores, o Rio de Janeiro passaria a ter espaços segregados de usos de acordo com a classe social: pobres (subúrbios), as classes abastadas (Zona Sul), para fins comerciais (Centro) e, por fim, as favelas como um espaço totalmente marginalizado.

Neste sentido, Suelem Teixeira e Moema Vergara se mostram contrárias a esse posicionamento em relação a uma ocupação estanque das áreas da cidade, apontando que

---

<sup>44</sup> *Ibidem.* p.187

<sup>45</sup> Cf. ROCHA, Oswaldo Porto. *A era das demolições: cidade do Rio de Janeiro 1870-1920*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas – Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995. (Dissertação de Mestrado em História defendida em 1983 na UFF – Universidade Federal Fluminense); CARVALHO, Lia de Aquino. *Contribuição ao estudo das habitações populares – Rio de Janeiro: 1896-1906*, 1986.

<sup>46</sup> BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: Um Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural; Biblioteca Carioca, 1992.; ABREU, Maurício de Almeida. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2008. (1ª edição: 1987)

Realmente houve uma redistribuição espacial, com a ocupação da Zona Sul pelas classes mais abastadas e as regiões suburbanas pelas classes populares, mas o Centro da cidade não foi esvaziado de sua condição residencial de forma abrupta. Ao analisar o recenseamento promovido por Pereira Passos em 1906, observamos que a área central ainda registrava não só muitos domicílios, como também o crescimento populacional em algumas freguesias [...].”<sup>47</sup>

As autoras trabalham a partir de uma perspectiva que analisa a atuação das interferências urbanas de forma segmentada, ou seja, observando não o centro urbano como um local só, mas como uma região que era dividida em diversas freguesias e, com isso, buscam entender como e quais dessas divisões as reformas tiveram mais impacto. Desse modo, as historiadoras apontam para um cuidado metodológico em relação à análise deste tema:

Temos que ter cuidado ao generalizar o espaço do centro da cidade como se fosse único e tivesse sofrido intervenções por igual em todo o seu perímetro, pois dizer que Pereira Passos teria expulsado os pobres do centro da cidade, seria generalizar esse espaço, como se não houvesse nele pelo menos 7 (sete) freguesias (Candelária, São José, Sacramento, Santo Antônio, Espírito Santo, Santana e Santa Rita) cada uma com suas peculiaridades, e ainda, como se a reforma urbana tivesse atuado em todas essas freguesias por igual. Há de ser ter cuidado com as generalizações, tanto em relação às referências bibliográficas quanto as encontradas nas fontes primárias, como os discursos da imprensa na época.<sup>48</sup>

Em relação aos trabalhadores da cidade, atores principais da presente monografia, as historiadoras inferem que “o Centro continuou a ser o local de trabalho de grande parte da população”, que, mesmo quando não conseguiam habitar bairros com moradias mais acessíveis, em grande medida os subúrbios, recorriam “às imediações [ainda na região central], se submetendo a condições ainda mais precárias nas casas de cômodos que se encontravam em freguesias como a de Santana, por exemplo.”<sup>49</sup> Os trabalhadores nas ruas reformadas foram flagrados despretensiosamente pelos fotógrafos da *Fon-Fon!* e esses registros foram veiculados na revista a partir de 1907, um ano após as reformas, conforme veremos no próximo capítulo.

Daquelas produções confeccionadas a partir da década 1990, o balanço historiográfico, além de outras, trouxe para discussão um artigo da historiadora Eneida Quadros Queiroz<sup>50</sup>, o qual questiona o caráter, atribuído pela década anterior de produções acadêmicas, de passividade daqueles sujeitos, moradores que foram atingidos de maneira negativa frente às remodelações forçadas no meio urbano carioca. A historiadora encontrou “[...] uma série de

<sup>47</sup> TEIXEIRA, S. D.; VERGARA, M. R. *Op. Cit.* p.190.

<sup>48</sup> *Ibidem.* p.192.

<sup>49</sup> *Ibidem.* p.196.

<sup>50</sup> QUEIROZ, Eneida Quadro. “A guerra do ‘bota-abaixo’”. *Revista Nossa História*. V.34. ago.2006.



ações movidas por esses moradores (proprietários e inquilinos), que apelaram à Justiça Sanitária” para a não demolição de suas propriedades ou, até mesmo, solicitando indenizações maiores por terem desocupado aqueles locais. A partir dessas perspectivas apuradas pelo balanço bibliográfico, mostra-se essencial tomar como base de análise que, em grande parte das regiões reformadas/embelezadas, havia sim a presença de integrantes da classe trabalhadora vivenciando ali os seus cotidianos e, cada um à sua maneira, elaborando formas de resistir às empreitadas governamentais e, também, da iniciativa privada.

Essa resistência ia além da luta contra as consequências das alterações na estrutura urbana, mas as trabalhadoras e trabalhadores cariocas sempre se movimentaram politicamente contra decisões governamentais que iam de encontro aos seus cotidianos de trabalho. Fossem as quitadeiras e ambulantes, por exemplo, na Greve da Praça das Marinhas em 1885 ou a série de motivações políticas dos trabalhadores do transporte na passagem do século XIX para o XX. Os trabalhadores de rua estiveram em franca atuação política por melhores condições de vida, mesmo que parte da historiografia brasileira só tenha vislumbrado as ações organizadas da classe trabalhadora a partir dos imigrantes europeus a partir do século XX.

Por isso, por que não olhar para a historiografia de uma outra forma? Buscando, não apenas textos específicos acerca das reformas, mas aqueles que tiveram por objetivo vislumbrar sobre temáticas relacionadas à História Social do Trabalho e que levaram em conta o contexto das primeiras décadas do século XX. Com isso, olharemos para a cidade que se reforma sob a ótica de trabalhos que não se preocuparam especificamente com os melhoramentos urbanos, mas que os levaram em consideração para entender as condições da luta da classe pobre carioca na busca por reprodução da vida material. Tomar essa estratégia, também, como ponto de partida, é importante, pois podemos observar como trabalhadoras e trabalhadores de diversos ofícios vivenciaram este período, tendo como pano de fundo um governo republicano que tentava se legitimar a todo custo. Ao fim ao cabo esta é uma das propostas desta pesquisa: compreender, por meio da *Fon-Fon!*, as formas como os trabalhadores de rua, sobretudo ambulantes, carregadores e carroceiros, marcavam presença nas áreas recém reformadas do Rio de Janeiro.

Com isso, importante contribuição para esta monografia, *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*, publicado pelo historiador Sidney Chalhoub em 1986, associa processos criminais e a imprensa para debater os diversos embates das classes populares na busca constante pela reprodução da vida material durante o início do século XX. Dentre a gama de trabalhadores, Chalhoub exprime que a situação dos

nacionais e negros era pior do que os populares brancos e imigrantes, tendo em vista o discurso de branqueamento e do progresso que estava em voga.<sup>51</sup> Deste modo, o “paroxismo desses sentimentos negativos em relação ao negro dá uma ideia exata das dificuldades que ele tinha de enfrentar para *conseguir uma colocação como assalariado*”. Assim sendo, o historiador nos faz refletir a respeito das categorias que abarcam os trabalhadores da presente pesquisa, os quais por ocuparem as ruas para realizarem seus ofícios estariam em menor número em “estabelecimentos comerciais e industriais *dominados por brancos*”.<sup>52</sup>

A busca cotidiana pela sobrevivência que a classe trabalhadora carioca travava acontecia em vários espaços da cidade e em diversos momentos de seu dia a dia: locais de trabalho (nas ruas ou em estabelecimentos particulares), transitando pela rua (seja a lazer ou, simplesmente, indo e vindo de algum local), espaços de lazer e sociabilidade (botequins, quiosques, rua etc.) e em seus locais de moradia (em grande medida, moradias coletivas localizadas na região central, ou em residências distantes das áreas onde a maioria dos postos de trabalho e circulação de pessoas estava).<sup>53</sup> É preciso considerar a importância do local de moradia na vida desses sujeitos trabalhadores, principalmente pelo fato, como observou Chalhoub em diversos processos criminais analisados naquele livro, de que ter ou não moradia fixa poderia contribuir para amenizar a situação de alguém que estava sendo apreendido ou julgado.

Entretanto, cada vez mais ficava difícil sustentar as custas de um pequeno espaço para morar na capital federal, sobretudo por conta da valorização do solo urbano que abriu caminho para a especulação imobiliária. Dessa maneira, escondidos:

então por detrás de uma política de planejamento urbano que visaria apenas ao “saneamento” e “embelezamento” da cidade [...] uma elite de empresários intimamente associada ao poder público coordenou um processo de

---

<sup>51</sup> *A priori*, de acordo com o discurso do contexto, os trabalhadores negros traziam as mazelas do passado escravista e imperial, logo não seriam bons trabalhadores e, aos poucos, deveriam ser eliminados, com isso, “[...] a competição pela sobrevivência e pela ascensão social entre os populares tendia a colocar em campos opostos de luta imigrantes e brasileiros pobres, especialmente os de cor.” Cf. CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012, p.112.

<sup>52</sup> *Ibidem*, p.133 (grifos meus). Entrando, vale o destaque para um ponto: havia, sim, trabalhadoras e trabalhadores negros ocupando ofícios em lojas e/ou sendo proprietários de seus negócios, atuando na função de caixeiros, gerência e “patrão”, como evidenciaram Fabiane Popinigi e Juliana Barretos Farias em suas teses de doutorado. Cf. POPINIGIS, Fabiane. *Operários de casaca?: relações de trabalho e lazer no comércio carioca na virada dos séculos XIX e XX*. 2003. 253 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, pp.65-66.; FARIAS, Juliana Barreto. *Mercados Minas: africanos ocidentais na Praça do Mercado do Rio de Janeiro (1830-1890)*. 2012. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, pp. 174-175.

<sup>53</sup> Cf. Chalhoub, Sidney. *Op Cit.* p.134-135.

urbanização que visava orientar a ocupação do espaço urbano de acordo com os imperativos da acumulação capitalista.<sup>54</sup>

Os custos de vida ficavam cada vez mais elevados, assim como, as dificuldades de circulação nas ruas, não de forma literal, mas por conta da vigilância sobre esses sujeitos ser constante. O poder republicano buscava incutir, sobretudo naqueles sujeitos pobres e descendentes da escravidão, o espírito burguês, com ética de trabalho e modelo familiar renovados e, qualquer desvio dessa lógica, seria punido pelas autoridades. Em artigo que colocou lado a lado teses de doutorado sobre trabalhadores do comércio, em grande medida caixeiros, e prostitutas cariocas, Cristiana Schettini e Fabiane Popinigris propuseram uma análise que levou em conta não só a história do trabalho, mas a interseção desta com questões ligadas à sociabilidade, diversão/lazer e cotidiano popular no Rio de Janeiro durante a passagem do século XIX para o XX.<sup>55</sup>

As autoras iluminam sobre a questão da vigilância, moralidade e das relações de trocas entre os sujeitos da classe caixeiral e das mulheres que realizavam trabalho sexual remunerado, em meio ao período que ocorreu as reformas urbanas no Rio de Janeiro. Em grande medida, essas duas categorias de trabalho se cruzavam diversas vezes naquele cotidiano. Seja pelo fato dessas mulheres habitarem e trabalharem em cômodos que os donos de pequenos comércios varejistas alugavam a elas ou, também, por essas mulheres comparem frequentemente nessas vendas próximas a seus locais de moradia. Ademais, essa relação poderia se dar pelo estreitamento entre ambas as partes por mais duas razões: por meio de relações sexuais remuneradas entre os caixeiros e as prostitutas; e, também, pelo fato de que essas trabalhadoras, ao receberem seus variados clientes em casa, aumentavam a circulação e a clientela dos empreendimentos comerciais daquele redor.

A partir do advento da república, como já dito anteriormente, a interferência estatal no dia a dia dos trabalhadores, sobretudo aqueles que viviam sem patrão, aumentou relativamente, não sendo diferente para as prostitutas que ocupavam casa de cômodos na região central da cidade do Rio de Janeiro. Com isso, a intervenção do Estado na vida dessas mulheres, “traduziu-se numa crescente autonomia policial para controlar a visibilidade, localização e costumes destas mulheres”, afetando, diretamente, “não apenas suas vidas e formas de trabalho,

<sup>54</sup> CHALHOUB, Sidney. *Op. Cit.* p.134.

<sup>55</sup> SCHETTINI, C.; POPINIGIS, F. “Empregados do comércio e prostitutas na formação da classe trabalhadora no Rio de Janeiro republicano.” *ArtCultura*, [S. l.], v. 11, n. 19, 2010. As teses de doutorado que foram base para esse artigo são as seguintes: PEREIRA, Cristiana Schettini. *“Que tenhas teu corpo”: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas*. 2002. 329p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.; POPINIGIS, Fabiane. *Operários de casaca?* *Op. Cit.*

como também a de seus vizinhos e clientes.”<sup>56</sup> À face do exposto, essas trabalhadoras, que até o final século XIX, ficavam nas janelas de suas casas a espera de seus clientes, voltadas para rua e ao público transeuntes, em regiões que se desejavam civilizar, controlar e embelezar, passaram a ser expulsas desses locais, gerando consequências diretas naquela estrutura que coligava o trabalho dos comerciantes e das prostitutas – ambas as categorias saíam com prejuízos mediante essas ações.

O que chama atenção nesses casos é o desenrolar que eles tiveram na justiça com os pedidos de *habeas corpus* os quais as prostitutas que iam presas entravam em busca pela liberdade. Neles, a pesquisa, sobretudo de Cristiana Schettini, pode observar que as prostitutas conseguiam angariar uma gama de testemunhos, principalmente dos homens do comércio, a seu favor, o que contribuía para a possibilidade de serem soltas. Entretanto, é

evidente que o interesse deste homem [dono de um pequeno comércio que ganhava com o movimento proporcionado por essas trabalhadoras] pelas prostitutas, assim como o dos que alugavam cômodos por valores exorbitantes, passava sobretudo pelo lucro que elas lhes proporcionavam, o que, de resto, evita qualquer risco de idealização do que estamos chamando de redes de convivência entre as prostitutas e seus vizinhos do centro da cidade.<sup>57</sup>

Outros, ainda, depunham a favor das prostitutas para não perderem a possibilidade de realizarem encontros com as mesmas. No final das contas, “muitas mulheres conseguiram tecer uma rede de apoio que não as deixava completamente vulneráveis à ação policial”, mas que, em contrapartida, não deixavam de acionar essa mesma força policial quando sofriam abusos e violências de outras pessoas, tratando, então, de “um frágil equilíbrio e de alianças permanentemente negociadas.”<sup>58</sup> Podemos observar, até aqui, que uma série de categorias de trabalhadoras e trabalhadores se cruzavam em meio as tantas medidas autoritárias, intercedidas pelos poderes governamentais burgueses, sejam construindo laços de solidariedade e competindo entre si na busca de um lugar ao sol. Homens e mulheres, negros e brancos, estrangeiros ou nacionais, vivenciaram o momento das reformas urbanas cada qual a sua maneira, porém, se pertencentes aos mundos do trabalho, enfrentaram, com toda certeza, as mais variadas formas de repressão e violência em nome de uma capital federal que se pretendia europeia, remodelada e civilizada.

Erika Arantes e Lericé de Castro Garzoni levaram em conta em seus estudos o cotidiano de trabalho, respectivamente, dos sujeitos que trabalhavam no porto do Rio de Janeiro e de

<sup>56</sup> SCHETTINI, C.; POPINIGIS, F. *Op. Cit.* p.63.

<sup>57</sup> *Ibidem.* p.64.

<sup>58</sup> *Idem.*

mulheres pobres que, ao se ocuparem de diversos ofícios para sobreviver, eram alvos constantes do policiamento nas ruas cariocas.<sup>59</sup> O que trago de destaque dessas pesquisas é que, a partir de ambas podemos ter acesso a uma documentação policial, analisada pelas autoras, que demonstra a prisão sistemática e autoritária de homens e mulheres por “vadiagem”, “vagabundagem” ou “desordem”. A histografia já nos mostrou que esse tipo de prisão é fruto das diversas discussões e imposições legais que vinham sendo formuladas desde momentos antes da abolição do cativo, as quais estavam preocupadas em arrumar novas formas de controle, sobretudo, daqueles escravizados que seriam libertos a partir de 1888.<sup>60</sup> Antônio Mina, estudado por Arantes, e Olga Maria de Souza Lima, investigada por Garzoni, ambos negros e pobres, são alguns de tantos outros sujeitos que se tornaram conhecidos pelas autoridades e, por isso, presos e vigiados com maior comprometimento pela polícia republicana.

Essas e outras tantas pesquisas estudaram o dia a dia de trabalhadoras e trabalhadores contribuem para o presente trabalho à medida que trazem uma nova forma de olhar para o período das reformas urbanas cariocas. Não levando apenas em consideração informações gerais sobre os melhoramentos, tais produções olham com uma lupa para os sujeitos que ocupavam as ruas trabalhando, buscando perceber naquele cotidiano a maneira como os ideais republicanos, os mesmos que deram sustentação aos embelezamentos urbanos, estiveram presentes nas várias formas de repressão aos ditos vagabundos e desordeiros. Tais investigações foram realizadas, sobretudo, a partir da grande imprensa e de documentação policial e jurídica durante os anos iniciais do século XX. Entretanto, apesar dos personagens se manterem, esta pesquisa busca entender o cotidiano daqueles que trabalhavam e circulavam nas ruas cariocas, a partir de um veículo da imprensa que detinha de uma tecnologia ainda pouco explorada e que se voltava completamente para as elites brasileiras – a revista ilustrada *Fon-Fon!*.

Recheada de material imagético, ilustrações e fotografias, o semanário surge em uma época em que ainda circulavam poucos periódicos os quais se voltam ao uso abundante de imagens, o que nos permite observar as visões e as escolhas que o periódico tinha em relação,

---

<sup>59</sup>Cf. ARANTES, Erika. *O porto negro: cultura e trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX*. Dissertação de mestrado em História, Unicamp, 2005.; GARZONI, Lérica de Castro. *Vagabundas e conhecidas: novos olhares sobre a polícia republicana (Rio de Janeiro, início século XX)*. 2007. 172p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

<sup>60</sup> Sidney Chalhoub propõe essa discussão ao analisar os desdobramentos do conceito “classes perigosas” e do debate parlamentar ocorrido na Câmara dos Deputados do Império do Brasil, meses antes da abolição do cativo, acerca do “medo” e da repressão a ociosidade que as autoridades deviam realizar após o fim formal da escravidão. Conferir os itens: “Trabalhadores e vadios; imigrantes e libertos a construção dos mitos e da patologia social” em CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim. Op.Cit.* pp.64-89; e “Classes pobres, classes perigosas” em CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.p.23-33.

principalmente, a cidade do Rio de Janeiro recém reformada. Além disso, a tentativa de exposição humorística e ironizada do periódico traz para análise alguns textos que versam sobre espaço urbano e daqueles que ali circulavam. Com isso, observando esse rico material, não só como fonte, mas como objeto de pesquisa, é possível vislumbrar a maneira como os diretores da *Fon-Fon!* decidiram levar ao seu público as realizações das reformas urbanas e os tipos sociais que circulavam nesses espaços. Quais locais da cidade e sujeitos eram privilegiados nos variados textos da revista? Será que trabalhadoras e trabalhadores, como aqueles analisados pelas pesquisas acima elencadas, tinham espaço no semanário? Como a *Fon-Fon!* expôs os melhoramentos na cidade? A *Fon-Fon!* alimentava o projeto republicano que perseguia diariamente a classe trabalhadora? Continuemos o trabalho a partir dessas perguntas.

## **II) Uma cidade “melhorada” é uma cidade vazia? Melhoramentos urbanos cariocas sob a ótica e a pena da Fon-Fon!**

E o Pereira Passos? Será que quase um ano depois da publicação dos votos da *Fon-Fon!* para o ano de 1909, expostos na abertura deste capítulo, a saudade do ex-prefeito do Rio de Janeiro passou? Aparentemente não, vejamos. Na coluna “Notas graves”, publicada em 13 de novembro de 1909, é manifestado ao público da revista melancolia e nostalgia ao período de atuação do prefeito frente à governança da cidade naquele momento. “Como anda a nos fazer saudades, a energia tremenda do nosso amado Passos”, colocou a coluna, afirmando que pairava “por toda a Cidade um ar de preguiça e sossego, que nos provoca estranhezas dolorosas.” O município do Rio, pensado a partir desse arranjo, se encontrava com uma energia preguiçosa e calma, já que “não se fala mais em melhoramentos, em aberturas de ruas, em arborizações.” Apesar de uma construção narrativa quase que poética, a nota é grave e o reclame é claro: ansiava-se por mais obras de embelezamentos urbanos na cidade do Rio de Janeiro.<sup>61</sup>

Quase colocando novamente Passos em disputa eleitoral, indaga a coluna: “Voltará?”. Trazer essa questão para as páginas do semanário fazia sentido, porque, segundo quem escreve: “Toda a cidade faz esta interrogação com a ânsia de quem espera a própria felicidade, ou de quem, pelo menos, alimenta a esperança da volta da antiga felicidade.”<sup>62</sup> Quais sujeitos comporiam a noção da *Fon-Fon!* de “Toda a cidade”? A “antiga felicidade” era plena em todos os cantos do Rio de Janeiro? Ou de fato esse era um diálogo apenas com o público-alvo da

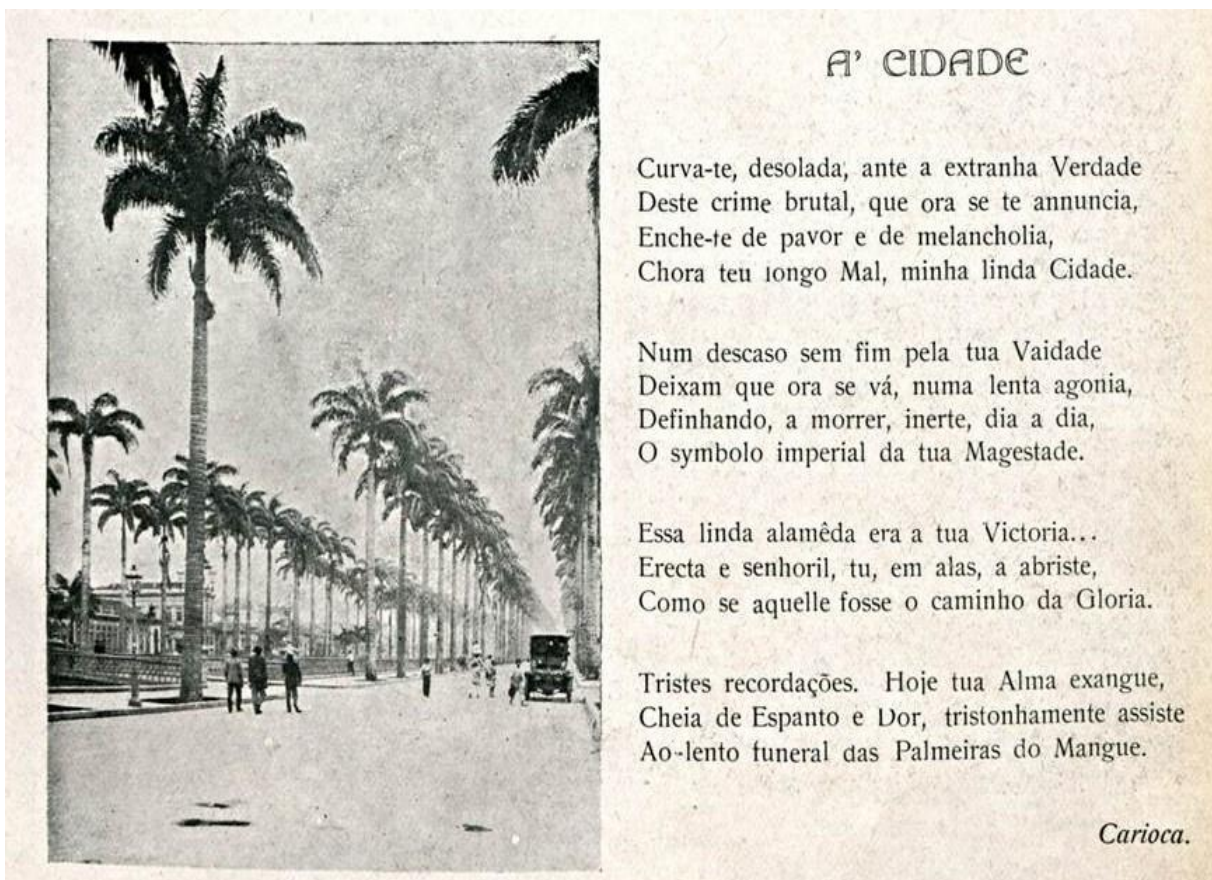
<sup>61</sup> “Notas graves”. *Revista Fon-Fon!*, 13 de novembro de 1909, p.07.

<sup>62</sup> *Idem.*

revista, que era, como exploramos na Introdução, as elites urbanas brasileiras? Partindo dessa linha de raciocínio, a pesquisa fez uma série de levantamentos acerca de como o objeto da presente análise expunha aos seus leitores aspectos da cidade e da materialização da “felicidade” carioca que Passos proporcionou para a capital federal – os melhoramentos urbanos. Com isso, qual cidade do Rio de Janeiro o corpo editorial da *Fon-Fon!* decidiu expor aos seus leitores?

De antemão, é necessário chamar atenção para a maneira como os dirigentes da revista escolheram expor partes da cidade do Rio de Janeiro ao seu público. Como será possível notar ao longo das páginas, no que se trata de fotografias da cidade, em poucas ocasiões há alguma colocação escrita junto do registro imagético que justifique ou analise o que ali se passa, caracterizando esse tipo de publicação meramente como expositiva – será analisado, no Capítulo 2, uma coluna que flagra, em grande medida, habitantes da cidade do Rio de Janeiro da mesma forma: exposição fotográfica e pouca ou quase nenhuma informação. Entretanto, comecemos pela exceção:

**Imagem 5:** *Revista Fon-Fon!*, 20 de abril de 1907, p.05.



## A' CIDADE

Curva-te, desolada, ante a extranha Verdade  
Deste crime brutal, que ora se te annuncia,  
Enche-te de pavor e de melancholia,  
Chora teu tongo Mal, minha linda Cidade.

Num descaso sem fim pela tua Vaidade  
Deixam que ora se vá, numa lenta agonia,  
Definhando, a morrer, inerte, dia a dia,  
O symbolo imperial da tua Magestade.

Essa linda alamêda era a tua Victoria...  
Erecta e senhoril, tu, em alas, a abriste,  
Como se aquelle fosse o caminho da Gloria.

Tristes recordações. Hoje tua Alma exangue,  
Cheia de Espanto e Dor, tristonhamente assiste  
Ao-lento funeral das Palmeiras do Mangue.

*Carioca.*

Foi esse, na segunda edição da revista, publicada em 20 de abril de 1907, o primeiro registro fotográfico de um espaço público da cidade do Rio de Janeiro que a *Fon-Fon!* veiculou em suas páginas – logo, trata-se de uma publicação relevante, por conta da revista ser entendida, para além de fonte, como objeto. Como dito, a publicação é uma exceção, pois a imagem é acompanhada de um texto escrito que ilumina sobre alguns detalhes da fotografia e colabora para a sua análise. Conforme uma denúncia, endereçada “À cidade”, os textos em conjunto se mostram uma crítica negativa a uma das consequências dos melhoramentos urbanos. Mas crítica a que? O que tanto incomoda os dirigentes da *Fon-Fon!* a ponto de reservarem a primeira publicação fotográfica da cidade do Rio do semanário para denúncia? É escrito, em forma de poema, com rimas esquematizadas e um teor de “melancolia”, que “O símbolo imperial da tua majestade”, as palmeiras da Alameda do Mangue, estão “Definhando, a morrer, inerte, dia a dia”. Dessa forma, com imagem e texto conjugados, a publicação expõe o “lento funeral das Palmeiras do Mangue.”<sup>63</sup>

Por incrível que pareça, e a pesquisa não pode ignorar isso, a primeira vista da cidade do Rio de Janeiro apresentada na *Fon-Fon!* é crítica a uma das consequências dos melhoramentos urbanos, os quais acabaram por prejudicar as palmeiras imperiais localizadas na rua posta na fotografia. A questão dos altos preços das moradias, mudanças estruturais que impactaram grande parte da sociedade, entre outras tantas problemáticas, não foram expostas na revista – a preocupação, antes de tudo, assim como para grande parte da elite carioca, era estética. Na verdade, a questão das palmeiras não era nova e ainda não havia sido resolvida durante o contexto da publicação – abril de 1907. Foram encontradas, por exemplo, na *Gazeta de Notícias*, no mínimo, duas notícias, uma de janeiro e outra de fevereiro de 1907, que discutiam a questão da arborização na capital federal e o caso das palmeiras da Alameda do Mangue foi levantado.

Em artigo destinado a tratar sobre “A Arborização” carioca, publicado em 15 de janeiro de 1907, é posto em perspectiva, na *Gazeta de Notícias*, a situação em três importantes locais da cidade: Avenida Central, Avenida Botafogo e Avenida do Mangue. Sobre a última, o diagnóstico é claro, estariam “irremediavelmente condenadas as lindíssimas palmeiras que ali formam uma perspectiva de rara beleza.” A motivação: “o calçamento o asfalto, pela sua impermeabilidade, impede que a planta seja alimentada pela raiz com a umidade sugada da

---

<sup>63</sup> *Revista Fon-Fon!*, 20 de abril de 1907, p.05.



superfície.”<sup>64</sup> Entretanto, um mês após essa publicação, em 15 de fevereiro, é veiculado no mesmo periódico “uma explicação muito mais razoável”:

Quando foi pela época da inauguração oficial da Avenida do Mangue, para igualar todas as palmeiras, mandaram arrancar as folhas secas. Não arrancaram bem, deixando a descoberto e exposto à ação do sol o caule das palmeiras. É essa a causa – e a prova das provas está que mesmo no lugar onde não há asfalto as palmeiras desmaiam...<sup>65</sup>

Por óbvio, o objetivo aqui não é discutir a questão da arborização carioca, porém, tomar essas publicações para análise ajuda a iluminar acerca dos posicionamentos da *Fon-Fon!* frente à cidade. Ao tratarmos, especificamente, da publicação da *Fon-Fon!* de abril de 1907 em comparação, por exemplo, aos recortes da *Gazeta de Notícias*, o caráter visual do semanário ganha destaque, porque, para além da notícia escrita, mesmo que em forma de uma poesia, era possível visualizar do que estava se tratando o exposto – uma das formas que os periódicos ilustrados usavam para se diferenciar dos demais. A denúncia ocupou 50% da página e, depois dos anúncios iniciais, publicação de agradecimento da *Fon-Fon!* ao público e a exposição de um incêndio em um navio na França, a notícia sobre as palmeiras era o terceiro conteúdo que o leitor encontrou naquela edição.

Lida a imagem junto do texto, esse tipo de avenida que havia sido reformada há pouco tempo, assim como aquelas outras tratadas na *Gazeta de Notícias*, significavam a “Vitória”<sup>66</sup> da cidade, logo, um lugar que deveria ser conservado e visto com atenção pelas autoridades. A fotografia, tirada do chão, demonstra a imensidão da avenida, a qual se perde de vista no registro, e evidencia a grandeza das palmeiras, quando as comparamos com os poucos transeuntes que ali estavam. Vale questionar: será que a arborização dos subúrbios chamava tanta atenção desse projeto republicano de cidade o qual a *Fon-Fon!*, e outros tantos periódicos, ajudavam a sustentar? É necessário um olhar atento para nosso objeto de pesquisa e ter a dimensão de quais espaços do Rio de Janeiro eram dignos de serem expostos por meio de imagens em suas páginas. Ainda no dia 15 de janeiro, na *Gazeta de Notícias*, ao comentar sobre as árvores em Botafogo, o artigo avaliou que: “Em Botafogo o crescimento das árvores que acompanham a linha do cais é evidentemente melhor que o da Avenida Central.”<sup>67</sup>

Vejam, através de alguns recortes que a pesquisa levantou, como na *Fon-Fon!* expôs essas e outras duas áreas da cidade:

---

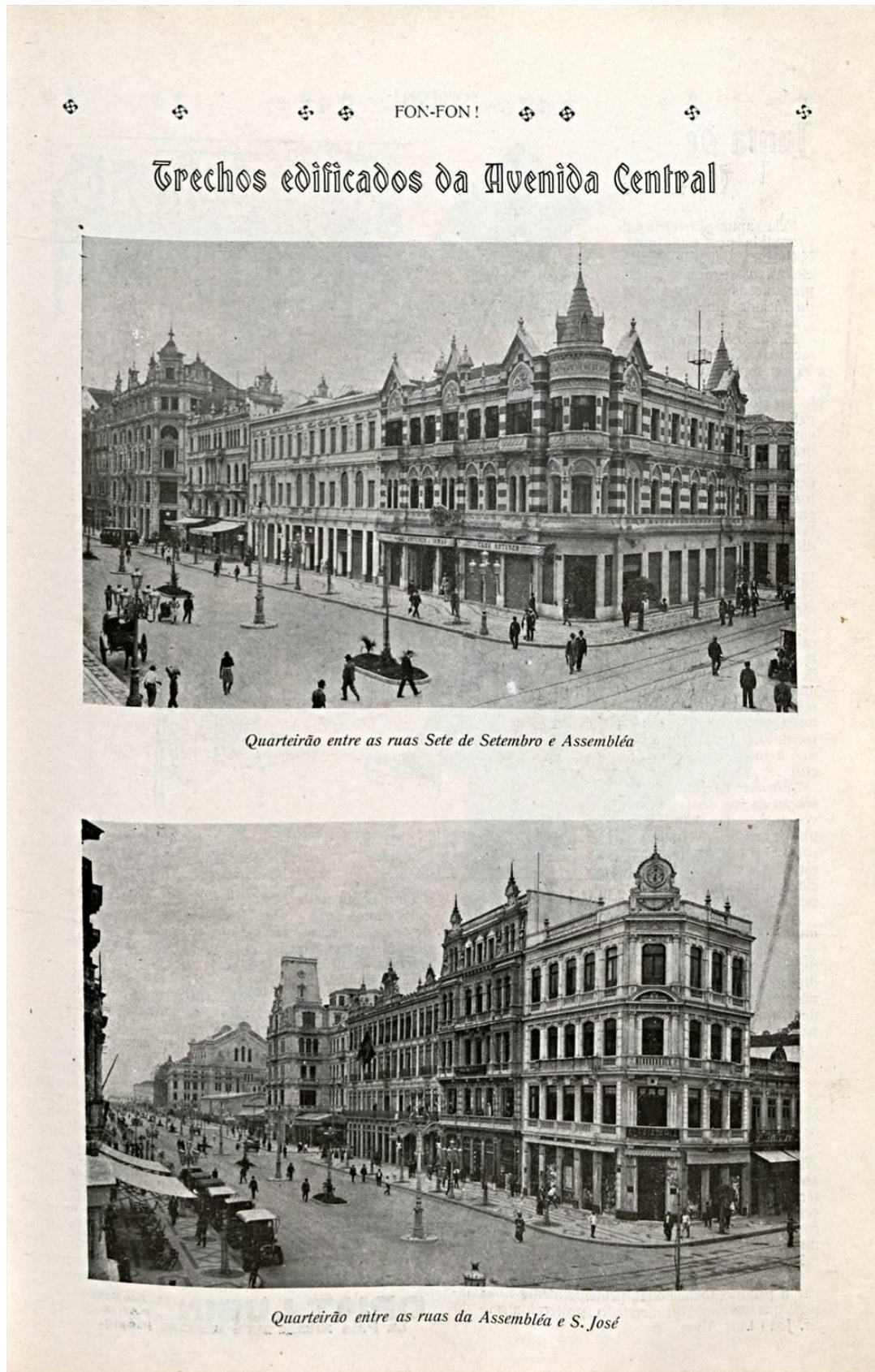
<sup>64</sup> *Gazeta de Notícias*, 15 de janeiro de 1907, p.01

<sup>65</sup> *Gazeta de Notícias*, 15 de fevereiro de 1907, p.01

<sup>66</sup> *Revista Fon-Fon!*, 20 de abril de 1907, p.05.

<sup>67</sup> *Gazeta de Notícias*, 15 de janeiro de 1907, p.01

Imagem 6: Revista Fon-Fon!, 04 de maio de 1907, p.21.





**Imagem 7:** *Revista Fon-Fon!*, 03 de agosto de 1907, p.05.



**Imagem 8:** *Revista Fon-Fon!*, 03 de agosto de 1907, p.24.



**Imagem 9:** Revista *Fon-Fon!*, 07 de dezembro de 1907, p.17.



As quatro publicações elencadas acima detinham de um objetivo explícito na organização interna da *Fon-Fon!*: exposição. Em oposição ao caso das palmeiras da Alameda do Mangue, que foi tratado pela revista como uma composição de texto imagético e um razoável texto escrito, dividindo espaço da publicação quase que 50% para cada tipo textual, essas outras apresentam uma apelo visual predominante em detrimento do uso de palavras. Esse tipo de olhar para a *Fon-Fon!*, como objeto de pesquisa, diz respeito à metodologia levantada por Tania Regia de Luca que nos coloca em **“alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural.”**<sup>68</sup>

Ou seja, assim como qualquer documentação que a História toma para análise, a desconfiança em relação à imprensa deve seguir o mesmo rigor, logo, é de suma importância historicizar o semanário, mostrar atenção para as “condições técnicas” de produção e propor uma averiguação **“dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê.”**<sup>69</sup> Para além das escolhas de cunho ideológico que regem cada periódico, devemos considerar a inserção da

<sup>68</sup> LUCA, T. R. de. “História dos, nos e por meio dos periódicos.”. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes Históricas*. 2aed. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 132 (grifos no original).

<sup>69</sup> *Idem* (grifos no original).

*Fon-Fon!* em uma lógica empresarial/capitalista de produção, a qual, acima de tudo, depende do lucro para sobreviver. Dessa maneira, as escolhas do tipo e os locais onde os conteúdos ocupariam na organização interna do objeto de pesquisa passa a ser decidido, também, a partir de uma “racionalidade” que se mostrava atenta “à otimização dos recursos e à constante atualização da maquinaria e material tipográfico, essencial para uma atividade inserida no circuito capitalista.”<sup>70</sup> A relação entre periódico e publicidade deve ser averiguada igualmente, o que pode nos iluminar acerca do público que o periódico atingia, assim como, no caso da presente pesquisa, em quais locais da cidade estavam localizados os anunciantes que publicavam na *Fon-Fon!*.

Analisemos, então, esses quatro recortes levantados, levando em consideração a forma com que esses conteúdos se relacionam com os demais assuntos tratados no dia e a posição em que foram inseridos na disposição interna da edição. A publicação da **Imagem 6**, veiculada na revista no dia 4 de maio de 1907, contou com o título, em letras grandes e chamativas, “Trechos edificadas da Avenida Central”. Ademais, a publicação é composta por duas grandes fotos, cada uma seguida de pequenas legendas, ocupando quase que todo o espaço da página – fica evidente, então, que foi decidido dar mais espaço/atenção ao texto imagético. As legendas especificam em qual local daquela avenida o retrato foi tirado, a primeira no “Quarteirão entre as ruas Sete de Setembro e Assembleia” e a segunda no “Quarteirão entre as ruas Assembleia e S. José”<sup>71</sup>. Esse foi um padrão usado pela revista para identificação dos espaços urbanos, como observado, também, na **Imagem 8**.

Observando a publicação da **Imagem 6** inserida no todo daquela edição, foi possível levantar que aquelas duas fotografias, das 14 totais publicadas no dia, foram umas das poucas que de fato estavam preocupadas em expor trechos da cidade. A edição contou três registros fotográficos ditos “instantâneos”, série fotográfica que será objeto de análise no próximo capítulo, sendo um deles de Machado de Assis. Ademais, quatro fotos da visita de um diplomata alemão no Rio de Janeiro figuraram na edição, nas quais foi possível vislumbrar parte da cidade e uma foto, sem mais explicações, como a aqui analisada, da Escola Rodrigues Alves. Quatro retratos de artistas internacionais e uma foto de um jogo de futebol completam a revista. As publicações das páginas que antedesses e sucedem os “Trechos edificadas da Avenida Central” são compostas de ilustrações e textos escritos, assimilados ao humor, para tratarem de assuntos,

---

<sup>70</sup> *Ibidem.* p.133.

<sup>71</sup> *Revista Fon-Fon!*, 04 de maio de 1907, p.21.



majoritariamente, políticos – logo, aquelas duas fotografias, que ocuparam quase uma página toda, surgem como uma espécie de alívio visual em meio às colocações escritas.

As fotografias, assim como as demais deste capítulo, têm a preocupação de valorizar os melhoramentos urbanos realizados na gestão municipal anterior e dão atenção principal não a população, mas aos prédios que, nesse caso, estavam na Avenida Central. Olhando com mais atenção para os registros, é possível levantar a hipótese de que o fotógrafo tirou as fotos no mesmo dia, deslocando-se de um espaço a outro na avenida para fazer mais cliques. Não podemos deixar de observar essa semelhança nas publicações da **Imagem 7 e 8**, as quais foram veiculadas na mesma edição, só que a primeira na página 5 e a segunda na 24. Com características semelhantes quanto ao tamanho da imagem e conteúdo da legenda, as publicações fotográficas do dia 3 de agosto de 1907 também privilegiaram a Avenida Central.

Essa edição, de fato, parece proporcionar uma pequena viagem por pontos importantes do Rio de Janeiro. Das 16 fotografias presentes nas páginas desse volume, 6 flagram diretamente o meio urbano. A viagem começa na página 5, com “Um trecho da Avenida Central”<sup>72</sup>, prosseguindo, nas páginas 18 e 19, chegamos até o Mercado Municipal do Rio de Janeiro em um dia movimentado<sup>73</sup>, passamos no Largo da Lapa na página 21 e, por fim, na 24 voltamos para Avenida Central “entre as ruas Rosário e Alfandega”<sup>74</sup>. A presença intensa de imagens nas páginas da *Fon-Fon!* garantia a seu público a experimentação visual da capital federal recém-reformada, o que, segundo levantou a historiadora Ana Maria Mauad, atendia ao aumento da “necessidade da experiência visual” que surge a partir do século XIX<sup>75</sup>.

Nossa fonte e objeto de pesquisa garantiam, então, “um novo tipo de conhecimento mais imediato e generalizado”<sup>76</sup>, com o uso constante de fotografias e, atrelado a elas, frases meramente descritivas, mas não inocentes, como observamos até aqui. As publicações das **imagens 7 e 8**, por exemplo, não contavam nem com título, as fotografias apareciam avulsas ocupando 50% da página da revista, o que, para a imprensa comercial, é um espaço relevante. Ao analisar a vida profissional dos fotógrafos Marc Ferrez e Augusto Malta, Ana Maria Mauad nos ajuda a vislumbrar uma crítica mais apurada aos recortes fotográficos deste capítulo. Os

<sup>72</sup> *Revista Fon-Fon!*, 03 de agosto de 1907, p.05.

<sup>73</sup> Esse registro será analisado com atenção no próximo capítulo.

<sup>74</sup> *Revista Fon-Fon!*, 03 de agosto de 1907, p.24.

<sup>75</sup> A historiadora destaca que “o desenvolvimento técnico aliado à conquista de novos mercados consumidores e de paisagens exóticas foram ingredientes importantes para os novos usos e funções da imagem, notadamente a fotográfica, no século XIX.” Cf. MAUAD, Ana M.. “A Inscrição na cidade: paisagem urbana nas fotografias de Marc Ferrez e Augusto Malta”. In. MAUAD, Ana M.. *Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias*. 1. ed. Niterói: EDUFF, 2008, p.112.

<sup>76</sup> *Idem*.

objetivos e a técnica de Augusto Malta apresentam similaridades, quando observamos a construção dos elementos fotográficos de sua obra em relação ao acervo coletado nesta pesquisa.

Malta, como levantou Ana Mauad, tinha acentuada relação, pessoal e profissional, com o prefeito Pereira Passos. No momento em que o político comandou a cidade fluminense, o fotógrafo era agente oficial da prefeitura do Rio de Janeiro e tinha como tarefas principais “documentar detalhadamente o processo de remodelação e modernização da Capital Republicana” e “registrar solenidades oficiais e o cotidiano da prefeitura”<sup>77</sup>. O fotógrafo, com isso, cooperava na construção ideológica do progresso atrelada a modernização urbana através dos inúmeros registros que fazia da cidade – vimos, a partir da *Fon-Fon!*, que mesmo após o mandato de Passos, pairava sob a elite a nostalgia das reformas como um dos pilares do progresso moderno. Com isso, tanto Augusto Malta como os dirigentes da *Fon-Fon!*, ao fazerem circular intensamente as fotografias de uma cidade reformada, colaboravam para a “estruturação de um *habitus*”, o qual, a partir do circuito social desses registros, apoiava a “elaboração de representações sociais de comportamento que constituem a distinção dos diferentes grupos que circulam e convivem na cidade.”<sup>78</sup>

Dessa forma, ao observarmos a **Imagem 9**, para além da arborização organizada e vistosa, como bem havia levantado o artigo da *Gazeta de Noticias*, o “instantâneo”, que de improvisado e inocente nada tinha, mostra parte de uma rua do bairro de Botafogo. Levantamentos realizados em pesquisas anteriores mostraram que a região de Botafogo vinha sendo contemplada pelos melhoramentos urbanos desde o início do período republicano, sendo construído, por exemplo, no início da década de 1890, casas, parques, igrejas e aparelhos de lazer voltados para a elite.<sup>79</sup> Dessa forma, a imagem nos mostra uma região planejada para os usos da aristocracia, com automóveis, em primeiro plano, e construções ao fundo, sendo o último limite da fotografia os aspectos montanhosos no último plano.

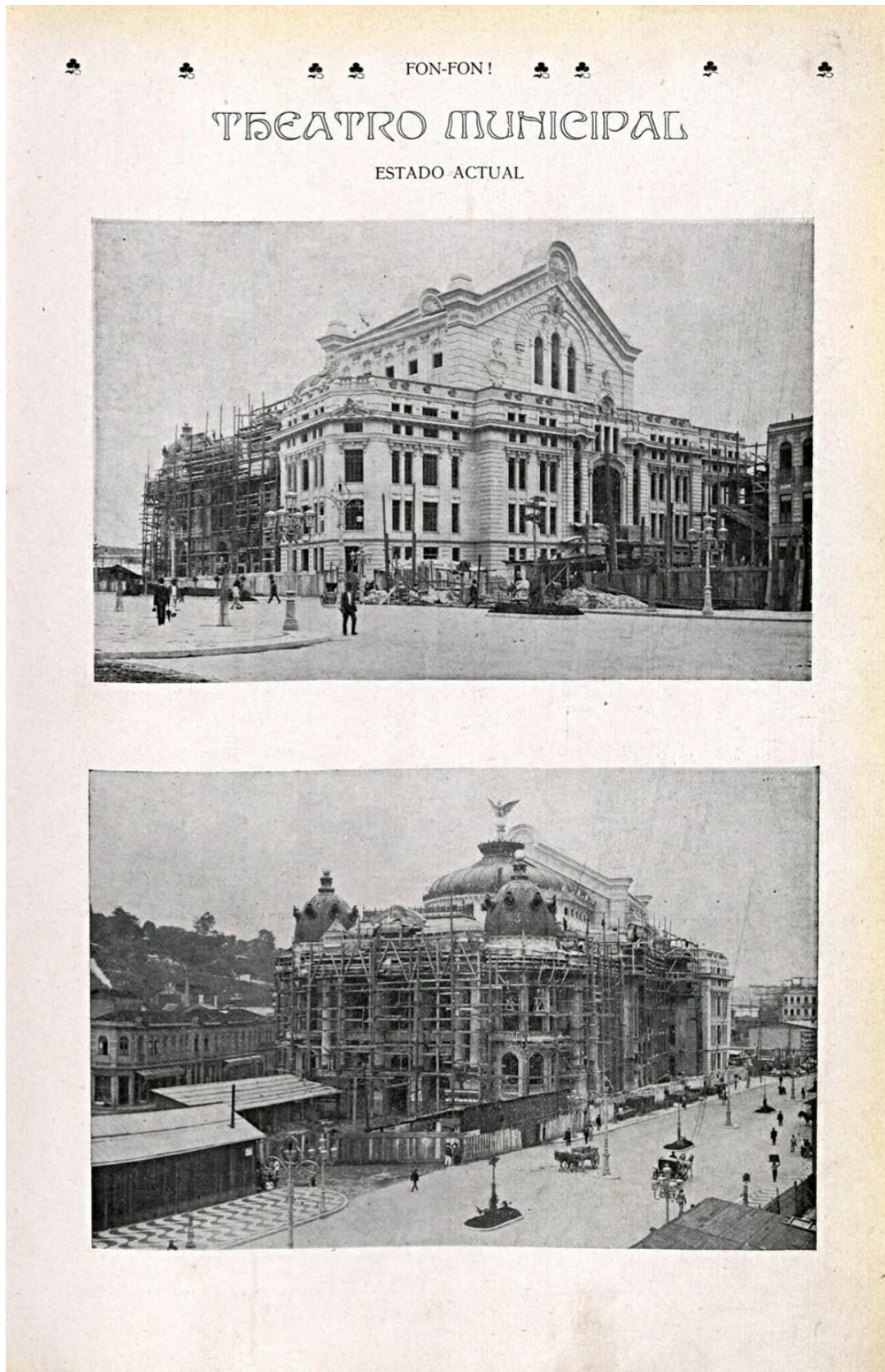
---

<sup>77</sup> *Ibidem*. p.119.

<sup>78</sup> *Ibidem*. p.116.

<sup>79</sup> Cf. IGNACIO, S. C. D. R.. “O descaso estatal carioca e a denúncia do povo: as diferentes ações governamentais do Rio de Janeiro acerca da insalubridade urbana nas “Noticias Diversas” do *Jornal do Brazil* (1891)”. *ORÉ – Revista Discente de Estudos Históricos da UNIRIO*, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p. 97-115, jan. 2023.

**Imagem 10:** *Revista Fon-Fon!*, 27 de abril de 1907, p.21.





**Imagem 11:** *Revista Fon-Fon!*, 18 de maio de 1907, p.12.



Não podemos deixar de notar algo bastante característico no levantamento fotográfico realizado até então: imponente das construções frente aos transeuntes e o aspecto de esvaziamento populacional presente nos registros. Em geral, fotografias de plano médio (que contam com um viés panorâmico, mas que, mais próximo à rua, proporcionam um olhar mais detalhado para a circulação) e aquelas tiradas quase que ao nível da rua, caracterizada por Mauad como “rés de chão”, colaboram para uma observação mais atenta para o cotidiano urbano. Nas de plano médio, “a figuração atua tanto como elemento associado ao movimento urbano – pessoas transitando, ou subindo nos bondes –, quanto como o lado pitoresco da vida cotidiana”<sup>80</sup>. As tiradas ao nível das ruas buscavam se engajar “na confusão da cidade, no burburinho caótico que misturava ambulantes com seus pregões, burros sem rabo, bondes e

<sup>80</sup> MAUAD, Ana M.. *Poses e Flagrantes: Op. Cit.* p. 119

transeuntes. Imagens que, ao mesmo tempo, celebravam a multiplicidade e a diferença, denunciavam o perigo do caos urbano.”<sup>81</sup>

Questiona-se: onde está o povo e o dia a dia carioca nessas fotografias? Pouco da “confusão da cidade” é exposto nas páginas da *Fon-Fon!* e, com isso, sabemos que, além do visível, é necessário problematizarmos o que se buscou esconder em nossas fontes do passado. A rua “Uruguaiana depois dos últimos melhoramentos” (**Imagem 10**) e o teatro municipal (**Imagem 11**), mesmo que passando por uma reforma, são locais, de acordo com as fotos presentes em nosso objeto de pesquisa, com poucas pessoas circulando. É nítido, depois desse passeio pelo Rio de Janeiro, através das fotografias elencadas, que a intenção do corpo editorial da revista era construir uma ideia de cidade que estivesse de acordo com os ideais republicanos de ordem, progresso e limpeza (tanto urbano quanto social), em que os grandes prédios e os melhoramentos, os ditos avanços materiais, fossem o destaque tanto nas ruas quanto nas folhas da imprensa.

Apoiado na bibliografia, principalmente nas elencadas no subitem anterior, sabemos que as ruas cariocas se mostravam movimentadas, principalmente por aqueles que dia a dia lutavam pela sobrevivência – por que a *Fon-Fon!* não evidencia esses sujeitos? A classe abastada teve lugar de destaque na revista. Os inúmeros “instantâneos” publicados no semanário eram, em geral, fotografias desses sujeitos indo e vindo pelas ruas. Não podemos, também, deixar de associar essa classe rica, a qual a *Fon-Fon!* atendia, com os prédios e os melhoramentos da cidade presentes na fonte. Os melhoramentos, em grande medida, contribuíram mais para a vida da aristocracia carioca do que para os trabalhadores, os quais, ainda por cima, sofriam com a grande repressão policial republicana. Os prédios, de quem mais poderiam ser? Seus proprietários eram os donos das grandes empresas da cidade, as quais, constantemente, faziam anúncios publicitários no semanário.

Entretanto, mesmo intencionalmente ocultando a vida cotidiana nas fotos para evidenciar os prédios e ruas melhoradas, os dirigentes de nosso objeto de pesquisa deixaram escapar outra visão que tinham da cidade, um parecer totalmente preconceituoso que falava contra as trabalhadoras e trabalhadores de rua que a revista tanto quis esconder. O capítulo está se encerrando, por isso, reproduzo a seguir na íntegra um recorte do periódico que a presente investigação encontrou o qual diz sobre o Rio de Janeiro que pouco apareceu nas imagens da *Fon-Fon!*:

---

<sup>81</sup> *Ibidem.* p.120

### Notas... dissonantes

No meio dos melhoramentos porque tem passado o Rio de Janeiro, rasgando-se no centro da cidade amplas ruas, dando-lhes ar e luz em profusão, arborizando-as convenientemente, embelezando as construções conservam-se ainda mazelas da antiga capital pouco asseada, mal calçada e cheia de infectas vielas.

Ainda estão ai os imundos quiosques de café e bebidas, a escorrerem águas sujas, rodeados de gente descalça, em mangas de camisa, às vezes com o peito peludo à mostra.

N'uma cidade como a nossa atualmente, orgulhosa de suas Avenidas Central e Beira-Mar e de seus majestosos edifícios, a lei apresentada no Conselho Municipal, obrigando toda a gente a usar botinas e paletó, cai quase por unanimidade, tendo até contra si um bem-feito jornal da manhã, arbitro das delegacias cariocas.

E os quiosques permanecem ali nos centros mais frequentados, empestando o ar, interrompendo o transito como o que fica atrás do edificio do Hotel Avenida do lado da rua Treze de Maio, bem juntinho da passagem dos bondes da Jardim Botânico.

Hão de concordar que o lugar merece outro enfeite que um quiosque, rescendendo a café e a paraty, um lugar por onde passam todas as senhoras que vão às ruas Gonçalves Dias e Uruguayana.

A Prefeitura poderia perfeitamente atender um pouco à estética das nossas ruas principais.<sup>82</sup>

Novamente, como o caso das palmeiras exposto no início desse subitem, é proposta nas páginas da *Fon-Fon!* uma espécie de denúncia, dessa vez com endereço claro – a prefeitura do Rio de Janeiro. Dissonante, aquilo que não soa bem, é o adjetivo dado ao que está exposto acima. O texto elenca vários pontos que destoam ao projeto republicano de cidade, o qual vinha sendo botado em ação desde o término do século XIX, mas que ganhou caráter oficial com as reformas, sobretudo, as de Pereira Passos. A revista, apesar de ter surgido depois da época dos intensos melhoramentos, vimos nesse capítulo críticas a respeito da diminuição do ritmo no surgimento de novas reformas no governo subsequente a Passos, contribuiu para a perpetuação desse ideal de capital federal aos moldes europeus. As fotografias veiculadas na *Fon-Fon!* escondiam, propositalmente, o que os dirigentes da revista e as elites cariocas julgavam atrasado e repugnante de ainda permanecerem na capital republicana.

O texto é explícito, “os quiosques de café e bebida” eram um chamariz de “gente descalça, em mangas de camisa” e “às vezes com o peito peludo à mostra”. Na verdade, o problema não eram propriamente os quiosques, mas sim o fato deles circularem “nos centros mais frequentados”, “empestando o ar”, logo, o texto associa as classes pobres cariocas com o

---

<sup>82</sup> Revista *Fon-Fon!*, 26 de junho de 1909, p.09.

estigma de contaminação.<sup>83</sup> A rua Uruguaiana, recém reformada como vimos na **Imagem 11**, era um local em que deveria circular representantes da elite a passeio, fazendo compras etc., com um estilo de vida ao padrão republicano. O pedido final é claro: “A Prefeitura poderia perfeitamente atender um pouco à estética das nossas ruas principais.”<sup>84</sup>

Era quase como uma petulância o fato de trabalhadoras e trabalhadores circularem nas ruas do Rio de Janeiro, principalmente naquelas que a *Fon-Fon!*, semana a semana, mostrava em suas fotografias da cidade. Os sujeitos que “atendiam à estética das nossas ruas principais” tinham lugar cativo na revista, sobretudo na coluna “Rio em flagrante: os nossos instantaneos”, que analisaremos no próximo capítulo, na qual eram flagrados nessas mesmas regiões as quais se sentiam proprietários. Além de tudo, tratamos aqui de resistência por meio de ocupação dos espaços públicos, ficando evidente que o corpo editorial da *Fon-Fon!*, assim como parte de seu público, iam contra essa apropriação do meio urbano pelas classes trabalhadoras.

Não à toa, no subitem anterior, propomos um levantamento historiográfico que conjugou trabalhadores cariocas e vigilância republicana na primeira década do século XX, esses sujeitos estavam nas ruas, não só trabalhando, mas em lazer e descanso. Os dirigentes do periódico aqui analisado também sabiam disso, como vimos nas “Notas...dissonantes”, mas faziam questão de apagá-los dos registros fotográficos da cidade que eram veiculados na *Fon-Fon!*. As regiões pelas quais os fotógrafos do semanário circulavam, flagrando os prédios e os ricos, deveria ser um não lugar para qualquer sujeito que desviasse no padrão republicano de brasileiro do início do século XX.

Com isso, acaba ficando um pouco compreensível o porquê das cobranças presentes na revista ao governo municipal, subsequente a Passos, para mais reformas. Ao fim e ao cabo, o objetivo principal dessas reclamações ia além da ânsia por mais novos melhoramentos na estrutura urbana, a elite ansiava por melhoramentos no que se diz respeito aos costumes e hábitos que os incomodava, sobretudo dos trabalhadores que estavam circulando e, até mesmo,

---

<sup>83</sup> Os sujeitos empobrecidos, em grande medida os escravizados e libertos, durante o momento imperial, e a massa de trabalhadores nacionais, sobretudo os egressos da escravidão, a partir da república, eram entendidos como “classes perigosas”. O conceito de “classes perigosas” estabeleceu, no mínimo, uma dupla perseguição a esses trabalhadores: nas ruas durante seu trabalho e lazer e em suas casas. Além de serem considerados um perigo para o progresso por conta de sua suposta ociosidade e não apego ao trabalho, as autoridades consideravam os “[...] hábitos de moradia dos pobres [...] nocivos à sociedade, e isto porque as habitações coletivas seriam focos de irradiação de epidemias, além de, naturalmente, terrenos férteis para a propagação de vícios de todos os tipos.” Dessa forma, um novo estigma pairou sobre a população pobre: além de criminosos em potencial, esses ainda poderiam contaminar, social e biologicamente, as cidades. Cf. CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: Op.ct.* p.34.

<sup>84</sup> *Revista Fon-Fon!*, 26 de junho de 1909, p.09.

morando nas regiões que a reforma buscou enobrecer. Era composta, então, por duas faces a noção de modernização da *Fon-Fon!*:

Assim, modernizar não se restringia a modificar o espaço urbano. Também era preciso remodelar os comportamentos. Esta seria a segunda noção para modernidade que identificamos na *Fon-Fon*. Renegar e substituí-los por novos, isto é, urbanos, requintados, polidos, modernos. Romper com antigos hábitos e costumes significados como arcaicos, provincianos, atrasados.<sup>85</sup>

Para finalizar, mais alguns questionamentos. Mesmo optando por evidenciar prédios, avenidas e os ricos, em detrimento do aparecimento, sobretudo, da classe trabalhadora nas fotografias da revista, será que os dirigentes da *Fon-Fon!* conseguiram excluir todo resquício desses sujeitos que não faziam parte do projeto moderno e progressista da República? Olhando com um rigor mais apurado para as fotografias deste capítulo, deixando de lado o foco central delas em relação aos melhoramentos, é possível vislumbrar trabalhadoras e trabalhadores em atuação? Como, mesmo não querendo, os registros fotográficos da revista *Fon-Fon!* apresentam para nós os diversos sujeitos que não era esteticamente compatíveis aos novos padrões de cidadão e cidade? É partindo dessas inquietações que o próximo capítulo tomará forma. Seguimos!

---

<sup>85</sup> MACENA, Fabiana Francisca. *Madames, mademoiselles, melindrosas: "feminino" e modernidade na revista Fon-Fon (1907-1914)*. 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010, p.53.



## Capítulo 2: Os trabalhadores de rua nas margens da *Fon-Fon!*

### I) “Rio em Flagrante: Os nossos instantaneos”: o ordinário como ponto de partida

No dia 27 de julho de 1907, em sua décima sexta edição, foi publicada na *Fon-Fon!* uma fotografia que servirá como ponto de partida para as discussões deste capítulo e que vai ao encontro do debate proposto anteriormente. As considerações propostas no primeiro capítulo demonstram a intenção do corpo editorial do semanário de expor, para seu público, imagens de uma capital federal recém-reformada e habitada por sujeitos das mais variadas elites cariocas, logo, pouco ocupada pela classe trabalhadora carioca. Entretanto, como este trabalho tem noção das potencialidades do semanário como fonte de estudo do cotidiano dos mundos do trabalho pós-abolicionista, o questionamento inicial para este capítulo é o seguinte: como apareceram, nas páginas da *Fon-Fon!*, trabalhadores e trabalhadoras cariocas, mesmo quando dar visibilidade a esses sujeitos não foi o objetivo central de seus editores?

Observemos, então, a imagem da publicação referida acima para o início do debate:

**Imagem 11:** “Rio em Flagrante: Os nossos instantaneos”, *Revista Fon-Fon!*, 27 de julho de 1907, p.13.



Esta fotografia ocupou o espaço de meia página e dividiu atenção com uma publicação, composta por texto e imagem, que dizia sobre o corcovado e as qualidades e defeitos daquele local como área de lazer e turismo. A respeito da análise da imagem, vale tomarmos nota, primeiro, das informações presentes na legenda:

Um trecho do moderno Largo do Rocio. Do lado do *Moulin Rouge*. Ao fundo a Secretaria do Interior. Com toda a glória da sua tradição histórica[,] D. Pedro I continua, incansavelmente, a nos acenar com a Constituição (*Tal qual se faz ainda hoje, mesmo sem ser Estátua*). Para quebrar a monotonia dessa feição histórica, lá vai, no seu passo lento, o moderno quiosque ambulante do vendedor de Nougat. Como está agora o Rocio ainda deve ser mais arejado.<sup>86</sup>

Como já discutido anteriormente, e outros indícios aparecem na legenda, a fotografia cumpre o objetivo de expor um “trecho moderno” da cidade do Rio de Janeiro, o Largo do Rocio, onde atualmente temos a praça Tiradentes. Somos informados, também, da presença do Teatro *Moulin Rouge*, com o mesmo nome e edificação semelhante ao que já existia em Paris, e um “moderno quiosque ambulante” que quebrava a “feição histórica” daquele ambiente. Em vistas na imagem, a rua ou avenida se mostra larga, recém asfaltada e limpa, assim como a praça, no lado direito da imagem, que apresenta uma jardinagem e arborização robustas e bem cuidadas. Tais pontos reforçam, em conjunto com a imagem, a intenção do corpo editorial da revista dar prioridade de visibilidade ao moderno, reformado e “arejado”.

Entretanto, para além desses pontos destacados na legenda e no processo de captura fotográfica, o que mais esses conjuntos de informações nos mostram? Ao voltarmos para a análise da imagem, deixando de lado os aspectos urbanísticos e modernos que o semanário buscou privilegiar, é possível observar, mesmo sem sabermos suas identidades e rostos, uma série de sujeitos exercendo algum tipo de trabalho naquele cotidiano carioca. Para que isso seja praticável, é de suma importância a observação atenta de todos os elementos e pessoas que figuram a fotografia, assim como, sua raça, gênero, o tipo de vestimenta e a ação que estavam realizando naquele momento (lazer ou trabalho). Esta atenção redobrada é primordial, pois muito do que esta pesquisa busca estudar fora constantemente silenciado e escondido pela *Fon-Fon!* e outros tantos veículos de imprensa deste contexto.

No canto inferior esquerdo, encontra-se uma linha de três serviços sendo realizados simultaneamente: o transporte do bonde (ainda movido a cavalos); ao lado, algum sujeito faz o transporte de objetos por meio de uma carroça; e, por fim, um trabalhador, provavelmente,

---

<sup>86</sup> “Rio em Flagrante: Os nossos instantaneos”, *Revista Fon-Fon!*, 27 de julho de 1907, p.13 (grifos do original).

fazendo comércio ambulante, usando um carro de mão. Na esquina da praça, no canto inferior direito da foto, se repete o comércio de rua fazendo uso, mais uma vez, de uma espécie de barraca de madeira ambulante improvisada, a qual se contrasta com o “moderno quiosque”, localizado quase que no limite do fim da fotografia. Neste ponto, já se pode identificar a intenção do corpo editorial de demonstrar ser aquele tipo de quiosque condizente com a “nova” cidade e ao ideal de trabalho e trabalhador que parte da elite desejava para a *belle époque* brasileira, em conflito com os demais quiosques que nem citados foram pela legenda – ou seja, a *Fon-Fon!* ilumina formas de trabalho, mesmo que indiretamente. Por óbvio, não são apenas esses os trabalhadores presentes nesta imagem, porém, o que se destaca neles é que realizam suas atividades laborais nas ruas do Rio de Janeiro, o que implica em características, dinâmicas e modos de vigilância, por meio das autoridades específicas.

Esta aspiração será desenvolvida, levando-se em conta a série de publicações de imagens da coluna “Rio em Flagrante: Os nossos instantâneos”, a mesma da fotografia apresentada acima. O uso de séries fotográficas se mostra como uma escolha metodológica que está em contraposição ao uso avulso de imagens apenas como exemplo/ilustração daquilo que se propõe a estudar. A historiadora Ana Maria Maud afirma que, a “[...] noção de exemplo foi superada pela dinâmica da série que estabelece contatos diferenciados com distintos suportes da cultura material”<sup>87</sup>, sendo esta a maneira indicada por Maud de como utilizar a fotografia como fonte histórica. Desta maneira, é de suma importância “compor uma série extensa e homogênea para dar conta das semelhanças e diferenças próprias ao conjunto de imagens que se escolheu analisar.”<sup>88</sup>

A presença de publicação de fotografias do tipo instantâneos na *Fon-Fon!* é possível de ser rastreada desde o volume de abertura do semanário para seu público. Em grande medida, tais fotos não aparecem de forma avulsa nas páginas da revista, mas veiculadas a uma coluna em específico, ou reportagem, de acordo com temática daquele registro. No volume do dia 13 de abril de 1907, aparece o primeiro indício desse tipo de fotografia, uma matéria com título “Instantaneo eleitoral” levanta suspeita de fraudes nas eleições municipais cariocas e, para isso, associa a imagem do político Monteiro Lopes à ação fraudulenta:

---

<sup>87</sup> MAUAD, Ana Maria. “Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX.” *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, [S. l.], v. 13, n. 1, pp. 133-174, 2005,

<sup>88</sup> *Ibidem*, p.143



**Imagem 12:** “Instataneo eleitoral”. *Revista Fon-Fon!*, 13 de abril de 1907, p.05.



A legenda deixa a questão ainda mais aparente, “Uma cavação preta” corrobora com a ideia de que Lopes, um político negro, estava conseguindo de forma ilícita seus votos, ação esta que o instantâneo do semanário passa a ideia de ter flagrado nas ruas cariocas. A reportagem ainda contou com outra fotografia, bem parecida com a veiculada acima, com a legenda “O Dr. Monteiro Lopes distribuindo cédulas...em branco”. Além do caráter racista da publicação da *Fon-Fon!* nas formas de tratamento com Lopes<sup>89</sup>, outro ponto deve ser chamado atenção e que será ponto de análise para qualquer instantâneo aqui estudado: a natureza e a ideia que a revista monta do que é um instantâneo fotográfico.

O vasto trabalho da historiadora Ana Maria Mauad, o qual, a partir da abordagem histórico-semiótica da fotografia, nos oferece relevantes meios analíticos no trato com as fotografias presentes na revista aqui estudada. De início, vale trazer à discussão a maneira como a autora entende ser uma fotografia: “uma determinada escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis, guardando nessa atitude uma relação estreita com a visão de mundo daquele que aperta o botão e faz clique.”<sup>90</sup> Seguindo este rumo, a historiadora atribui a fotografia um caráter duplo: ao mesmo tempo ela é documento e monumento:

<sup>89</sup> Acerca da trajetória política de Monteiro Lopes em meio ao governo republicano e outras tantas formas de perseguição preconceituosa que o político sofreu, sobretudo da imprensa ilustrada/humorística, conferir: VIANNA, Carolina Dantas. “Monteiro Lopes (1867-1910), um ‘líder da raça negra’ na capital da república.” *Afro-Ásia*, núm. 41, 2010, pp. 167-209.

<sup>90</sup> *Ibidem*, p.136.

No primeiro caso, considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas e lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado – condições de vida, moda, infraestrutura urbana ou rural, condições de trabalho, etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo.<sup>91</sup>

Ana Mauad, com isso, ilumina a pesquisa para a existência de um pano de fundo na confecção de uma fotografia, o qual esconde diversas vontades e intensões daquele que realizou o registro e, posteriormente, do grupo de pessoas que decidiu pela veiculação (ou não) daquela imagem em determinado suporte. Ao fim e ao cabo, na **Imagem 11**, o Rio de Janeiro modernizado, e na **Imagem 12**, Monteiro Lopes associado à fraude política, foram as fotografias escolhidas “a ser[em] perenizada[s] para o futuro”, nas edições da *Fon-Fon!* as quais cada uma foi publicada. Dessa maneira, o sentido naturalizado de instantâneo que este tipo de publicação tenta expor aos seus contemporâneos deve e será questionado por este trabalho.

Com uma relevante produção a respeito do desenhista Angelo Agostini e suas ilustrações na imprensa brasileira, o historiador Marcelo Balaban traz à historiografia significativas estratégias para a análise das fontes iconográficas. Em *O poeta do lápis*, o historiador propõe uma “leitura miúda” de diversas produções de Agostini ao longo do tempo, evidenciando a necessidade da pesquisa se mostrar atenta a “associação entre texto e imagem”, quando as ilustrações vieram acompanhadas de legendas ou uma certa narração daquilo que ocorria no desenho.<sup>92</sup> Em outra publicação do autor, no capítulo “A beleza da raça: imagens de negros na imprensa ilustrada da Corte (1884-1886)”, publicado no livro *Marcadores da diferença: raça e racismo na história do Brasil*, Balaban segue esta mesma premissa da obra anterior para analisar outra série de ilustrações de Agostini. Ao total, neste último capítulo citado, o autor analisa detalhadamente sete ilustrações que foram publicadas na *Revista Ilustrada* ou no periódico ilustrado *O Mequetrefe* entre os anos de 1884 e 1886.

A leitura atenta desses trabalhos informa, mais uma vez, que cada uma das ilustrações foi feita para exprimir uma multiplicidade de sentidos, de acordo com o contexto de produção, logo, para se interpretar uma imagem é importante entender a que ela se refere e de que maneira há um diálogo com as particularidades do período. A cautela na leitura de qualquer fonte iconográfica, segundo Balaban, deve fazer parte do procedimento metodológico, tendo em vista

---

<sup>91</sup> *Ibidem*, p.141.

<sup>92</sup> BALABAN, Marcelo. *Poeta do lápis: sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009, pp.35-36.

que “os detalhes revelam outros sentidos”, para além daqueles realizados em uma leitura desatenta da imagem.<sup>93</sup> Nesse rumo, mostra-se pertinente estar atento para a “cena de opostos”, quando em uma ilustração há elementos que exprimem contradição, por exemplo, civilizado e não civilizado, o bonito e o feio, o rico e o pobre etc., assim como, entender qual elemento naquela ilustração exprime o quê.<sup>94</sup>

Por isso, a contribuição de Marcelo Balaban, para além de outros elementos caros, ajuda a compor questionamentos importantes durante a análise imagética, entender como a imagem é construída e quais os elementos de oposição estão presentes. Pensando nos sujeitos, buscar evidenciar quais as qualidades de cada componente social nas fotos, assim como, os locais de cada pessoa na composição da imagem, entendendo, então, o que se quer esconder e o que se quer evidenciar. Mostrar-se atento para qual o tipo de vestimenta daqueles que compõem as fotos e quem ocupa o local de destaque e quem não, são, com as demais propostas acima, instrumentos que colaboram na hora de avaliar os vários sentidos presentes em uma imagem. Com isso, a oposição entre membros da elite e da classe trabalhadora nas ruas e na *Fon-Fon!* será analisada a partir dessas e outras tantas questões que se inspiram em produções historiográficas desse respeito. Neste sentido, De Luca e Balaban nos auxiliam a estudar elementos da vontade/intenção humana, neste caso: do fotógrafo e dos editores da revista.

A partir da segunda edição da *Fon-Fon!*, a revista começa a organizar a maioria de seus instantâneos em séries fotográficas. No recorte temporal do presente estudo foi possível identificar duas seções: “Os sabbados do ‘Fon-Fon’ (os nossos instantaneos)” e “Rio em flagrante: Os nossos instantaneos”. Em boa medida, ambos os títulos apresentam grande similaridade em seus conteúdos: fotografias ditas instantâneas de pessoas na cidade ou de paisagens urbanas acompanhadas de uma pequena legenda descritiva. Tais colunas tinham grande privilégio interno na revista, estando presentes, não necessariamente as duas em um mesmo volume, em todas as 38 edições do semanário do ano de 1907. A primeira a ganhar as páginas da revista fora a “Os sabbados do Fon-Fon (os nossos instantaneos)”, sendo publicada três vezes no segundo volume da *Fon-Fon!*, do dia 20 de abril de 1907. Segue abaixo uma dessas vezes:

---

<sup>93</sup> BALABAN, M. “A beleza da raça: imagens de negros na imprensa ilustrada da Corte (1884-1886)”. In. BALABAN, M.; SAMPAIO, G. R. (Org.) ; LIMA, I. S. (Org.). *Marcadores da Diferença: raça e racismo na história do Brasil*. 1a. ed. Salvador: Editora da UFBA, 2019, p.109.

<sup>94</sup> *Ibidem*, p.106.

**Imagem 13:** “Os sabbados do ‘Fon-Fon’ (os nossos instantaneos)”. *Revista Fon-Fon!*, 20 de abril de 1907, p.31.



A publicação é curta e direta, uma foto de duas mulheres, Mme. Rasteiro e sua filha Mlle. Sarita, caminhando pela Avenida Central. Geralmente as legendas dos instantâneos trazem apenas o nome e, às vezes, a ocupação das pessoas capturadas, em alguns casos o local onde o fotógrafo da *Fon-Fon!* realizou o registro também é exposto nas notas da imagem. Neste caso, a revista se alonga ainda mais e infere Sarita “[...] cuja belíssima voz e apurada escola de canto, tem feito as delícias dos nossos ‘dilettanti’ e o encanto dos frequentadores da igreja de São João Baptista”.<sup>95</sup> A equipe da *Fon-Fon!* ao adicionar este tipo de informação demonstra conhecimento prévio de quem são essas pessoas e, até mesmo, das atividades específicas que realizam em suas vidas particulares. Este ponto corrobora com a hipótese de uma não naturalidade da ideia de fotografia instantânea que o semanário queria passar, logo, o público presente nessas colunas e os locais de registro eram bem delimitados pelos dirigentes das seções de instantâneos.

A coluna que ganhou destaque absoluto nas edições de 1 a 4 da revista fora “Os sabbados no ‘Fon-Fon’ (os nossos instantaneos)”, estando presente 7 vezes em 3 edições seguidas (da edição 2 a edição 4, não aparecendo no primeiro número da revista). A partir da quinta edição da revista, o destaque é da coluna “Rio em flagrante: os nossos instataneos”, seção que chegou

<sup>95</sup> “Os sabbados do ‘Fon-Fon’ (os nossos instantaneos)”. *Revista Fon-Fon!*, 20 de abril de 1907, p.31. No excerto, a tradução de “dilletanti” é “amadores”.

a aparecer 12 vezes em um único volume da *Fon-Fon!* – o publicado no dia 6 de julho de 1907. Este dado é muito importante para compreendermos a importância que a equipe editorial dava a esta coluna fotográfica, visto que neste volume de julho de 1907, a pesquisa levantou a existência de 62 imagens (entre fotografias e ilustrações), distribuídas em 30 páginas. Do total de imagens, 26 são exclusivamente fotografias de todos os tipos, destas, 12 faziam parte da “Rio em flagrante: os nossos instantaneos”. Outro levantamento importante foi o de que cada publicação desta coluna ocupa, em grande parte dos casos, 1/4 da área total da página utilizada pela revista, um espaço relativamente grande, quando se trata de um veículo da imprensa com dinâmica empresarial. Das classificações propostas por Maud, as publicações de fotografias da série aqui analisada se enquadram da seguinte maneira: tamanho médio (por ocuparem 1/4 da página), formato quadrilátero da terceira relação em relação ao suporte por serem compostas por uma fotografia avulsa com título e legenda.<sup>96</sup>

Mais um ponto relevante a ser enunciado acerca dessas colunas fotográficas é sobre a localização interna delas na *Fon-Fon!*. Tomando nota, ainda, dos dados desta mesma edição (6 de julho de 1907), as 12 aparições da “Rio em flagrante: os nossos instantaneos” ocorrem da seguinte maneira, em relação à quantidade e páginas: uma na página 6, duas na página 15, duas na página 20, uma na página 21, uma na página 24, duas na página 25, duas na página 28 e uma na página 30. A forma como este volume organiza as aparições da coluna é similar aos demais, apontando para uma presença gradual dos instantâneos ao longo das páginas, ocupando o começo, meio e fim do semanário. Além de perpassar uma sensação de passeio pelo Rio de Janeiro, junto das figuras da elite, a cada foliar de página, separar o conteúdo pelo todo do periódico denota a possível intenção dos organizadores de apresentar destaque aquele conteúdo, visto que o leitor sempre estará em contato com o mesmo ao decorrer da leitura.

Em síntese, este levantamento nos faz chegar a algumas conclusões a respeito deste volume em específico, mas que nos ilumina sobre os demais. Se juntadas todas uma seguida da outra, as fotos da “Rio em flagrante: os nossos instantaneos” ocupariam um total de 3 páginas da revista, o equivalente a 1/10 do todo daquela edição. Ademais, voltando o foco para o número total de fotografias da revista daquele dia, as fotografias da coluna aqui estudada somam um total de 46% das 26 que figuram o volume.<sup>97</sup> Com forma e conteúdo bastante similares, para ambas as séries de fotografias a pesquisa direciona sua análise levando em consideração a

---

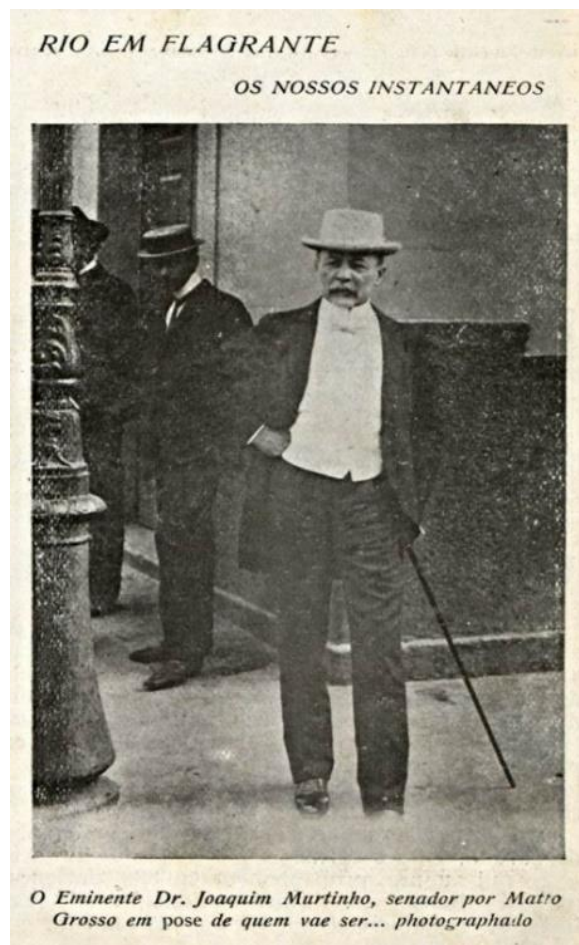
<sup>96</sup> Conferir as classificações propostas pela historiadora em: MAUAD, Ana Maria. *Op. Cit.* p.157.

<sup>97</sup> Conferir o referido levantamento em: *Revista Fon-Fon!*, 6 de julho de 1907.

seguinte questão: quais sujeitos e locais da cidade eram privilegiados nos registros ditos instantâneos veiculados nessas colunas elencadas pela presente pesquisa?

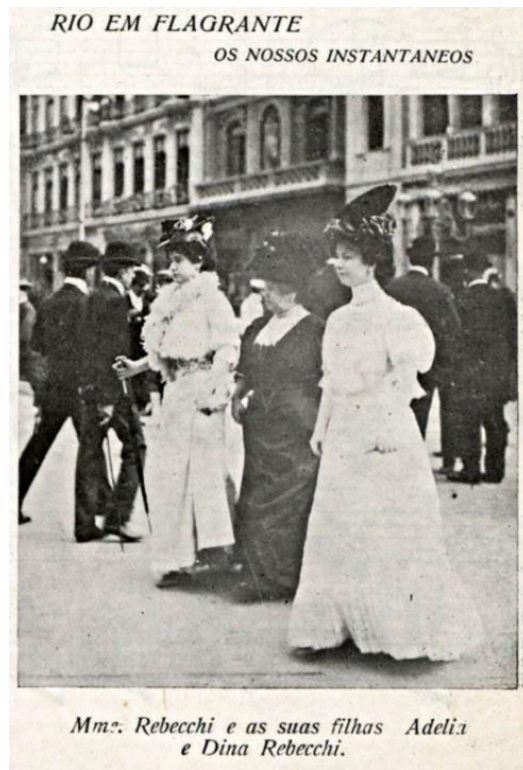
Tal questionamento nos leva a inserir que, para além das imagens do Rio de Janeiro recém-reformado e embelezado pelas reformas urbanas do início do século, como vimos na primeira figura deste capítulo, esta sessão de fotos do semanário se preocupou em registrar instantâneos de sujeitos que tinham uma suposta relevância social e que frequentavam as ruas do Rio de Janeiro. Com isso, fica explícito quais os principais objetivos dos instantâneos da *Fon-Fon!*: dar visibilidade ao novo espaço revitalizado de parte da capital federal e, ao mesmo tempo, registrar qual o público que ali circulava – com isso, as fotos são marcadores de um espaço elitizado. Observando as imagens abaixo, podemos entender esta dinâmica:

**Imagem 14:** “Rio em Flagrante: Os nossos instantaneos”, *Revista Fon-Fon!*, 08 de junho de 1907, p.03.

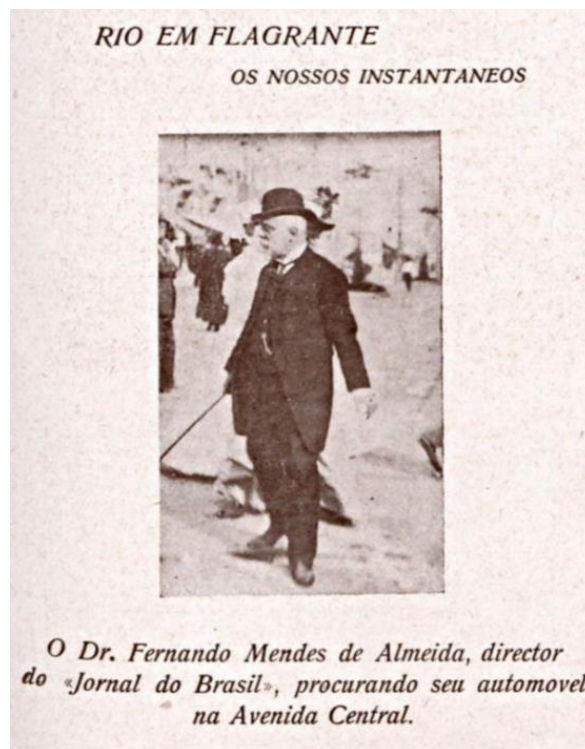




**Imagem 15:** “Rio em Flagrante: Os nossos instantaneos”, *Revista Fon-Fon!*, 22 de junho de 1907, p.13.



**Imagem 16:** “Rio em Flagrante: Os nossos instantaneos”, *Revista Fon-Fon!*, 13 de junho de 1907, p.13.



As três imagens elencadas acima compõem uma série de outras tantas que seguem este mesmo padrão, o qual se mostra similar as do “Os sabbados do ‘Fon-Fon’: os nossos instantaneos”: foto de uma ou mais pessoas que fazem parte das elites cariocas (ou de outros espaços do Brasil e do mundo) transitando em algum local da cidade do Rio de Janeiro – em grande medida, espaços planejados para os endinheirados. O padrão simples dessa publicação deixa evidente o seu caráter pouco reflexivo e bastante expositivo, tendo em vista as sucintas informações presentes nas legendas, tornando ainda mais perceptível o seu objetivo: expor ao seu público pessoas e lugares que seriam reconhecidos sem muitas explicações à época.

Políticos, comerciantes, empresários, diretores de periódicos e mulheres ricas de grande prestígio na alta classe carioca eram os tipos sociais privilegiados pelas lentes da *Fon-Fon!*. Como presente nas publicações acima, na **Imagem 14**, o fotógrafo da *Fon-Fon!* flagra o “Eminente Dr. Joaquim Murinho”<sup>98</sup>, um senador do Mato Grosso, com trajes que marcam sua posição social privilegiada. O vestuário elegante da elite também está presente na **Imagem 15**, na qual o semanário expõe “Mme. Rebecchi e suas filhas Adelia e Dina Rebecchi”<sup>99</sup> em passeio pelas ruas do Rio de Janeiro, fazendo uso de vestidos e chapéus vistosos. A última imagem posta acima, a **Imagem 16**, é uma fotografia do Dr. Fernando Mendes de Almeida, diretor do *Jornal do Brasil*, no momento em que estava “procurando seu automóvel na Avenida Central”<sup>100</sup>. Este último caso se torna ainda mais chamativo por ir além de mencionar um sujeito da elite carioca, a publicação enfatiza a procura por um carro, item que havia chegado havia pouco tempo no país e, por consequência, era extremamente caro. Por fim, o local onde a fotografia foi tirada é mencionado, a Avenida Central, região que recebeu grande parte dos melhoramentos urbanos daquele contexto – o quão instantânea são esses cliques que priorizam apenas determinados sujeitos e locais do Rio de Janeiro?

O exercício feito até aqui teve o objetivo de expor a maneira como a maioria das publicações desta coluna foi esquematizada e, com isso, evidenciar a intenção da diretoria da *Fon-Fon!* de veicular determinadas imagens em suas páginas. Entender, então, a fórmula padronizada e as particularidades que determinado objeto de estudo seguiu é importante para que, em contrapartida, seja possível identificar e analisar as brechas e/ou falhas dessa maneira ordinária de organização. São nessas lacunas da “Rio em flagrante” que encontraremos o foco de estudo deste capítulo: os trabalhadores nas ruas do Rio de Janeiro. Em sua maioria atuando

---

<sup>98</sup> “Rio em Flagrante: Os nossos instantaneos”, *Revista Fon-Fon!*, 08 de junho de 1907, p.03.

<sup>99</sup> *Ibidem*, 22 de junho de 1907, p.13.

<sup>100</sup> *Ibidem*, 13 de junho de 1907, p.13.



nas ruas, estes sujeitos do trabalho foram flagrados nas margens das fotografias nas quais quem ocupa o primeiro plano são os mesmos membros da elite que foram expostos nas últimas quatro figuras acima.

Os trabalhadores e trabalhadoras que aqui serão centrais, em momento algum foram identificados nas legendas, não foram atribuídos a eles o tratamento de “Dr.” ou “Mme.”. Em teoria, estes sujeitos nem deveriam estar presentes naquelas fotografias, mas por diversos fatores, desde um descuido do fotógrafo até a impossibilidade de tirar outro retrato para os excluïrem de fato do registro, fizeram com que seja possível a realização deste capítulo: estudo do cotidiano de parte da classe trabalhadora por meio da coluna “Rio em Flagrante: Os nossos instantaneos”, inscrita na revista ilustrada *Fon-Fon!*. Organizaremos a análise propondo examinar a rotina de trabalho dos ambulantes, levando em consideração séries de fotografias da cidade e de publicações específicas. As imagens dizem respeito a dois modos de trabalhos de rua: trabalhadores em atividade de comércio ambulante e trabalhadores realizando transporte de materiais (em grande medida, carroceiros).<sup>101</sup>

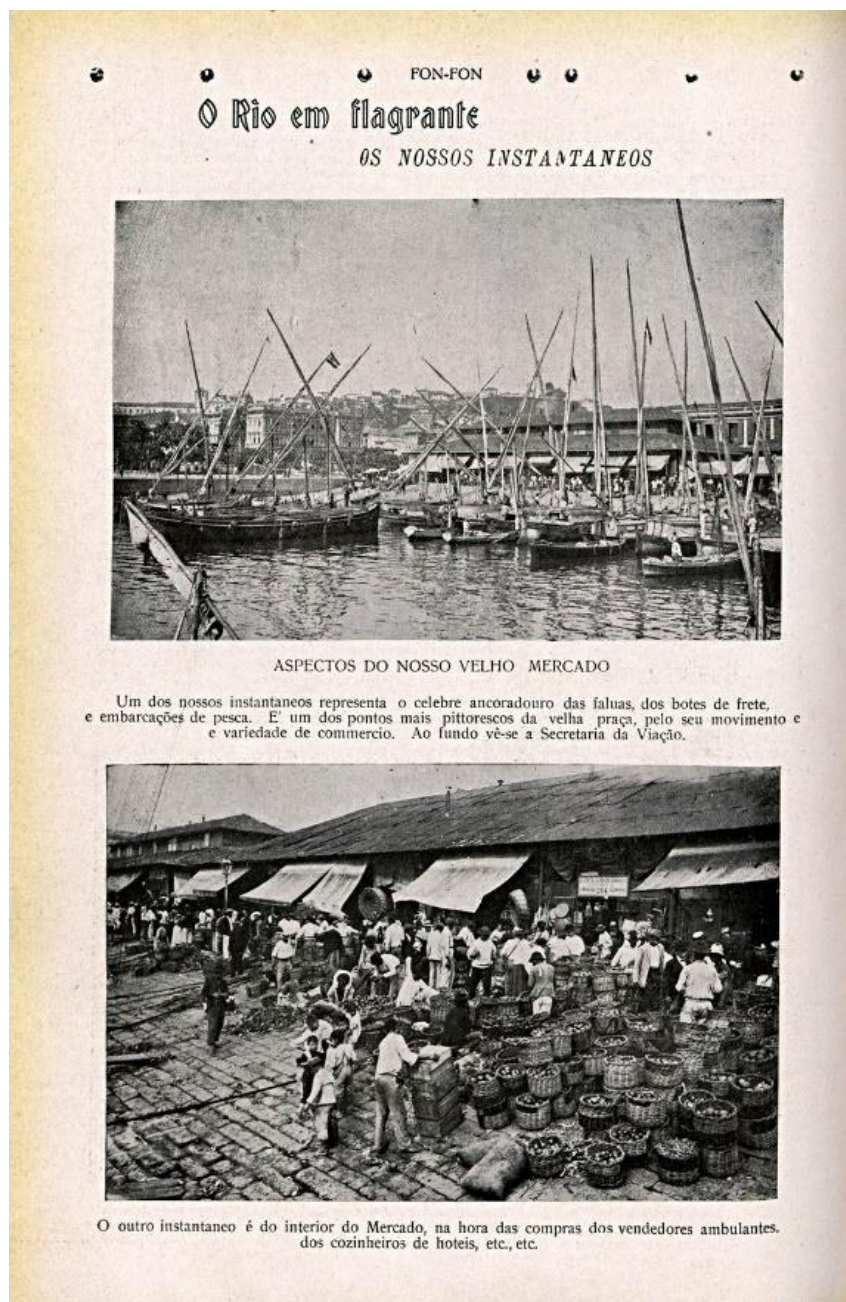
---

<sup>101</sup> A categoria dos profissionais do transporte será considerada em conjunto por julgarmos sua importância na dinâmica de vendas ambulante, tendo em vista a sua influência no trânsito de pessoas, os consumidores em potencial, e cargas, produtos e objetos que poderiam estar conectados ao ecossistema do comércio varejista carioca.

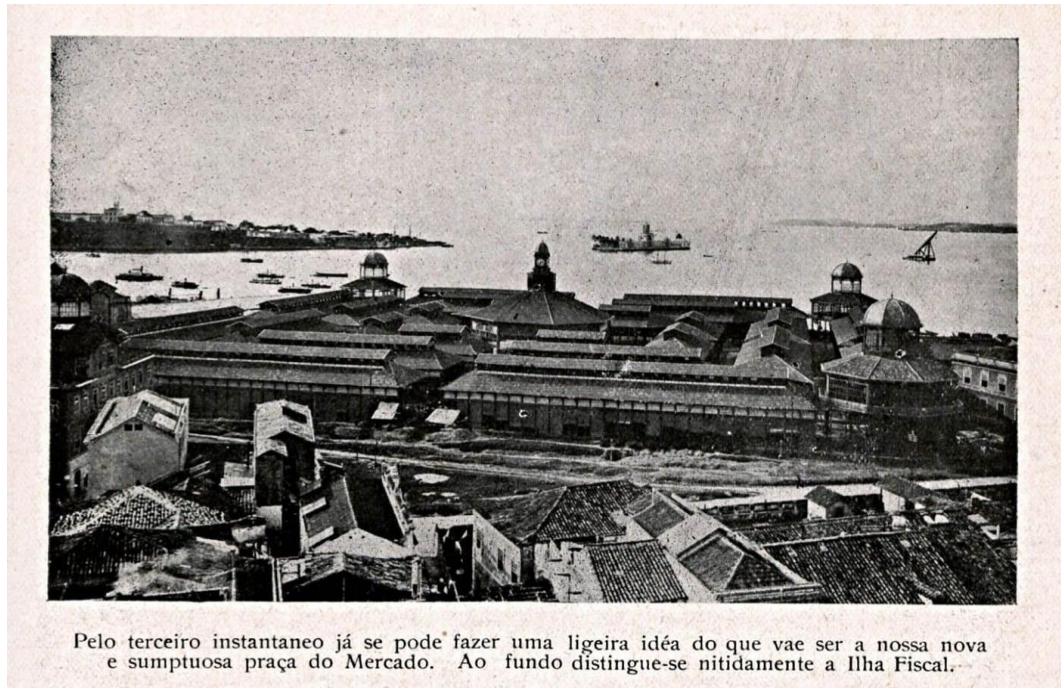
## II) Os pontos de distribuição: a primeira parada dos trabalhadores de rua

No dia 3 de agosto de 1907, dentre as 12 imagens que a coluna “Rio em flagrante: os nossos instantaneos” expôs naquele volume da *Fon-Fon!*, três delas colocam em evidência o ponto de partida da labuta diária de diversos trabalhadores de rua do Rio de Janeiro. Seguem abaixo os recortes:

**Imagem 17:** “Rio em Flagrante: Os nossos instantaneos”, *Revista Fon-Fon!*, 3 de agosto de 1907, p.18.



**Imagem 18:** “Rio em Flagrante: Os nossos instantaneos”, *Revista Fon-Fon!*, 3 de agosto de 1907, p.19.



O corpo editorial da *Fon-Fon!* dividiu a publicação da coluna de instantâneos em três fotos. Como sempre, sem muitas explicações do que se trata, o leitor passa a entender o que na sessão está veiculado através da análise das legendas das fotografias. Com o objetivo de mostrar os “Aspectos do nosso velho mercado”, a revista traz ao seu público dois registros importantíssimos acerca do pequeno comércio carioca. A primeira fotografia, de acordo com a legenda, mostra “um dos pontos mais pitorescos da velha praça”, por conta de “seu movimento e variedade de comércio”. Ao fundo, sem perder sua função de mostrar importantes localidades da cidade, se encontrava, segundo a legenda, a Secretaria de Aviação. Ponto importante dessa imagem é o ancoradouro, que é evidente em primeiro plano, local de carga e descarga das “faluas, dos botes de frete e embarcações de pesca”.<sup>102</sup>

Esta constatação é relevante, à medida que coloca em evidência trabalhadores de outro tipo de categoria, dessa vez ligados ao trabalho marítimo e portuário, o qual detinham de uma rotina, concorrência, controle e dinâmicas de trabalho, até certo ponto, semelhantes com os sujeitos desta pesquisa. Isso porque, como é possível extrair nesta publicação, é plausível entender a existência de uma associação do trabalho comercial (vendedores do mercado) com

<sup>102</sup> “Rio em Flagrante: Os nossos instantaneos”, *Revista Fon-Fon!*, 03 de agosto de 1907, p.18.

o de transporte (guias e carregadores das embarcações), o que demonstra um complemento e, até mesmo, uma relação de dependência entre os dois ofícios.

A partir da pesquisa da historiadora Erika Bastos Arantes, é possível levantar similaridade, por exemplo, na forma de vigilância e dinâmica de trabalho sobre essas categorias – ainda mais quando ambos os tipos de trabalhadores estão ocupando aquele mesmo espaço ao redor do porto. A dissertação de mestrado de Arantes se inicia com a análise de “Uma cena comum” (primeiro tópico do capítulo): em uma abordagem policial, realizada em setembro de 1909, 9 homens foram presos mediante justificativa de indigência, vagabundagem e desordem pública no Cais dos Mineiros. A historiadora levantou que, dos 9 homens presos, 2 eram brancos (portugueses), 4 pardos e 2 negros (brasileiros):

O exemplo mostra que nenhum dos brasileiros era branco e os poucos brancos eram portugueses. [...] o cruzamento com outras fontes leva a crer que esse número se aproxima da realidade no que diz respeito à composição do universo destes trabalhadores, quanto aos elementos da “cor” e da nacionalidade.<sup>103</sup>

Deste modo, como indica o título de sua pesquisa, Erika Arantes aponta para o fato de a região portuária ser um local onde a mão de obra era majoritariamente negra. Além de toda dificuldade desse cotidiano de perseguição, eles ainda pouca garantia tinham de seu sustento, tendo em vista a dinâmica de contratação de trabalho no porto, a qual “estava sujeita às flutuações do mercado, ou seja, o número de pessoas chamadas para determinado serviço dependia da quantidade de carga que deveria ser embarcada ou desembarcada naquele dia.”<sup>104</sup> Como visto, a condição de vadios/vagabundos era constantemente associada a esses trabalhadores, para além do estigma racial, a dinâmica trabalhista portuária não oferecia um trabalho regular, contribuindo para a não detenção de meios para a manutenção de moradia fixa. Logo, “Muitos ‘vadios’ que infestavam’ o Rio de Janeiro e enchiam as cadeias eram, na realidade, trabalhadores desempregados ou subempregados em uma cidade que se mostrava incapaz de absorver toda a mão-de-obra disponível.”<sup>105</sup>

Não atoa vale associar ambas as categorias de trabalho. Os trabalhadores do comércio ambulante, pelo menos nesta parte inicial em suas rotinas nos pontos de distribuição próximo ao porto, compartilham espaços de trabalhos, socialização e vigilância semelhantes à classe

---

<sup>103</sup> ARANTES, Erika. *O porto negro: cultura e trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX*. Dissertação de mestrado em História, Unicamp, 2005, p.22.

<sup>104</sup> *Ibidem*, p.30.

<sup>105</sup> *Ibidem*, p.57.

trabalhadora do porto – em grande medida, uma pessoa, devido à dinâmica instável daqueles tipos de ofício, poderia, a depender do dia, realizar diferentes tipos de trabalho. Desse modo,

a compreensão da zona portuária e arredores como um espaço de circulação e convivência daqueles homens será de grande importância. Ali conviviam categorias diversas de trabalhadores portuários – como estivadores, foguistas, guindasteiros, trabalhadores do carvão, etc. – mas também outros tipos de trabalhadores autônomos, como vendedores ambulantes, apontadores de jogo de bicho, empalhadores, caçadores de rato, além dos muitos que tinham trabalho regular.<sup>106</sup>

A segunda parte da publicação apresenta outra fotografia com a seguinte legenda: “O outro instantâneo é do interior do Mercado, **na hora das compras dos vendedores ambulantes**, dos cozinheiros de hotéis, etc., etc.”.<sup>107</sup> Esse segundo conjunto de imagem e legenda é importante, pois flagra, talvez, o ponto inicial da uma longa rotina de trabalho das trabalhadoras e trabalhadores ambulantes, que se inicia no ponto de compra de seus produtos (neste caso, em específico, gêneros alimentícios), se encaminha para as vendas nas ruas da cidade e, depois de um dia todo de andança, finaliza em algum botequim, casa de pasto ou taberna para o descanso, alimentação e lazer. A fotografia agrega, ainda, à medida que nos demonstra uma concentração grande dos trabalhadores alvo deste trabalho, margem para observar em relação à raça, gênero, faixa etária e tipo de vestimenta comuns a eles.

Analisando os detalhes do retrato, a maioria dos presentes naquele mercado são homens e negros, indo ao encontro aos levantamentos realizados por Arantes. Ainda em vistas na imagem, salta aos olhos a presença de crianças próxima ao centro da imagem, ao que tudo indica, jovens trabalhadores, seja do próprio mercado ou do comércio ambulante. As roupas, no geral, são bastante características: calças, camisas em manga, a maioria sem paletó, descalça e com chapéus pequenos e bem gastos – bem diferente do vestuário daqueles membros da elite que mais recebiam espaço na coluna, como indicado na seção anterior.

A **Imagem 18**, a terceira e última da sequência, expõe uma fotografia panorâmica a qual é a que, talvez, mais cumpra com um dos objetivos da coluna: expor obras e locais da capital federal. Nela, a futura “nova e suntuosa Praça do Mercado”<sup>108</sup> é flagrada dividindo espaço no retrato com a Ilha Fiscal. Dar destaque ao mercado é, não só colocar em evidência uma parte da cidade que se reforma, mas, também, demonstrar um local pensado para controle e vigilância dos comerciantes aqui estudados. Receber o controle e ser vigiado foi uma prática recorrente

<sup>106</sup> *Ibidem*, p.16.

<sup>107</sup> “Rio em Flagrante: Os nossos instantaneos”, *Revista Fon-Fon!*, 03 de agosto de 1907, p.18 (grifo meu).

<sup>108</sup> *Ibidem*, p.19.

no cotidiano dos trabalhadores pobres do comércio carioca, assim como aos seus produtos de venda.

Acionando estudos já realizados acerca da relação das pessoas que trabalhavam nas ruas com a existência dos mercados municipais, não podemos desconsiderar que, além desses homens que a *Fon-Fon!* evidencia na publicação acima, as ruas e os pontos de distribuição de mercadorias eram locais frequentados por mulheres, sobretudo, pobres. Delas, destacam-se algumas categorias. Aquelas que trabalhavam para as elites urbanas e, com isso, deveriam ir às ruas realizar parte do trabalho doméstico que dependia dessa jornada externa às casas de seus senhores e patrões. Mulheres que dependiam, exclusivamente, dia após dia, das negociações do pequeno comércio das cidades. Temos ainda, aquelas mulheres que atuavam diretamente na estrutura dos mercados municipais, com seus espaços próprios para venda, o que, em certa medida, as conferiam certo grau de independência social e financeira, quando observamos as outras duas categorias.

A historiadora estadunidense Sandra Lauderdale Graham, ao propor um estudo sobre a relação entre o ofício e o local de trabalho, sobretudo da lida doméstica de mulheres pobres em casas da elite carioca, entre o império e a república brasileira, sistematiza a tese de como o espaço da casa e da rua poderia alterar o cotidiano de trabalho das mulheres.<sup>109</sup> Em grande medida, Graham analisa esta diferenciação entre os espaços, levando em conta que “[...] para os criados, a casa podia ser um local de injustiça, punição ou trabalho excessivo, enquanto a rua podia ser procurada como um local de maior liberdade.”<sup>110</sup> Das que realizavam o trabalho doméstico, quase exclusivamente, “portas adentro”, a pesquisadora cita as cozinheiras, amas de leite e costureiras, ofícios que “fazia testemunhas” e ativamente eram “participantes na vida diária do senhor e da senhora.” Das que iam as ruas, Graham destaca as lavadeiras, as carregadoras de água e aquelas mulheres que eram responsáveis por comprarem mantimentos alimentares para as casas que trabalhavam.

Das últimas, neste momento, vale o destaque. Para elas, o mercado municipal da cidade, o mesmo exposto na figura que abre esta parte do capítulo, era um local comum e familiar, no qual

A volta do chafariz, eram instaladas as fileiras de barracas, sombreadas por grandes guarda-chuvas ou toldos. Ao longo das fileiras internas, os criados podiam comprar peixe, verduras, frutas e flores; nas barracas externas,

---

<sup>109</sup> GRAHAM, Sandra L. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860 - 1910*. Tradução de Viviana Bosi. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

<sup>110</sup> *Ibidem.* p.16.



compravam animais vivos - frangos, leitões, pássaros engaiolados e até mesmo macacos além de utensílios de cozinha e cerâmica local.<sup>111</sup>

Essas mulheres, além das negociações nesses mercados, compravam gêneros de primeira necessidade em diversos outros locais da cidade, daqueles ambulantes que não trabalhavam em pontos fixos como o mercado municipal. Esse ofício de vendas a retalho, muitas vezes à margem da fiscalização municipal, foi a ocupação de diversas outras mulheres, na cidade de São Paulo durante o século XIX, as quais foram estudadas pela historiadora Maria Odila Leite da Silva Dias.<sup>112</sup> Mesmo que circulando pelas ruas das cidades, elas contribuíam diretamente para a distribuição de produtos ao longo da cidade, mas, muitas vezes, estavam nas margens e limites desses grandes mercados, tendo em vista a impossibilidade financeira para comprarem e alugarem bancas nesses espaços de comércio especializado.

Entretanto, essa impossibilidade, poderia aproximar profissionalmente trabalhadoras que tinham espaço e aquelas que não tinham acesso ao interior dos mercados municipais. Juliana Barretos Farias, em *Mercados Minas: africanos ocidentais na Praça do Mercado do Rio de Janeiro (1830-1890)*, traz para a historiografia sobre os mundos do trabalho um importante estudo acerca da dinâmica laboral e das relações existentes no mercado municipal do Rio de Janeiro, sobretudo, em torno da figura das africanas e africanos *minas*. Neste caminho, a historiadora ilumina a pesquisa sobre a hierarquia existente entre os africanos ocidentais naquela zona de comércio, sendo composta por três segmentos. No topo hierárquico, Farias aponta as “damas mercadoras”, aquelas que conseguiam bancar o aluguel de bancas na parte interna do mercado, tinham, ainda, “seus cativos e cativas que arrumavam e vendiam legumes, verduras ou aves, mas não os alforriavam com tanta facilidade”, e “negociavam lado a lado com imigrantes lusos, que frequentemente confirmavam o ‘bom conceito’ e a estima que elas gozavam.”<sup>113</sup>

Abaixo, hierarquicamente, a historiadora apontou para a existência das quitandeiras de “segunda classe”, aquelas que ficavam “acomodadas com seus toldos e tabuleiros na Praça das Marinhas.” Para isso, pagavam “licenças semestrais ou anuais à Câmara Municipal”, obtendo, assim, o direito de ali ficarem durante um período de tempo. Na base, havia a existência dos “proletariados negros”, escravizadas, que poderiam ser de comerciantes do mercado ou não,

---

<sup>111</sup> *Ibidem*. p.56.

<sup>112</sup> DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX*. 2 ed. ver. São Paulo: Brasiliense, 1995.

<sup>113</sup> FARIAS, Juliana Barreto. *Mercados Minas: africanos ocidentais na Praça do Mercado do Rio de Janeiro (1830-1890)*. 2012. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, pp.174-175

que “andavam pelas ruas da cidade e, eventualmente, se estabeleciam nos arredores do mercado.”<sup>114</sup> Tendo esse panorama em vista, podemos fazer alguns apontamentos.

O cuidado em relação à fonte é essencial, tendo em vista que, no único registro fotográfico que a pesquisa encontrou do mercado municipal do Rio de Janeiro, o mesmo não demonstra ser um local frequentado por mulheres. Entretanto, a partir da bibliografia, foi possível não só encontrá-las naquele ambiente, mas ter ciência de que mulheres negras ocupavam espaços na alta hierarquia do comércio. Junto a isso, é relevante notar que esses mercados não eram meros pontos de distribuição, mas neles eram congregados, como Farias analisa em sua tese, diversos tipos de relações: amorosas, religiosas, trabalho e amizade. Ainda vale apontar que o mercado não se separava das ruas, sendo que a união entre esses dois ambientes existia nas relações comerciais dos que trabalhavam dentro e fora daquela estrutura comercial. Entender o mercado e as ruas como locais não estanques é de suma importância, pois para as pequenas e pequenos comerciantes:

A improvisação da subsistência no seu dia a dia envolvia contínua troca de informações, bate-papos e toda uma rede de conhecimentos e favores pessoais, proteção, compadrio, concubinato, que intercedia por elas e que elas sabiam avivar e pôr em uso, de tal modo que se tornava impossível para as autoridades exercer seus mandatos, tamanhas eram as intervenções — insistentes pedidos pessoais, reclamações teimosas, constantes.<sup>115</sup>

Levantados tais pontos, fica evidente o grau de complexidade do cotidiano deste espaço que foi flagrado e publicado na *Fon-Fon!*. Além de ser um ponto que unia, por conta da enorme variedade de produtos ali congregados, “vendedores ambulantes, escravos de *ganho* [quando analisado fora do recorte da pesquisa], fregueses, consumidores e mesmo para viajantes estrangeiros”<sup>116</sup>, o mercado supria, ainda, uma necessidade crônica da cidade do Rio de Janeiro: falta de moradia. Juliana Farias não deixa de apontar em sua tese que, as bancas do mercado “possuíam sótãos e podiam servir como moradia para os próprios locatários, seus familiares, serventes ou escravos (desde que indicados por escrito pelos senhores) [...]”<sup>117</sup>

Ainda levando em conta o mercado municipal carioca e aquelas pessoas que ali trabalhavam e moravam em consideração, chama-se atenção para um dos objetivos primeiros desse tipo de estrutura: vigilância e fiscalização da classe trabalhadora. Formas de aprimorar esta vigilância foram cada vez mais aperfeiçoadas de acordo com as características de cada tipo

---

<sup>114</sup> *Idem.*

<sup>115</sup> DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Op. Cit.* p.20

<sup>116</sup> FARIAS, Juliana Barreto. *Op. Cit.* p.58

<sup>117</sup> *Ibidem.* p.54



de comerciante, o que gerou importantes diferenças internas na própria classe comerciária carioca como um todo. Retrocedendo rapidamente no tempo, o século XIX já nos mostra sinais desta aparente disputa pelo espaço urbano, o qual era protagonizada pela classe política, junto do aparato repressivo, que almejava colocar em ação projetos de “ordenamento urbano”. Neste embate também figurava a elite, que por um lado buscava capitalizar os espaços públicos e, pelo outro, não tolerava nas ruas os trabalhadores ambulantes, sobretudo as trabalhadoras negras que comercializavam suas quitandas. Não podemos dispensar dessa disputa os proprietários das casas comerciais, os quais se sentiam prejudicados pela concorrência dos preços mais baixos dos comerciantes de rua; e, por fim, os sujeitos que ganhavam seu sustento dia após dia com vendas avulsas nas regiões movimentadas do Rio de Janeiro.

As quitandeiras compuseram grande parte do comércio carioca dos oitocentos, como já visto com a pesquisa de Juliana Barreto Farias, as quais acompanharam, junto de suas mercadorias, o vetor de expansão urbana da capital do império brasileiro no século XIX. Fomentando a bibliografia sobre tal questão, Fernando Viera de Freitas, em sua dissertação em Planejamento Urbano e Regional, propõe reflexões de suma importância acerca da atuação das quitandeiras no comércio varejista do Rio de Janeiro durante o momento imperial de nosso país, trazendo à baila as diversas ações de negociação e resistência dessas mulheres frente à sociedade escravista que não se mostrava satisfeita com a presença daquelas trabalhadoras em meio ao espaço urbano.<sup>118</sup> Ponto primordial apontado por Freitas, que joga luz nas análises desta monografia, é o que o autor caracteriza como “lugar contraditório” ocupado pelas quitandeiras na disputa pela cidade, que

Se por um lado, elas eram consideradas barulhentas, pouco higiênicas e inadequadas ao projeto de modernização que estava em curso, por outro lado, o pequeno comércio de gêneros praticado pelas quitandeiras ainda era necessário para o dia a dia da cidade. Mesmo assim, a elite brasileira se mostrou desde sempre bastante incomodada com a presença dos negros e negras no seu cotidiano.<sup>119</sup>

A presença das quitandeiras incomodava parte da população carioca, seja, por vezes, pela sua condição de escravizada de ganho, que com suas vendas buscava comprar sua liberdade, ou, até mesmo, sua situação de liberdade já conquistada. Marco importante da agência dessas trabalhadoras analisado por Fernando Freitas fora a Greve da Praça das

---

<sup>118</sup> FREITAS, Fernando V. de. *Das quitandas de Luanda aos tabuleiros da terra de São Sebastião: conflitos em torno do comércio das quitandeiras negras no Rio de Janeiro do século XIX*. 2015. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

<sup>119</sup>*Ibidem*. p.89.

Marinhas, organizada pelas quitandeiras e homens do trabalho ambulante, em 1885. Este movimento grevista ia contra o pagamento de uma taxa instituída pelo poder público, junto de uma instituição privada, para uso do espaço público e de barracas e quiosques, levando em consideração que esses trabalhadores já pagavam uma taxa anual para exercerem seus ofícios. O autor infere que os trabalhadores não “eram contra as barracas ou quiosques, que consideravam importantes por oferecer armazenamento e abrigo, mas não aceitavam serem cobrados por ocupar espaço público.”<sup>120</sup> Ao final, por conta da falta dos gêneros de primeira necessidade na cidade, os trabalhadores e trabalhadoras ambulantes saíram vitoriosos.

O fato é que, mesmo parcial, a autonomia e o poder de negociação dessas trabalhadoras não agradavam os integrantes da elite de uma sociedade a qual se matinha escravista/senhorial havia séculos. Parte dessa necessidade de controlar e organizar os comerciantes de rua, em locais específicos da cidade, passou a ser resolvido, a partir de 1834, com a decisão de se construir diversos mercados municipais no Rio de Janeiro. Com esses locais específicos para venda, o “controle e reorganização do comércio” começava a ser institucionalizado, que, por um lado, buscava “sanear e regular o espaço urbano acompanhando, desta maneira, o desenvolvimento da própria estrutura urbana”<sup>121</sup>, mas, pelo outro, concentrava a maioria dos trabalhadores em um só local, contribuindo para sua vigilância. A permanência dessa forma municipal de controlar este segmento da classe trabalhadora foi flagrada pelas lentes da *Fon-Fon!* nas imagens que abrem esta seção do trabalho.

Buscando apoio em outra publicação da *Fon-Fon!*, só que dessa vez fora da coluna “Rio em Flagrantes”, é possível pôr em análise o início da rotina de um outro grupo de trabalhadores ambulantes: os jornaleiros. Observemos a publicação abaixo veiculada na revista em julho de 1907:

---


<sup>120</sup> *Ibidem*, p.99.

<sup>121</sup> *Ibidem*. p.86.

Imagem 19: “A distribuição do ‘Fon-Fon’”, *Revista Fon-Fon!*, 27 de julho de 1907, p.20.

FON-FON!

A DISTRIBUIÇÃO DO “FON-FON”

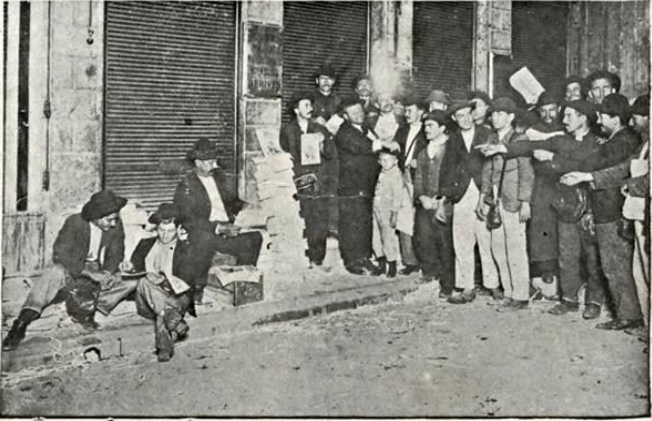
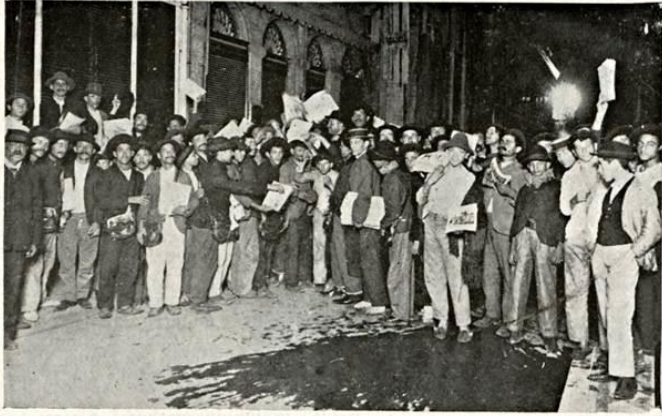


E na Avenida, no largo de São Francisco, no largo do Rocio, na Estrada de Ferro, em todos os *grandes pontos*, lá estão elles a vender infatigavelmente o *Fon-Fon*, e a *fon-fonal-o* desesperadamente. Não se cansam, mas a noite estão radiantes: venderam muito, venderam tudo o que tinham. Fazem parte integrante do borborinho, e do rumor incessante da cidade.

*Uma simples observação: cremos não ser preciso dizer que aquelle senhor de idade que se vê a direita da photographura não é absolutamente pae da petizada: seria na verdade ter filhos de mais.*

Os outros dois instantaneos representam a hora da distribuição geral do *Fon-Fon*, na

O primeiro instantaneo foi tirado a uma hora da tarde, em frente ás officinas da nossa folha. Ahi está, orgulhosa de tirar o retrato, a petizada, que anciosa aguarda a distribuição do *Fon-Fon*, enchendo este pacato trecho de rua da sonoridade vibrante da sua alegria. Neste momento estão relativamente sérios — é a hora solemne da *retratação*, mas é de vel-os a gritarem, berrarem, reclamarem o *Fon-Fon*, invadirem de momento a momento as officinas n'uma ancia de receber a folha querida, cujo nome berrante e estridente, vae n'um momento graças a elles, estrugir pela cidade toda: *Fon-Fon, Fon-Fon.*

madrugada de sabbado, aos seus tresentos vendedores.

Vê-se empilhada junto a casa Hermany, uma enorme columna de *Fon-Fon*, que n'um momento vae ser engolida pelos vendedores.

Estes, desde ás 7 da manhã, berram a folha, que assim, triumphalmente percorre o sabbado, dia consagrado a *Fon-Fon*, deus do riso e da graça fina.

Nestes dois instantaneos, se vêem gloriosamente satisfeitos e felizes, no meio daquella turba alegre os nossos distribuidores Luiz Manzollilo e Teixeira (falta o Gloria, que está na Europa) tres entidades distinctas em uma só verdadeira — O distribuidor.

São os portadores do nosso triumpho; são os modestos e indispensaveis cooperadores do nosso successo.

Segue, também, o texto para melhor compreensão dos detalhes:

### A DISTRIBUIÇÃO DO ‘FON-FON’

O primeiro instantâneo foi tirado a uma hora da tarde, em frente às oficinas da nossa folha. Ai está, orgulhosa de tirar o retrato, a petizada, que ansiosa aguarda a distribuição do *Fon-Fon*, enchendo este pacato trecho de rua da sonoridade vibrante da sua alegria. Neste momento estão relativamente sérios – é a hora solene da *retratação*, mas é de vê-los a gritarem, berrarem, reclamarem o *Fon-Fon*, invadirem de momento a momento as oficinas n'uma ânsia de receber a folha querida, cujo nome berrante e estridente, vai n'um momento graças a eles, estrugir pela cidade toda: *Fon-Fon, Fon-Fon*.

São os portadores do nosso triunfo: são os modestos e indispensáveis cooperadores do nosso sucesso.

E na Avenida, no largo de São Francisco, no largo do Rocio, na Estrada de Ferro, em todos os *grandes pontos*, lá estão eles a vender infatigavelmente o *Fon-Fon*, e a *fon-fonal-o* desesperadamente. Não se cansam, mas a noitinha estão radiantes: venderam muito, venderam tudo o que tinham. Fazem parte integrante do burburinho, e do rumor incessante da cidade.

*Uma simples observação: cremos não ser preciso dizer que aquele senhor de idade que se vê a direita da fotogravura não é absolutamente pai da petizada: seria na verdade ter filhos de mais.*

Os outros dois instantâneos representam a hora da distribuição geral do *Fon-Fon*, na madrugada de sábado, aos seus trezentos vendedores.

Vê-se empilhada junto a casa Hermany, uma enorme coluna de *Fon-Fon*, que n'um momento vai ser engolida pelos vendedores.

Estes, desde às 7 da manhã, berram a folha, que assim, triunfalmente percorre o sábado, dia consagrado a *Fon-Fon*, deus do riso e da graça fina.

Nestes dois instantâneos, se veem gloriosamente satisfeitos e felizes, no meio daquela turba alegre os nossos distribuidores Luiz Manzollilo e Teixeira (falta o Gloria, que está Europa) três entidades distintas em uma só verdadeira – O distribuidor.<sup>122</sup>

<sup>122</sup> “A distribuição do ‘Fon-Fon!’”. *Revista Fon-Fon!*, 27 de julho de 1907, p.20 (grifos no original).

Temos para análise outra publicação, esta toma conta de uma página inteira do semanário – um espaço relativamente grande quando se trata da imprensa comercial. A matéria, intitulada como “A distribuição do ‘Fon-Fon’”, que ao conjugar fotografias e escrita, não deixa de ser, antes de tudo, uma propaganda que os editores da *Fon-Fon!* fazem da própria revista, buscando demonstrar o tamanho e a capacidade de vendas do periódico. Entretanto, sob a ótica da História Social do Trabalho, não podemos deixar de ver e estudar aqueles que, segundo a própria matéria, “São os portadores do nosso triunfo”, “os modestos e indispensáveis cooperadores” – os vendedores de rua da *Fon-Fon!*. Mesmo que estes sujeitos estejam em foco no recorte da revista aqui analisada, mostra-se importante contestar o caráter de felicidade e harmonia que se pretende esboçar ao longo da escrita, para além de observarmos, especificamente, a rotina desta categoria de trabalhadores.

A rotina está posta: nas duas últimas imagens é possível observar o início do dia de vendas, o momento da primeira distribuição de exemplares da revista aos, segundo a *Fon-Fon!*, seus “trezentos vendedores”, durante a “madrugada de sábado”, que neste caso, eram em grande maioria adultos. A segunda distribuição do semanário para os ambulantes é registrada na primeira foto, por volta das 13h em frente à oficina à *Fon-Fon!*. A dinâmica encontrada neste horário é diferente, sendo os vendedores majoritariamente crianças, que, de acordo com a promoção que o semanário faz de si mesmo, estão ansiosos para “receber a folha querida, cujo nome berrante e estridente, vai n'um momento graças a eles, estrugir pela cidade toda: *Fon-Fon, Fon-Fon.*”<sup>123</sup>

Os trabalhadores rodam os “*grandes pontos*” da cidade e após a tarde toda de trabalho se encontram “radiantes” à noite, porque cumpriram sua missão: “venderam muito, venderam tudo o que tinham. Fazem parte integrante do burburinho, e do rumor incessante da cidade.”<sup>124</sup> A matéria narra tudo de forma muito feliz e alegre, fazendo-se presente o espírito capitalista de trabalhadores dedicados, morigerados e empolgados com o ofício. Infelizmente o nome de nenhum dos vendedores ambulantes da *Fon-Fon!* fora citado, mas é possível, mais uma vez, analisarmos suas condições raciais, de gênero e materiais.

Os vendedores que começaram suas jornadas de trabalho de madrugada eram, como mostram as fotografias, homens brancos vestidos com trajes simples, usando paletó e sapatos. Já a “petizada” da tarde, em sua grande maioria, era branca, mas a presença de crianças negras

---

<sup>123</sup> *Idem.*

<sup>124</sup> *Idem.*

é visível, mais até do que os adultos da primeira rodada de distribuição. As roupas bem simples, diferente do que as vestidas pelos filhos da elite que eram flagrados nos registros “instantâneos” da revista, descalços e fazendo uso de modestos chapéus. Inferindo estarem orgulhosos, pois iriam ser fotografados pela revista e ansiosos para mais um dia de trabalho, a *Fon-Fon!* esta se referindo a “petizada” do primeiro retrato – trabalhadores crianças, nesta ocasião vendedores de rua que comercializam a revista.

O dia de trabalho para a maioria parece bastante longo, iniciando pela madrugada com a retirada das revistas para venda. Com isso, a andança pela cidade deve ser longa para conseguirem vender o máximo de volumes e garantirem o sustento do dia – como vimos ao analisarmos os trabalhadores do mercado, as condições materiais desses sujeitos advinham, majoritariamente, do pouco que conseguiam dia após dia, ou seja, não havia segurança de um salário fixo para o sustento. Além disso, a partir da publicação, é possível levantar a hipótese de locais de circulação e vigilância que tais sujeitos sofriam.

O recorte informa nomes de *grandes pontos* da cidade do Rio de Janeiro que esses trabalhadores circulavam – um deles, o largo do Rocio, aparece na abertura deste capítulo a partir da análise de uma publicação da “Rio em Flagrantes”, na qual fora possível observar a presença de outros trabalhadores, como vendedores em quiosques e outros que faziam parte da dinâmica de transporte da cidade. Ou seja, apesar de serem locais onde havia a presença massiva da elite, visto os embelezamentos daquelas regiões, os trabalhadores marcavam presença cotidianamente naqueles espaços. Por isso, a circulação desses sujeitos em áreas embelezadas, mesmo que estivessem trabalhando, era um motivo a mais para redobrar a vigilância sobre eles. É sobre essa andança nos grandes pontos da cidade, buscando pela sobrevivência, que se tratará a próxima parte do capítulo.



### III) Ganhando a cidade: trabalhadores nas ruas em busca da sobrevivência diária

Não só nas ruas da capital federal a petizada circulava em busca de seu sustento cotidiano. Em 20 de julho de 1907, uma semana antes da última publicação analisada na seção anterior deste capítulo, é veiculada na *Fon-Fon!* uma publicação que diz respeito ao trabalho infantil realizado nas ruas da cidade de São Paulo. Quase sempre associando a questão trabalhista a uma grande festividade, observemos como este caso em específico fora abordado pelos redatores da *Fon-Fon!*:

**Imagem 20:** “Uma festa simpática”. *Revista Fon-Fon!*, 20 de julho de 1907, p.24.





Segue a legenda, para melhor compreensão da publicação:

A fotografia que aqui reproduzimos dá perfeitamente ideia do que foi a originalíssima festa simpática dedicada ultimamente em S. Paulo no Parque da Saúde aos pequenos vendedores de jornais. Quem conhece a vida agitada e cansativa desses pequenos lutadores pela vida; quem sabe o quanto depende deles o sucesso de uma folha, há de pôr força sentir n'Alma toda a clara sensação de uma alegria franca diante dessa festa extraordinariamente simpática e emotiva. Foi organizador da festa o nosso distinto agente em S. Paulo, Sr. Vicente Arminante e nele *Fon-Fon* teve parte saliente, como se vê pela série de dísticos anunciadores do nosso jornal que figuram na cabeça dos pequenos vendedores, nas arvores etc. Ao simpático Arminante e aos seus colaboradores, enviamos daqui toda a sinceridade do nosso aplauso pela excelência da ideia que teve e executou.<sup>125</sup>

A publicação é composta por três pontos importantes. Título com destaque chamativo em relação à manipulação da fonte de escrita e uma temática festiva que previamente é enunciada nele. Fotografia grande e posada, ponto que denota objetividade específica daquele registro: fotografar pequenos trabalhadores de rua da capital paulista. Legenda extensa quando comparada ao padrão de publicação, por exemplo, das colunas de instantâneos da revista, o que atribui importância e realce ao que ali se buscou descrever. A publicação como um todo, quando analisamos esses três itens em conjunto, por si só detém destaque na página em que foi veiculada, ocupando mais da metade do espaço disponível da folha. Dividiu espaço com uma publicação da coluna “Caixa de Gazolina: correspondência do ‘Fon-Fon’”, a qual era composta exclusivamente por texto escrito, e com um anúncio pequeno de purgativo que figurava ao final da página.

Ainda nesta análise do objeto de pesquisa, vale outro destaque: apesar da *Fon-Fon!* privilegiar registros fotográficos da cidade do Rio de Janeiro, vez ou outra diferentes espaços do país e do mundo eram evidenciados na revista. Entretanto, neste volume em específico, o estado de São Paulo parece estar presente com mais frequência do que o comum. Dos 21 registros fotográficos de espaços urbanos que foram possíveis de identificar o local de captura, observou-se o seguinte: 13 são da cidade do Rio de Janeiro, 6 do estado de São Paulo e 2 de Haia (cidade Holandesa). Com isso, podemos levantar a hipótese de que registros de áreas externas ao Rio, como no caso de São Paulo, por exemplo, eram publicadas em levas de acordo com o processo todo de obtenção, transporte e tratamento fotográfico, o que acabava por acumular a aparição de determinados locais em edições específicas do periódico.

---

<sup>125</sup> “Uma festa simpática”. *Revista Fon-Fon!*, 20 de julho de 1907, p.24

Duas festividades em território paulista, evidenciadas por fotografias, ocuparam páginas desse volume: uma comemoração religiosa na cidade de Iguape, no litoral paulista, e outra “festa simpática dedicada ultimamente em S. Paulo no Parque da Saúde aos pequenos vendedores de jornais.” Esta última, como exposta na **Imagem 20**, contou com aproximadamente 37 menores jornaleiros, os quais compunham o primeiro plano da fotografia, postados atrás de uma cerca e abaixo de uma série de placas com nomes de periódicos brasileiros.<sup>126</sup> Estes veículos da imprensa enunciados na fotografia eram, ao que tudo indica, as folhas as quais os menores, que ali estavam, vendiam pelas ruas da capital paulista. As crianças das fotos, caracterizadas pela legenda como “pequenos lutadores pela vida”, estavam vestidos com roupas simples, em grande maioria: paletós desbotados pelo uso, chapéus e boinas pouco vistosos, alguns com sapatos e outros descalços. No plano de fundo, é possível encontrar a presença de homens adultos, a pesquisa contabilizou 24 deles. A julgar pelas vestimentas, ponto crucial de distinção de classe, a hipótese levantada é de que são trabalhadores de rua adultos, possivelmente jornaleiros como as crianças, com roupas similares aos menores.

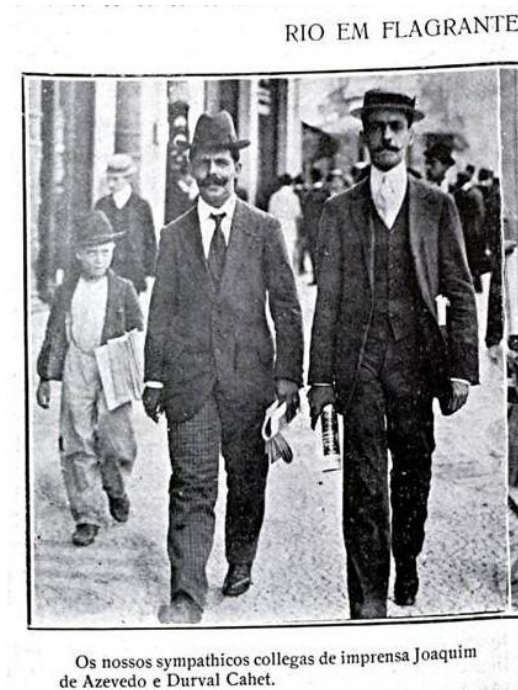
A vida dos menores é descrita como “agitada e cansativa”, sendo que todo esse esforço deles é revertido para o “sucesso” daquelas folhas. Ao fim de tudo, nenhum nome dos, pelo menos, 60 trabalhadores, entre crianças e adultos, fora citado, a não ser do Sr. Vicente Arminante, organizador da simpática festa e correspondente da *Fon-Fon!* em São Paulo – cargo totalmente distinto daqueles que iam às ruas. A publicação, conjunto de fotografia e legenda, é extremamente semelhante a que fora publicada uma semana depois na revista, com o título “A distribuição do ‘Fon-Fon!’”, e que já fora analisada neste capítulo. A similaridade se encontra na forma e no conteúdo, sendo ambas compostas por fotografias de trabalhadores e a eles eram atribuídos o sucesso daquelas empresas, nada além disso. O que parece, ao fim e ao cabo, é que este tipo de publicação, acima de tudo, detinha de um caráter propagandista aos nomes das folhas e pela “excelência da ideia” de fazer uma comemoração aqueles que andam por horas para garantir atributos mínimos de sobrevivência.

Partindo desse ponto, então, é possível inferir que o comércio de periódicos nas ruas era feito por crianças, jovens e adultos pobres – ao que foi possível observar, majoritariamente do sexo masculino. Nas ruas do Rio de Janeiro, conseguimos entender um pouco mais dessa dinâmica ao analisarmos, junto das anteriores, as seguintes publicações:

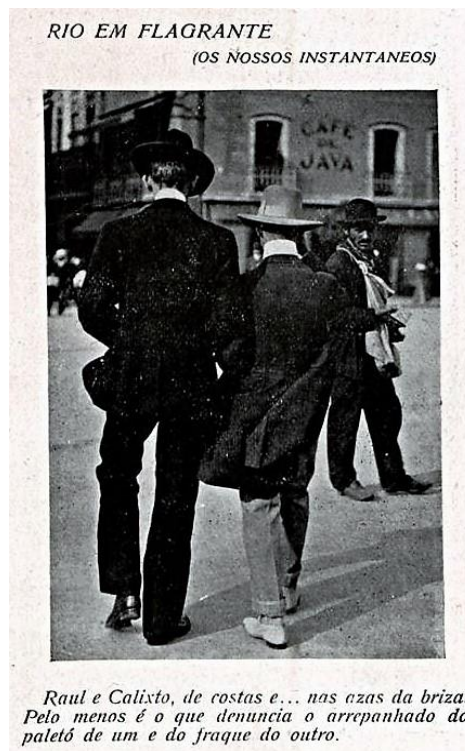
---

<sup>126</sup> Dos quais, foi possível identificar: *O Estado de S. Paulo*, *Correio Paulistano*, *Commercio de S. Paulo*, *Fanfulla*, *Jornal do Commercio*, *Fon-Fon!* e *Kosmos*.

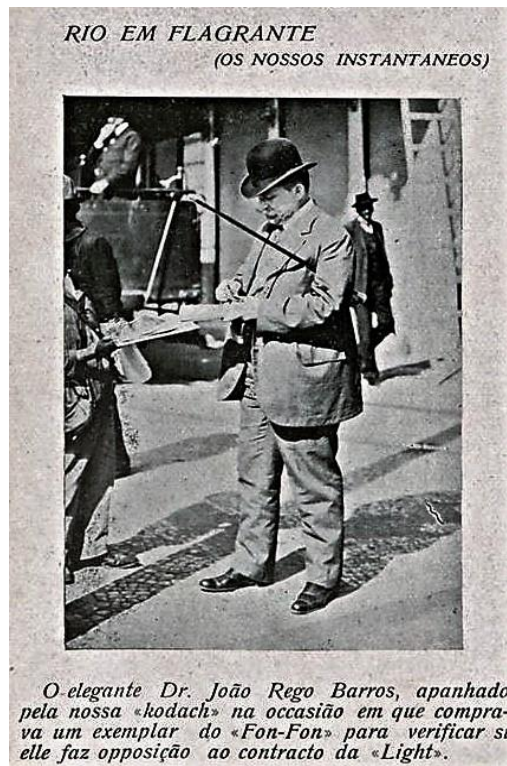
**Imagem 21:** “Rio em Flagrante: Os nossos instantaneos”, Revista *Fon-Fon!*, 27 de março de 1909, p.23.



**Imagem 22:** “Rio em Flagrante: Os nossos instantaneos”, Revista *Fon-Fon!*, 17 de agosto de 1907, p.12.



**Imagem 23:** “Rio em Flagrante: Os nossos instantaneos”, *Revista Fon-Fon!*, 24 de agosto de 1907, p.04.



Compondo uma série em que os sujeitos evidenciados são jornaleiros, as **Imagens** de **19 a 23** detém de sete fotografias que estudadas em conjunto iluminam sobre o cotidiano dessa categoria de trabalho. Já posto sobre o início do dia de trabalho, no ponto de distribuição, tomaremos agora as **Imagens** de **21 a 23** para vislumbrarmos a atuação desses trabalhadores nas ruas. Retomando a coluna principal elencada neste trabalho, a “Rio em Flagrante: Os nossos instantaneos”, as três publicações acima seguem o mesmo padrão já informado sobre a coluna de instantâneos: fotos de figuras públicas daquele contexto em passeio pelas ruas do Rio de Janeiro junto de uma pequena legenda, informando quem seriam essas pessoas.

O trabalho de crianças na rua mais uma vez aparece na *Fon-Fon!*, dessa vez em publicação do dia 27 de março de 1909 (**Imagem 21**). A leitura da legenda junto da foto apresenta certo grau de ironia daquela situação quando é levada em conta a presença do pequeno trabalhador ao fundo, os escritos diziam o seguinte: “Os nossos simpáticos colegas da imprensa Joaquim de Azevedo e Durval Cahet.”<sup>127</sup> Ao que tudo indica, Azevedo e Cahet são pessoas que possuíam cargos em importantes periódicos brasileiros, por esse motivo, seriam dignos de

<sup>127</sup> “Rio em Flagrante: Os nossos instantaneos”, *Revista Fon-Fon!*, 27 de março de 1909, p.23.

figurar naquela coluna fotográfica de relevância interna na *Fon-Fon!* – tais como Raul Pederneiras e Calixto Cordeiro na **Imagem 23**. Como critério para estarem nessa pesquisa, a publicação deixa aparecer na fotografia um garoto trabalhador, sujeito tão importante quanto para a imprensa brasileira do que os nomes mencionados na legenda, por estar na ponta final de distribuição do produto durante longas jornadas de trabalho.

O pequeno trabalhador, que assim como os demais que labutavam nas ruas e estavam presentes na *Fon-Fon!*, não tem seu nome revelado e só é possível de ser visto por essa pesquisa por conta da impossibilidade de o retirar do retrato. Com roupas modestas, como já evidenciado nas outras publicações aqui analisadas, a criança encara por traz os “colegas da imprensa” da *Fon-Fon!*, carregando em sua mão um maço de jornais que tentará vender até o final de seu expediente. Vale lembrar, como visto nas **Imagens 19 e 20**, que a concorrência entre jornaleiros era grande devido ao alto número de sujeitos que assumiam esse encargo: será que o menino conseguiu liquidar suas vendas naquele dia e, com isso, garantir o mínimo para seu sustento? Este questionamento deve ser levado, também, aos vendedores das **Imagens 22 e 23**.

Nomes conhecidos no circuito impresso daquele contexto, Raul Pederneiras e Calixto Cordeiro foram flagrados de costas pelo fotógrafo da *Fon-Fon!*, em fotografia publicada em 17 de agosto de 1907. Ponto de destaque é que ambos, por trabalharem com ilustrações, publicavam semanalmente seus desenhos no semanário, quase que monopolizando, junto de José Carlos, a autoria das ilustrações do periódico. De um levantamento que a pesquisa fez das ilustrações publicadas na revista em 6 meses de publicação (abril de 1907 a janeiro de 1908), nos desenhos expostos nas capas dos 26 volumes analisados, levantou-se que: 16 foram de autoria de Calixto Cordeiro, 7 de Raul Pederneiras e 1 de José Carlos (em uma das capas a autoria da ilustração não foi identificada e outra o que estampou a página foi uma fotografia).

No dia em que Pederneiras e Cordeiro ganharam destaque na revista para além de suas ilustrações, na coluna de flagrantes, outro sujeito trabalhador, que também contribuía para o sucesso da imprensa comercial nas ruas cariocas, figurou ao fundo na fotografia. Nessa ocasião, chama-se atenção que o jornaleiro ganha mais destaque no retrato que ambos os ilustradores ao aparecer de perfil e com o rosto a vista, diferente dos colaboradores da *Fon-Fon!* – qual seria a razão disso? Sete páginas depois, outra publicação da “Rio em Flagrante” apresenta, novamente, Pederneiras e Calixto, dessa vez acompanhados do jornalista Baptista Coelho, só que agora vistos de frente, parte da legenda dizia o seguinte: “Pela fisionomia dos três, nota-se

que eles absolutamente não pretendem ser apanhados pela curiosidade dos nossos instantâneos.”<sup>128</sup>

O trabalhador jornalista que atua nas ruas, provavelmente só apareceu na fotografia da **Imagem 22** por conta da impossibilidade do fotógrafo, que forneceu a foto para a *Fon-Fon!*, de tirar outro registro daqueles ilustradores – integrantes do público-alvo daquela coluna. Após algum tempo ambos voltaram, acompanhados de Baptista Coelho, para aquele mesmo ponto em que foram fotografados inicialmente, porém o jornalista já não mais apareceu no registro. As motivações podem ser variadas, o expediente daquele talvez tenha acabado, o ponto de vendas mudado, um tempo de descanso/alimentação e, até mesmo, o fotógrafo tenha conseguido êxito em excluir aquele trabalhador do enquadramento da foto. Além de iluminar sobre a movimentação do comércio ambulante, ambas as fotografias ajudam a compreender sobre o dia de trabalho daquele por de trás da câmera fotográfica que, naquela ocasião, escolheu um ponto fixo da cidade para flagrar figuras públicas e relevantes do contexto estudado.

Na tentativa de esboçar instantaneidade em seus registros, o fotógrafo que registrou a imagem da **Imagem 23** flagrou, por incrível que pareça, o “elegante Dr. João Rego Barros [...] na ocasião em que comprava **um exemplar do ‘Fon-Fon’**”.<sup>129</sup> Podemos, com isso, levantar outra hipótese em cima dessa dinâmica: a existência de uma relação mais próxima entre esses sujeitos que trabalhavam nas ruas – neste caso, em especial, entre o fotógrafo e o jornalista. Entendemos, claro, que esta relação poderia variar de acordo com o grau de concorrência, dentro e fora dos locais de trabalho, coexistindo em uma relação desde a solidariedade até a inimizade entre os homens e mulheres que labutavam diariamente nas ruas cariocas. Sobre os trabalhadores presentes na fotografia, um aparente (o vendedor de jornais) e outro oculto (clicando a “kodach”), ambos poderiam, por exemplo, propor combinados e trocas de ajuda mútua, em relação à posição posada para melhor registro fotográfico, ajuda na identificação de quem seria importante/relevante ou não para ser flagrado.

Outra categoria de trabalhadores encontrada pela pesquisa nas publicações da “Rio em Flagrante: Os nossos instantaneos” é aquela responsável pelo transporte de pessoas, cargas e mercadorias no Rio de Janeiro. Observamos, então, a seguir figuras selecionadas pela pesquisa que se relacionam a esta categoria geral de ofício:

<sup>128</sup> “Rio em Flagrante: Os nossos instantaneos”, *Revista Fon-Fon!*, 17 de agosto 1907, p.19.

<sup>129</sup> “Rio em Flagrante: Os nossos instantaneos”, *Revista Fon-Fon!*, 24 de agosto de 1907, p.04 (grifo meu).



**Imagem 24:** “Rio em Flagrante: Os nossos instantaneos”, *Revista Fon-Fon!*, 15 de junho de 1907, p.20.



**Imagem 25:** “Rio em Flagrante: Os nossos instantaneos”, *Revista Fon-Fon!*, 10 de agosto de 1907, p.11.





A pesquisa reconhece as diferenças existentes entre aqueles que realizavam transporte de pessoas e cargas, assim como, o modo que faziam, seja através de uma carroça movida a cavalos ou carro a combustão, até mesmo, aqueles que carregavam cargas utilizando apenas a força corporal. Entretanto, o que os liga neste trabalho é o fato de trabalharem lado a lado nas ruas e, por isso, iremos os investigar desta maneira, respeitando os limites entre as condições específicas de trabalho. Observando as **Imagens 24 e 25**, temos para analisar casos que se encontram nesta diferenciação. A primeira mostra, em um segundo plano desfocado, dois homens ao lado de uma espécie de carruagem, neste caso coberta, que, provavelmente, servia para transporte de pessoas. Na segunda, um homem, também fora do primeiro plano da fotografia, aparece no registro carregando em cima da cabeça uma grande caixa, possivelmente com algum tipo de produto, de um canto da cidade para o outro.

O porquê vislumbrar esses dois casos juntos? Em grande medida, o transporte de mercadorias como é feito na **Imagem 25**, “[...] desde o café, principal produto de exportação do Brasil, até o lixo das residências – deixaram de ser transportadas pelos carregadores negros, em sua maioria escravos, e passaram a ficar a cargo das carroças” a partir da segunda metade do século XIX.<sup>130</sup> Essa movimentação de pessoas carregando cargas nas ruas, fora observado, por exemplo, por historiadoras como Maria Cecília Velasco e Cruz, Juliana Barreto Farias, Erika Arantes e Sandra L. Grahmam, ao analisarem tipos de sujeitos e categorias específicas de trabalhos em suas pesquisas.<sup>131</sup> Ainda durante o período em que a escravidão estava vigente no país, a bibliografia constata que a maioria dos indivíduos que prestavam os serviços de carregadores era pessoas negras, em grande maioria homens, em busca de poupança para angariarem a alforria.

Sendo no *Porto Negro*, estudo por Arantes, junto dos estivadores ou nas ruas cariocas, “[...] os trabalhadores ambulantes, distinguiram-se carregadores e ganhadores, atividades certamente bem rendosas, já que africanos de elevada idade ainda se dedicavam a elas, mesmo com todo perigo e exaustão.”<sup>132</sup> Das mulheres carregadoras, Sandra Grahmam chama atenção

<sup>130</sup> TERRA, Paulo Cruz. “Greve como luta por direitos: as paralisações dos cocheiros e carroceiros no Rio de Janeiro (1870-1906).” *Revista Brasileira de História* (Online), v. 34, 2014, p.238.

<sup>131</sup> Cf. CRUZ, Maria Cecília Velasco e. *Virando o Jogo: estivadores e carregadores no Rio de Janeiro da Primeira República*. Tese de Doutorado, USP, 1998.; FARIAS, Juliana Barreto. *Mercados Minas: africanos ocidentais na Praça do Mercado do Rio de Janeiro (1830-1890)*. 2012. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.; ARANTES, Erika. *O porto negro: cultura e trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX*. Dissertação de mestrado em História, Unicamp, 2005.; GRAHMAM, Sandra L. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860 - 1910*. Tradução de Viviana Bosi. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

<sup>132</sup> FARIAS, Juliana Barreto. *Op. Cit.* p.164-165

para dois tipos de serviços domésticos que eram realizados fora das casas da elite e, por consequência, da vigilância dos senhores e patrões: carregamento de água (dos poços disponíveis na cidade para a casa onde trabalhava), roupas (oriundo do trabalho das lavadeiras) e de mercadoria (em grande maioria de compras realizadas nos mercados da cidade, como o exposto no item anterior). Desse cotidiano, a historiadora colabora para a presente pesquisa ao visualizar e entender com mais clareza essa movimentação das ruas que, por vezes, foi flagrada pelos fotógrafos da *Fon-Fon!*:

Todas as criadas que saíam à rua levavam sua carga de trabalho árduo. Transportar água, lavar roupa nos chafarizes públicos ou sair dos cortiços para entregar a roupa lavada significava que as lavadeiras tinham de equilibrar fardos pesados e volumosos sobre a cabeça enquanto percorriam seu caminho através da cidade. Exceto no caso das famílias que viviam afortunadamente próximas ao mercado, as compras diárias também representavam para a criada um longo caminho até lá, no ‘extremo mais longínquo do povoamento’. A volta podia ser bastante atribulada se ela carregasse cestas cheias e um frango vivo amarrado pelos pés.<sup>133</sup>

A pesquisa de Sandra Grammam põe e evidencia o quanto essas pessoas andavam diariamente nas ruas das cidades em que trabalhavam, nos fazendo questionar, por exemplo, qual deveria ser a carga horária de trabalho do sujeito flagrado na **Imagem 25**. Ponto importante de destaque a respeito desses carregadores de rua é sobre a ligação, importância e coexistência deles com o próprio comércio ambulante estudado na pesquisa. A depender do que estava carregando, o indivíduo poderia contribuir diretamente com o abastecimento de outros pontos de distribuição que atendiam pequenos comerciantes ou, quem sabe, o mesmo que estava carregando em um momento seria o próprio vendedor momentos depois. Analisando novamente as imagens de maneira conjunta, um ponto deve ser levantado: qual a possibilidade de um carregador que realiza seu ofício apenas com a força corporal (**Imagem 25**) conseguir mudar determinada realidade para o trabalho por meio de uma carroça e tracionado por uma animal/combustão (**Imagem 24**)?

De acordo com Elciene Azevedo, em artigo a respeito dos cocheiros e carroceiros na cidade de São Paulo no final do século XIX, angariar carroça e animal não representava uma despesa de alto custo, resultando, assim, uma “forma de buscar autonomia, um trabalho procurado por homens pobres e de poucos recursos, mas que possuía mercado certo, que tendia a crescer em uma cidade que experimentava mudanças de fluxo de pessoas e mercadorias cada

---

<sup>133</sup> GRAHMAM, Sandra L. *Op. Cit.* p.59.

vez maiores.”<sup>134</sup> Entretanto, até que ponto comprar esses itens era acessível? E era para quem? Azevedo expõe que o “[...] baixo custo tornava o mercado do transporte uma opção bastante atraente para imigrantes que aqui chegavam e tinham pouco dinheiro para começar um pequeno negócio”<sup>135</sup> – os indivíduos descendentes da escravidão, africanos e afro-brasileiros que carregam consigo estigmas negativos, conseguiam fundos para tal?

Paulo Cruz Terra, em ensaio sobre os diversos movimentos grevistas de cocheiros e carroceiros, com recorte das décadas finais do século XIX aos anos iniciais do XX, nos alerta serem os sujeitos como o da **Imagem 24** importantes movimentadores políticos em busca de situações mais adequadas de trabalho para aqueles que atuavam com o transporte. As paredes realizadas por esses trabalhadores, principalmente entre os anos de 1870 e 1906, eram reações organizadas contra as medidas regulatórias e imposição de fisco sobre o cotidiano de trabalho dos transportadores. Meses antes do início do recorte temporal desta pesquisa, no ano de 1906, Paulo Terra evidencia ter ocorrido uma paralisação, organizada pela Sociedade de Resistência dos Cocheiros, Carroceiros e Classes Anexas, a qual propôs uma “tabela de reivindicações aos proprietários de veículos, como aumento da remuneração e redução das horas de trabalho.”<sup>136</sup>

Este contribui muito para a pesquisa, na medida em que deixa evidente, não só os profissionais do transporte, mas como aqueles que atuavam no comércio ambulante, como as quitandeiras que abordamos anteriormente, sempre estiveram em constante disputa contra medidas de seus patrões e do governo que julgavam injustas. Desse modo, apesar de não serem aqueles trabalhadores, em grande maioria, homens, brancos e europeus que trabalhavam nas grandes fábricas, os quais parte da historiografia privilegiou por muito tempo, os sujeitos deste capítulo compuseram greves e organizaram-se, diante disso, “não foram meros expectadores e atuaram ativamente em relação a algumas decisões políticas que incidiam sobre seu ofício.”<sup>137</sup>

De fato, este universo é bastante rico em possibilidades de análise, tendo em vista as questões aqui levantadas. Pontos a respeito do trabalho infantil e do movimento diário de vendedores e vendedoras e do dia a dia dos fotógrafos foram levantados. As publicações guardam outros tantos questionamentos que devem ser explorados em futuras investigações. O que foi proposto até aqui parte de inquietações da pesquisa em relação à fonte e objeto da

<sup>134</sup> AZEVEDO, Elciene. “A metrópole às avessas: cocheiros e carroceiros na invenção da ‘raça paulista’.” In: Azevedo, Elciene; Cano, Jefferson, Chalhoub, Sidney; Cunha, M. Clementina P.. (Org.). *Trabalhadores na cidade. Cotidiano e cultura de trabalhadores no Rio de Janeiro e São Paulo (século XIX)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p.90.

<sup>135</sup> *Ibidem.* p.91.

<sup>136</sup> TERRA, Paulo Cruz. *Op. Cit.* p.246.

<sup>137</sup> *Ibidem.* p.248.

pesquisa – a *Fon-Fon!* – a qual se mostrava um veículo da imprensa totalmente direcionado às elites urbanas brasileiras. Mesmo assim, nas margens, identificamos a resistência desses trabalhadores, não só nas ruas, mas nas páginas da revista.

A metodologia do estudo da imprensa aqui empregada, que privilegia a leitura completa dos volumes e o mapeamento das escolhas editoriais, é basilar para qualquer estudo que queira levar em consideração veículos da imprensa como fonte de análise. Foi através da leitura atenta do objeto de estudo que entendemos as características ordinárias da cidade, que pela *Fon-Fon!* era composta só pelos ricos, que conseguimos encontrar as brechas em suas margens. Assim como na revista que aqui estudamos, esse movimento, com toda certeza, garantirá acesso ao dia a dia dos sujeitos que eram perseguidos pelo projeto republicano em outros periódicos que apoiavam essa empreitada contra as trabalhadoras e trabalhadores.

Assim sendo, os grandes nomes da aristocracia do Rio de Janeiro e as áreas embelezadas da cidade eram o foco do semanário, desde os últimos melhoramentos em determinada avenida até o retrato dito instantâneo de senhores e madames, era o que alimentava as vendas da revista. Entretanto, essa pesquisa não se contentou com essa posição e, neste capítulo, principalmente, fomos às ruas cariocas, através da *Fon-Fon!*, entre os anos de 1907 e 1909, tomar nota desse cotidiano que a fonte sempre buscou esconder e, como vimos no final do capítulo anterior, eliminar. Apesar de sempre nas margens, onde o foco central eram os registros das edificações e não daqueles sujeitos que propriamente as construíram e reformaram, essas mulheres e homens dividiam, não só as ruas com as elites, mas o mesmo espaço nas fotografias e colunas de uma revista consumida pela elite brasileira.

### **Capítulo 3 – Ensino de História e Imprensa: contribuições teórico-práticas para o estudo do cotidiano dos trabalhadores em sala de aula**

#### **D) Levantamento temático: fonte e bases teóricas para confecção de uma aula sobre as festividades do 1º e 13 de maio**

Talvez seja essa a parte mais difícil desta monografia. Não que o trabalho de pesquisa em História seja fácil ou leve, pelo contrário, carregamos grandes responsabilidades a partir do momento em que nos propusemos realizar uma investigação séria sobre o passado. A pesquisa até aqui se embasou em métodos e base teórica, sobretudo os da História Social, para construir, mesmo que entre deslizes e acertos, ponderações sobre como um periódico ilustrado republicano repercutiu em suas páginas a cidade do Rio de Janeiro recém reformada e expôs, mesmo quando queria esconder, o cotidiano de trabalhadoras e trabalhadores que ocupavam as ruas da capital federal. Não foi fácil, porém, a partir de agora temos uma responsabilidade a mais: criar uma via multilateral com o Ensino de História.

A proposta aqui não é a de fazer uma transposição didática, ou seja, adequar o conteúdo da pesquisa para a realidade da sala de aula. Na verdade, vale deixar claro que este trabalho entende ambos os campos como um só: ensino e pesquisa em História devem se retroalimentarem constantemente. Logo, deixamos para trás o “discurso competente” que, por muito tempo, colocou o conhecimento acadêmico (produtores de conhecimento) e o livro didático (repositório estanque de informações do passado) hierarquicamente superior ao ensino de História nas salas de aula de nível básico (reprodutores do conhecimento acadêmico).

Não levar adiante essa estrutura faz dessa proposta uma via de resistência ao processo de despolitização do ensino, o qual “exclui a realidade do aluno” e “despreza qualquer experiência da história por ele vivida.” Nos colocamos contra, então, ao ensino de História que impossibilita os discentes de “chegar a uma interrogação sobre sua própria historicidade, sobre a dimensão histórica de sua realidade individual, de sua família, de sua classe, de seu país, de seu tempo...”<sup>138</sup> Dessa maneira, um olhar crítico para a composição curricular deve ser realizado: será que os conteúdos e as formas de ensino e aprendizagem aplicados no ensino básico atendem a uma necessidade de educação politizada?

---

<sup>138</sup> CABRINI, Conceição et alii. *O ensino de história: revisão urgente*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.34.

Apesar de alguns avanços ao longo de muita luta, ainda tem lugar cativo nas bases curriculares brasileiras uma História que se parece única e generalista. Essa perspectiva “[...] se preocupa em dar conta de tudo o que se passou com a humanidade”, implicando em “uma visão da história europocêntrica, linear, evolutiva, progressista/etapista e mesmo finalista.”<sup>139</sup> A visão historiográfica, atualmente, muito em voga nas escolas é completamente europeia e ocidental, concebida no século XIX, partindo de uma periodização quadripartite do passado (história antiga, medieval, moderna e contemporânea).<sup>140</sup> Todavia, com a impossibilidade de fuga total de uma base curricular já existente, devemos partir das brechas deixadas nela para propor um ensino de História que leve em consideração a pluralidade de uma sala de aula.

Outro cuidado basilar que essa proposta entende que deve haver, ainda mais pelo fato de estarmos partindo de uma produção acadêmica, é com o cientificismo. Paulo Freire, em sua quarta carta para professoras e professores presente no livro *Professora sim, tia não*, infere ser o cientificismo, ainda mais quando direcionado para as salas de aula do ensino básico, uma maneira de ensinar tolamente intolerante. Por qual motivo intolerante? Porque o cientificismo “toma ou entende a *ciência* como a *verdade última*”, logo, tudo que fuja do discurso produzido pelos acadêmicos, voltamos aqui ao problema do discurso competente, não vale de nada, com isso, seria a ciência aquilo “que nos dá a certeza de que não se pode duvidar.”<sup>141</sup> Ora, não podemos dispensar todo conhecimento produzido fora dos muros das Universidades, a partir de um rigor crítico, devemos ao menos tentar incorporar as experiências cotidianas de nossas alunas e alunos durante a preparação de uma aula, por exemplo.

Em paralelo a essas questões voltadas a composição curricular e meios mais democráticos e plurais de propor o ensino de história, devemos fazer uma avaliação crítica de alguns aspectos da historiografia. A História Nova e a História Social do Trabalho, adjunta da história vista de baixo, propuseram novas perguntas direcionadas a sujeitos e fontes antes desinteressadas por nossos pares. Despende-se destaque para essas áreas da historiografia devido à importância delas para a constituição da trajetória de pesquisa dessa monografia. Contando com o objetivo principal de colocar em discussão possibilidades e ferramentas

---

<sup>139</sup> *Ibidem.* p.36.

<sup>140</sup> Vale citar, em contrapartida, que usar a periodização quadripartite para o ensino (muitas vezes como recurso didático) não apresenta riscos sérios a conquista de um currículo plural. O problema se encontra quando essa visão do passado é apresentada como única para os discentes, excluindo diversas outras maneiras de interpretação de questões já passadas, mas que ecoam fortemente atualmente.

<sup>141</sup> Vale citar que, Paulo Freire é contrário ao cientificismo e não à ciência. Cf. FREIRE, Paulo. “Quarta carta: Das qualidades indispensáveis ao melhor desempenho de professoras e professores progressistas” In. FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. Olho d'Água, 1997. p.40.

alternativas ao ensino tradicional de História, pretendemos atender a urgência de atrelar conteúdos e práticas do passado com parte das diversas realidades do alunado presente em uma sala de aula. Esta aspiração ancora-se na premissa da história vista de baixo de buscar “explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história.”<sup>142</sup>

Buscando transgredir, então, a maneira tradicional da história vista de cima, que mirava apenas em nomes das altas hierarquias sociais do mundo e em grandes acontecimentos, será apresentada uma proposta de aplicação didática que levará em consideração trabalhadores e trabalhadoras de rua, que circulavam nas ruas do Rio de Janeiro, no começo do século XX. Com esta sugestão, busca-se alternativa àqueles conteúdos de História do Brasil República, sobretudo aquela ainda vista nas escolas como “República Velha”, que versam incansavelmente sobre economia cafeeira e as intensas disputas políticas entre os estados de São Paulo e Minas Gerais, sem fazer pensar a origem do próprio termo que oferece nome ao período estudado.

Trazer para discussão parte do cotidiano de sujeitos que ganhavam a vida nas ruas, “ajuda a convencer aqueles de nós nascidos sem colheres de prata em nossas bocas [maioria da classe estudantil, principalmente do ensino público brasileiro], de que temos um passado, de que viemos de algum lugar.”<sup>143</sup> Atribuir protagonismo para a história desses sujeitos não diz respeito apenas ao passado histórico do Brasil, mas, também, colabora para a compreensão, por parte dos estudantes, da realidade atual, tanto estrutural quanto cotidiana, em que estão inseridos. É importante abrir essa via de diálogo com os discentes para não dissociação entre futuro e passado, com isso, há de se colaborar com a análise de que cada ser humano está inserido em uma realidade que os oprime, ou não, de acordo com: sua condição financeira, cor de pele, origem étnica, gênero, sexualidade e outras tantas categorias que podem a vir nos permear.

Delimitados os sujeitos da aula que proporemos ao final, é importante ter em vista a maneira como iremos acessar este passado histórico. Contaremos, mais uma vez, com as consequências causadas pelas movimentações na historiografia do final do século XX e usaremos como base material veículos da imprensa carioca do final do início dos novecentos. O uso da imprensa para o estudo do passado passou a ser popularizado nas produções em nosso

---

<sup>142</sup> SHARPE, Jim. “A história vista de baixo”. In. BURKE, Peter (org.). *A escrita da História, novas perspectivas*. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p.41.

<sup>143</sup> *Ibidem*, p.62.



campo junto dos apontamentos contrários, mais uma vez, à forma “tradicional” da história dos grandes feitos e homens. Aqui já criticada, esta maneira de compreensão do passado, para além de tudo, julgava apenas documentos oficiais, aqueles produzidos pelos Estados, como fonte para a História.

Essas fontes oficiais, analisadas a contrapelo ou não, podem sim colaborar para o tipo de História Social que aqui se pretende nas salas de aula, porém, sozinhas não são o suficiente. Por isso, a possibilidade do uso da imprensa, antes considerada como não objetiva, sem neutralidade e fidedignidade, abre novos caminhos de análises para os sujeitos subalternizados os quais se mostram presentes nas edições diárias da imprensa comercial ou naquelas produzidas por militantes ao longo do século XX. Não vamos, como não fizemos até agora na monografia, creditar nos veículos da imprensa a ingenuidade de que eles sejam repositórios de informações sem a influência dos ditames editoriais e empresariais, esse ponto deve ficar claro para nossas alunas e alunos. Nossas fontes impressas, com isso, serão, também, nossos objetos de análises juntos aos estudantes, assim, trataremos com eles, além do conteúdo escrito, a forma como “[...] a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público.”<sup>144</sup>

Ainda se tratando das fontes é importante, na medida do possível, expor ao máximo qualquer tipo de material do passado para o corpo discente. O expor aqui não pode ser confundido com uma espécie de material ilustrativo, ao contrário, a fonte deve interligar sala de aula, docente, livro didático (se houver) e todo questionamento que surja dessas relações. A proposta de uma aula deve instigar o alunado a questionar aquele material, gerando, então, autonomia e instigando criticidade em relação ao material. Dessa forma, desconfiando do passado, nossos alunos passam a olhar para o presente com o mesmo olhar, suspeitando das inúmeras informações que os rodeiam constantemente – a pesquisa e processo de ensino e aprendizagem em História não se devem se prender ao passado, pelo contrário, é partindo do presente que levantamos questionamentos pertinentes sobre aquilo que passou.

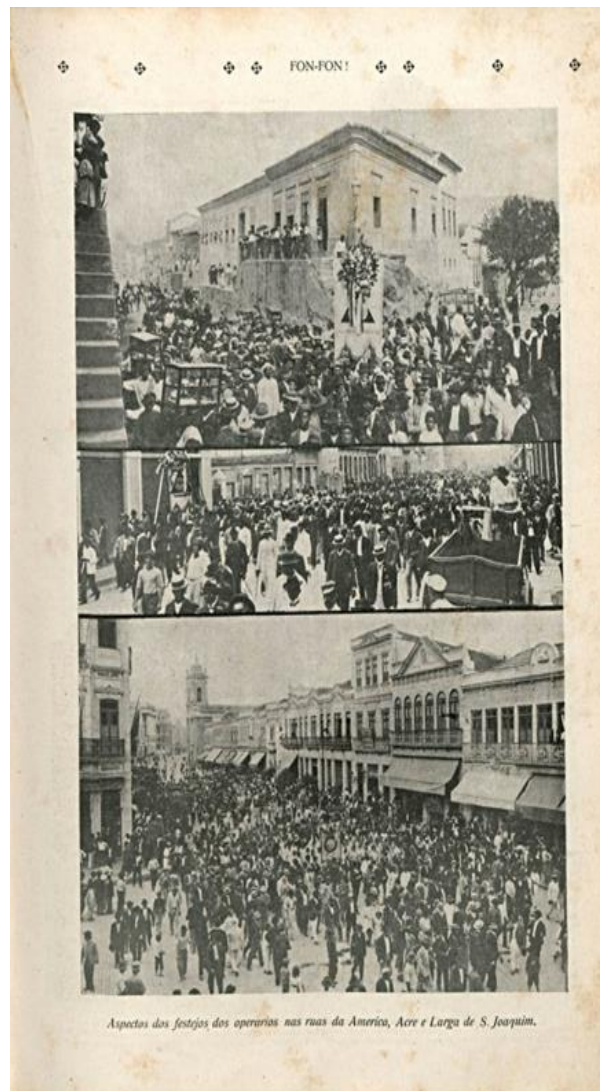
Dessa forma, o que pretendemos? Como estudado durante o Capítulo 1 e 2, a *Fon-Fon!*, fonte e objeto de pesquisa do presente trabalho, foi um periódico que atendia e difundia os interesses da elite urbana brasileira. Observamos a forma com que o semanário expunha fotografias da cidade, privilegiando o que representaria, segundo o projeto republicano em

---

<sup>144</sup> LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) *Fontes Históricas* – 2 ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008, p.139



**Imagem 27:** “1º DE MAIO: A FESTA DOS OPERÁRIOS NO RIO DE JANEIRO”. *Revista Fon-Fon!*, 11 de maio de 1907, p.07.



A seguir, o trecho escrito na **Imagem 26:**

## **1º DE MAIO**

### **A FESTA DOS OPERÁRIOS NO RIO DE JANEIRO**

No calendário da classe operaria, a data 01 de Maio representa a consagração oficial do descanso e da confraternização,

Aqui, como nas grandes Capitais europeias, é de festa, festa ordeira e honestamente simpática, esse dia glorioso, que se passa na solenizarão fraterna de uma conquista admirável e de um ensinamento glorioso.

O aspecto da Cidade, como aconteceu agora, participa dessa alegria saudável e por toda a parte, pelos bairros populosos, pela calma dos arrabaldes longínquos, formam-se grupos alegres de operários, que festejam, sob a bandeira carinhosa da Paz e da Fraternidade, o dia glorioso, a data altamente simpática para a doutrina do seu Ideal Social.

Aqui, no Rio de Janeiro, o dia 10 de Maio teve a sua natural consagração festiva. Diversas sociedades operarias saíram à rua trazendo à frente a alegria comunicativa das bandas de música e o símbolo consagrado dos seus estandartes.

Pequenos grupos de homens do Trabalho percorriam as Avenidas, paravam nos largos, agrupavam-se às esquinas, comemorando, pelo descanso, a data que se festejava.

As nossas fotografias reproduzem diversos aspectos curiosos de homenagem, uma das mais dignas e das mais simpáticas, por pertencer àqueles cuja existência é um hino à Paz e ao Trabalho.<sup>145</sup>

Agora, o recorte acerca do dia que se comemorou 19 anos da Abolição da Escravidão:

**Imagem 28:** Revista *Fon-Fon!*, 18 de maio de 1907, p.27



<sup>145</sup> “1º DE MAIO: A FESTA DOS OPERÁRIOS NO RIO DE JANEIRO”. Revista *Fon-Fon!*, 11 de maio de 1907, p.06-07.

Qual a forma como a *Fon-Fon!* tratou dessas comemorações e o que isso tem a nos dizer sobre o comportamento da elite frente a essas duas festas populares? Qual o espaço reservado internamente na revista para tratar de cada uma dessas comemorações? A quais requisitos da Base Nacional Curricular Comum podemos apoiar uma possível aula levando em consideração esse tema? Tratem os no próximo tópico.

## II) **Festividades, Trabalho e Abolição na Fon-Fon!: considerações para aplicação de uma aula sobre Brasil republicano**

O planejamento de uma aula talvez seja a parte mais importante e trabalhosa na profissão docente. Não apenas pelo fato de ser esse momento base das discussões em sala de aula, mas em meio a um cenário de precarização do ensino básico público brasileiro, cai sobre as professoras e professores tantas outras responsabilidades que destoam na premissa central da profissão que o esgotamento mental e físico estão cada vez mais comum entre esses profissionais. Dessa forma, o que se propõe aqui são considerações, embasadas em estudos já realizados sobre as temáticas, para a construção de uma aula alternativa, quando pensamos os conteúdos tradicionais tratados sobre a república brasileira. Não iremos propor aqui um plano de aula acabado, sem espaços para alterações, porque entendemos que cada profissional da educação atua em realidades distintas uns dos outros, seja estrutural, social, econômico entre outras tantas. Ao contrário, colocaremos em discussão a fonte, em conjunto de uma bibliografia especializada, apontando possíveis abordagens em sala de aula.

De início, tratemos das questões legais, das quais não podemos escapar, mas usar as brechas ao nosso favor. Levando em consideração a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), identificamos o 9º ano como um possível espaço para aplicação dessa aula. Trago, abaixo, os três procedimentos básicos que a BNCC infere que se deve trabalhar nos Anos Finais do Ensino Fundamental, a partir deles iniciaremos nossa discussão:

1. Pela identificação dos **eventos considerados importantes** na história do Ocidente (África, Europa e América, especialmente o Brasil), ordenando-os de forma cronológica e localizando-os no espaço geográfico.
2. Pelo desenvolvimento das condições necessárias para que **os alunos selecionem, compreendam e reflitam** sobre os significados da produção, circulação e utilização de **documentos** (materiais ou imateriais), **elaborando críticas sobre formas já consolidadas de registro e de memória**, por meio de uma ou várias linguagens.



3. **Pelo reconhecimento e pela interpretação de diferentes versões de um mesmo fenômeno**, reconhecendo as hipóteses e avaliando os argumentos apresentados com vistas ao desenvolvimento de habilidades necessárias para a elaboração de proposições próprias.<sup>146</sup>

Partindo do pressuposto, que iremos discutir mais a frente, de que a *Fon-Fon!* propôs um discurso apaziguador em relação as comemorações do 1º de maio, um dia internacional de luta, e pouco falou das comemorações do 13 de maio, ambas as escolhas intencionais, uma aula sobre essas festividades vai ao encontro desses procedimentos elencados na BNCC. Primeiro, é importante que os alunos identifiquem/reconheçam ambas as datas como “eventos considerados importantes”, tento em vista que, assim como a *Fon-Fon!* fez nesse recorte que trazemos, veículos da mídia atual tentam invisibilizar essas datas até hoje – ponto relevante, inclusive, para se discutir em sala, a permanência desses apagamentos. O segundo ponto se encaixa, também, em nossa proposta. A partir do momento em que, em contato com a documentação e da intervenção docente na discussão, o aluno é capaz de propor “críticas sobre formas já consolidadas de registro e de memória”. Levando em consideração as festividades, é necessário questionar as construções de memória que depreciam essas datas, corroborando, junto disso, para o “reconhecimento e pela interpretação de diferentes versões de um mesmo fenômeno.”

Inserida nossa proposta nos aspectos gerais dos Anos Finais do Ensino Fundamental, partimos para as habilidades que, para esse tema, foram encontradas no 9º ano. Partindo da unidade temática “O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX”, elencamos três habilidades possíveis de inserir uma possível aula dessa temática. São elas: “**(EF09HI03)** Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.”; “**(EF09HI04)** Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.” Essas duas contam o objetivo de discutir: “A questão da inserção dos negros no período republicano do pós-abolição. Os movimentos sociais e a imprensa negra; a cultura afro-brasileira como elemento de resistência e superação das discriminações.”

A outra habilidade versa sobre “**(EF09HI05)** Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive.”, com o objetivo de analisar a “Primeira República e suas características Contestações e

---

<sup>146</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/historia-no-ensino-fundamental-anos-finais-unidades-tematicas-objetos-de-conhecimento-e-habilidades>. Acesso em: 21/11/2023. (**grifos meus**)

dinâmicas da vida cultural no Brasil entre 1900 e 1930”.<sup>147</sup> Dessa forma, fica a critério do docente manejar a aula para a habilidade que mais faça sentido de acordo com as possíveis alterações/completações que façam do que aqui está sendo exposto. As habilidades e objetivos elencados versam, em geral, sobre a participação da população afro-brasileira em diversos âmbitos da república, assim como, entender todas as questões em uma cidade recém reformada, como o Rio de Janeiro.

Selecionamos dois artigos para levantarmos algumas questões iniciais para a fonte. O primeiro da historiadora Renata Figueiredo Moraes, intitulado de “A República e as festas da abolição: Resistência e liberdade no pós-abolição”<sup>148</sup> e o segundo, da também historiadora, Luciana Barbosa Arêas, com o título de “As comemorações do 01 de maio no Rio de Janeiro (1890-1930)”<sup>149</sup>. Ambas as produções auxiliam na construção de uma aula sobre essa temática, tendo em vista que as historiadoras fizeram um levantamento comparativo de como cada uma das comemorações ocorreram no Rio de Janeiro. Voltando olhares para os recortes da *Fon-Fon!*, colocando lado a lado, vale o questionamento em sala de aula: qual dessas duas festividades tiveram mais espaço na revista? A diferença é explícita. A repercussão do 1º de maio contou com: título grande, texto informativo e 5 fotografias, tudo isso distribuído em duas páginas. Sobre os 19 anos da abolição, o que encontramos? Uma publicação avulsa, sem título, apenas com uma foto e uma pequena legenda que dizia: “Missa campal realizada no cemitério de S. Francisco Xavier (Cajú), em homenagem & data fraternal de 13 de Maio.”<sup>150</sup>

É necessário instigar a sala a questionar as razões dessas diferenças. Ao fim, como tratamos ao longo desta monografia, sabemos que o projeto republicano brasileiro tentava a todo custo dissociar-se do período imperial e, tanto a escravidão quando sua abolição, faziam parte desse período. Ademais, Renata Moraes levanta que ocorriam no Rio de Janeiro festas oficiais que, ao longo do tempo, foram diminuindo, geralmente nas áreas centrais da cidade, e festas feitas pelo povo, que ocorriam nos subúrbios. Dessa forma:

A festa pela abolição passava a ser socialmente marcada por homens e mulheres afrodescendentes e moradores dos subúrbios, que celebravam a data

---

<sup>147</sup> *Idem.*

<sup>148</sup> MORAES, Renata Figueiredo. “A República e as festas da Abolição: resistência e liberdade no pós-abolição”. *ACERVO (RIO DE JANEIRO)*, v. 33, p. 40-62, 2020.

<sup>149</sup> ARÊAS, L. B.. “As comemorações do 01 de maio no Rio de Janeiro (1890-1930)”. *História Social (Campinas)*, nº 4/5, p. 9-28 1997/1998.

<sup>150</sup> *Revista Fon-Fon!*, 18 de maio de 1907, p.27



como forma de reforçar os seus sentidos da lei, distintos daqueles dos que ocupavam a região central da cidade e que já não promoviam festas.<sup>151</sup>

Pelo o que vimos até aqui na monografia, sabemos que os dirigentes da *Fon-Fon!* pouco se importavam em propagar imagens sobre o subúrbio, dessa forma, é possível complementar a linha de raciocínio seguindo, também, o privilégio das áreas centrais em detrimento das suburbanas nas imagens do semanário. A questão do 1º de maio é bastante chamativa, principalmente a forma como a festa foi caracterizada. Buscando evitar qualquer tipo de animosidade popular, tanto a classe política quanto a patronal sempre buscaram, quando não por meio da força policial, controlar os trabalhadores através de um espírito de paz e fraternidade entre os povos. Como podemos observar isso? Para além de decretos que deixavam explícita essa questão de que nas festividades públicas deveria pairar a harmonia social, o qual o docente pode procurar, avaliar e complementar sua aula, o texto veiculado na *Fon-Fon!* corrobora com esse controle social republicano.

Dizeres como, ter sido aquele dia 1º maio uma solenidade “fraterna”, um momento de “descanso” e “confraternização”, no qual a “calma”, a “Paz e a Fraternidade”, deixaram os “alegres operários” em comemoração “pelo descanso”<sup>152</sup> apresenta um viés que busca controlar e evitar qualquer movimento de luta política dos trabalhadores. Luciana Arês aponta que, assim como vimos em relação às festas da abolição, o significado do 1º de maio era interpretado de várias formas, de acordo com o local social dos sujeitos. Um complemento a essa proposta, por exemplo, seria encontrar em algum periódico operário/militante como repercutiu esse mesma data sob a ótica dos próprios trabalhadores e, assim, propor que os discentes façam essa comparação com a *Fon-Fon!*.

Ao fim e ao cabo, é importante ressaltar algumas coisas. Este trabalho entende e respeita a autonomia de professoras e professores, por isso, nossa proposta aqui foi apresentar alguns caminhos metodológicos, embasados em fontes, pesquisa e na BNCC, para uma possível aula que trate como essas festas populares eram vistas pelo poder republicano. O trabalho está longe de estar acabado, entretanto, é importante que criemos uma rede de conexões entre nós docentes, na qual compartilhemos nossas experiências para um Ensino de História cada vez menos tradicional e mais plural. Os discentes precisam se enxergar nas fontes e, a partir disso, cabe a nós identificá-las e propor uma apresentação que inclua o aluno no processo de ensino e aprendizagem. Desses recortes propostos neste capítulo, outros temas poderiam ser levantados

---

<sup>151</sup> MORAES, Renata Figueiredo. “A República e as festas da Abolição: : resistência e liberdade no pós-abolição.” *Op.Cit.* p.54

<sup>152</sup> 1º DE MAIO: A FESTA DOS OPERÁRIOS NO RIO DE JANEIRO”. *Revista Fon-Fon!, Op.Cit..*

como: escravidão e as consequências dela, a repressão e controle governamental e policial, cultura e manifestação popular etc. As questões sobre o passado são intermináveis e é possível estudá-lo bastante a partir da *Fon-Fon!*.

### Considerações finais

As últimas palavras de um trabalho de pesquisa são as mais difíceis. A quantidade de informações que rondou a investigação feita até aqui abre várias possibilidades de encerramento. Entretanto, exponho aqui, um pouco da trajetória de produção deste trabalho e, junto dela, abro um diálogo final com você, leitora ou leitor desta monografia. A base principal da pesquisa realizada aqui tem um nome: revista *Fon-Fon!*. A investigação surge de longas horas de leitura do semanário, produzindo fichamentos, planilhas no Excel, separando e editando as fotografias que aqui tomamos para análise. O interesse central permeava as consequências negativas das reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Entretanto, como encontrar aspectos excludentes dos ditos melhoramentos urbanos em periódico que só fazia exaltar a empreitada de Pereira Passos? Faltava, ainda, alguma coisa. Talvez, algum recorte mais específico ou um olhar mais atento à fonte e à bibliografia sobre o tema? Ainda não sabia, mas seguimos.

O pesquisador foi amadurecendo, o que fazia refletir no olhar sobre a pesquisa. Novas discussões, bibliografias e maneiras de perceber o objeto de pesquisa foram surgindo. Até que enfim os personagens centrais da monografia surgiram no radar: as trabalhadoras e trabalhadores que circulavam nas ruas do Rio de Janeiro. Não por acaso, mas depois de tanto retornar a revista, com outras perspectivas, observei na coluna “Rio em Flagrante: os nossos instantâneos” sujeitos que destoavam dos ricos, os trabalhadores também estavam sendo flagrados pela *Fon-Fon!*. Outro levantamento passava a ser feito, então, identificar no recorte pretendido a presença dos profissionais de rua nas páginas da revista. Dessa maneira, a pesquisa se esforçou para analisar fonte e objeto de pesquisa através das contribuições bibliográficas da História Social da Imprensa e do Trabalho, assim como, em pesquisas sobre as reformas urbanas cariocas.

A revista, dessa maneira, reprodutora dos projetos elitistas de uma república que se pretendia europeia, foi porta de entrada para analisarmos o cotidiano de diversas categorias de trabalho, sobretudo, os realizados nas ruas do Rio de Janeiro. Presentes nas regiões centrais, mas escondidos na *Fon-Fon!*, era esse o objetivo do periódico: propor uma visão da capital federal rica, branca e estética, a qual deveria excluir, ao menos das vistas, aquelas mulheres e homens que labutavam cotidianamente em busca da sobrevivência. Por que não incentivar essa visão acerca da cidade para as salas de aula? Em grande maioria, nossas alunas e alunos compõem ou são filhos da classe trabalhadora atual. Propor um Ensino de História que colabore com que

o alunado veja, além das políticas institucionais republicanas, sujeitos que compartilham experiências semelhantes a suas colabora para um processo de ensino e aprendizagem libertador. Investigar resistência, agência, lazer e cultura cotidiana desses sujeitos, em sala de aula e na Universidade, gera cada vez mais identificação e fomenta com que novos pesquisadores, professores surjam propondo um Ensino de História cada vez mais renovado.

Muito temos a construir ainda. O proposto aqui foi um recorte. Outras fotografias e textos escritos não couberam nesta monografia. A revista circulou por mais 49 anos depois do espaço temporal aqui delimitado. A *Fon-Fon!* é riquíssima e se observada com atenção, lida várias vezes e analisando suas margens, pode apresentar para a pesquisa em História novos frutos em tantas outras áreas de estudo. Muito obrigado pela companhia e leitura!

## Fontes

*Fon-Fon!* (1907 – 1909).

*Gazeta de Notícias* (1907).

## Bibliografia

ADICHIE, Chimamanda. – O Perigo da História Única. Vídeo da palestra da escritora nigeriana no evento *Technology, Entertainment and Design* (TED Global 2009). Disponível em: [http://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt](http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt). Acesso em: 6 de junho de 2023.

ARANTES, Erika. *O porto negro: cultura e trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX*. Dissertação de mestrado em História, Unicamp, 2005.

ARÊAS, L. B.. “As comemorações do 01 de maio no Rio de Janeiro (1890-1930)”. *História Social* (Campinas), nº 4/5, p. 9-28 1997/1998.

AZEVEDO, Elciene. “A metrópole às avessas: cocheiros e carroceiros na invenção da ‘raça paulista’.” In: Azevedo, Elciene; Cano, Jefferson, Chalhoub, Sidney; Cunha, M. Clementina P.. (Org.). *Trabalhadores na cidade. Cotidiano e cultura de trabalhadores no Rio de Janeiro e São Paulo (século XIX)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

BALABAN, M. “A beleza da raça: imagens de negros na imprensa ilustrada da Corte (1884-1886)”. In. BALABAN, M.; SAMPAIO, G. R. (Org.) ; LIMA, I. S. (Org.). *Marcadores da Diferença: raça e racismo na história do Brasil*. 1a. ed. Salvador: Editora da UFBA, 2019.

\_\_\_\_\_, Marcelo. *Poeta do lápis: sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/historia-no-ensino-fundamental-anos-finaisunidades-tematicas-objetos-de-conhecimento-e-habilidades>. Acesso em: 21/11/2023.

CABRINI, Conceição et alii. *O ensino de história: revisão urgente*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAETANO, Vivian Marcello Ferreira. *Moda e condição feminina nas páginas da revista Fon-Fon (1910-1920)*. 2016. 145 f. Dissertação (Mestrado em História Social do Território) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2016.

CHALHOUB, S.; SILVA, F. T. . “Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980.” *Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth* (UNICAMP), v. 14, 2009.

\_\_\_\_\_, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

CUNHA, Fabiana Lopes da. *Caricaturas carnavalescas: carnaval e humor no Rio de Janeiro através da ótica das revistas ilustradas Fon-Fon! e Careta (1908-1921)*. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX*. 2 ed. ver. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. “Imprensa a Serviço do Progresso”. In: LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (organizadoras). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

FARIAS, Juliana Barreto. *Mercados Minas: africanos ocidentais na Praça do Mercado do Rio de Janeiro (1830-1890)*. 2012. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

FREIRE, Paulo. “Quarta carta: Das qualidades indispensáveis ao melhor desempenho de professoras e professores progressistas” In. FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. Olho d'Água, 1997.

FREITAS, Fernando V. de. *Das kitandas de Luanda aos tabuleiros da terra de São Sebastião: conflitos em torno do comércio das quitadeiras negras no Rio de Janeiro do século XIX*. 2015. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

GARZONI, Leric de Castro. *Vagabundas e conhecidas: novos olhares sobre a polícia republicana (Rio de Janeiro, início século XX)*. 2007. 172p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2007.

GRAHMAM, Sandra L. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860 - 1910*. Tradução de Viviana Bosi. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

IGNACIO, S. C. D. R.. “O descaso estatal carioca e a denúncia do povo: as diferentes ações governamentais do Rio de Janeiro acerca da insalubridade urbana nas “Notícias Diversas” do *Jornal do Brazil* (1891)”. *ORÉ – Revista Discente de Estudos Históricos da UNIRIO*, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p. 97-115, jan. 2023.

LARA, S. “Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil.” *Projeto História*, São Paulo, n. 16, 1998.

LUCA, T. R. de. “História dos, nos e por meio dos periódicos.”. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes Históricas*. 2aed. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1.

MACENA, Fabiana Francisca. *Madames, mademoiselles, melindrosas: "feminino" e modernidade na revista Fon-Fon (1907-1914)*. 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MAUAD, Ana M.. “A Inscrição na cidade: paisagem urbana nas fotografias de Marc Ferrez e Augusto Malta”. In. MAUAD, Ana M.. *Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias*. 1. ed. Niterói: EDUFF, 2008.

\_\_\_\_\_, Ana Maria. “Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX.” *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, [S. l.], v. 13, n. 1, pp. 133-174, 2005.

MORAES, Renata Figueiredo. “A República e as festas da Abolição: resistência e liberdade no pós-abolição”. *ACERVO (RIO DE JANEIRO)*, v. 33, p. 40-62, 2020.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. “Trabalhadores negros e o 'paradigma da ausência': contribuições à História Social do Trabalho no Brasil.” *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), v. 29, 2016.

PAES, R.L. *Uma eleição caricatural: Raul Pederneiras, a charge e as eleições presidenciais de 1910*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), 2007.

POPINIGIS, Fabiane. *Operários de casaca?: relações de trabalho e lazer no comércio carioca na virada dos séculos XIX e XX*. 2003. 253 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2013.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCHETTINI, C.; POPINIGIS, F. “Empregados do comércio e prostitutas na formação da classe trabalhadora no Rio de Janeiro republicano.” *ArtCultura*, [S. l.], v. 11, n. 19, 2010.

SHARPE, Jim. “A história vista de baixo”. In. BURKE, Peter (org.). *A escrita da História, novas perspectivas*. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

TEIXEIRA, S. D.; VERGARA, M. R. “Considerações sobre a historiografia das reformas urbanas do Rio de Janeiro no começo do século XX.” *ORÉ – Revista Discente de Estudos Históricos da UNIRIO*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 184- 209, ago. 2022.

TERRA, P. C.; POPINIGIS, F. . “Classe, raça e a história social do trabalho no Brasil (2001-2016).” *Estudos Históricos*, v. 32, p. 307, 2019

\_\_\_\_\_, Paulo Cruz. “Greve como luta por direitos: as paralisações dos cocheiros e carroceiros no Rio de Janeiro (1870-1906).” *Revista Brasileira de História* (Online), v. 34, 2014.

VIANNA, Carolina Dantas. “Monteiro Lopes (1867-1910), um ‘líder da raça negra’ na capital da república.” *Afro-Ásia*, núm. 41, 2010, pp. 167-209.

ZANON, M. C.. “A sociedade carioca da Belle Époque nas páginas do *Fon-Fon!*” *Patrimônio e Memória* (UNESP), v. 4, p. 217-235, 2009.